Parnaso Lusitano

ou

Poesias Selectas.

Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas

DOS

AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,

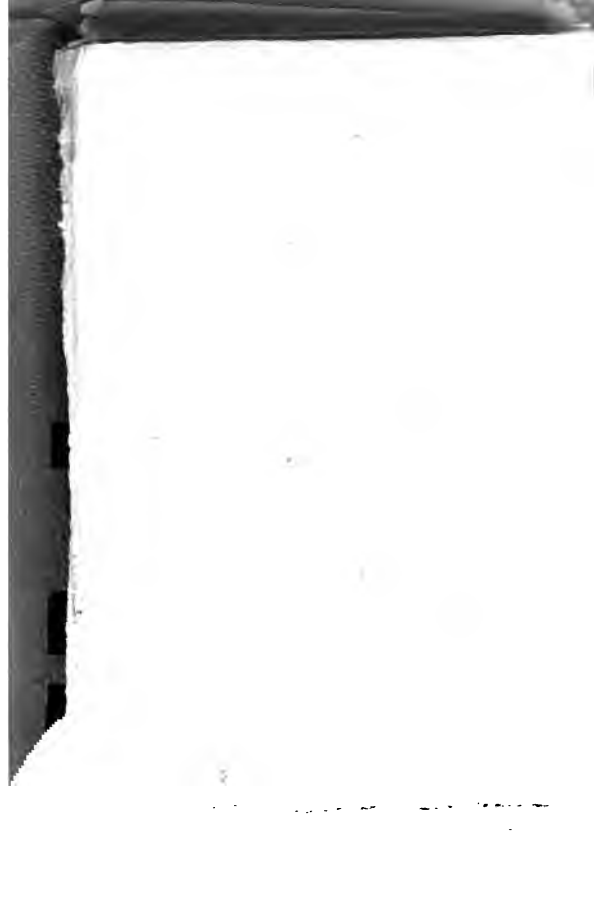
ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO
DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA
E POESIA PORTUGUEZA.

TOMO I.

PARIS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, Nº 11.

M DCCC XXVI.

Á SERENISSIMA SENHORA

Dona Izabel Maria,

Regente do Reino.

Senhora,

A promessa lisonjeira com que Vossa Alteza Real deu nova esperança

e vida ás Artes Portu-
guezas já quasi extinctas
por tantos seculos de des-
favor e desgraça, me ani-
mou a ajunctar n'esta
collecção o mais precioso da
Poesia Nacional, e a de-
dica-la a Vossa Alteza
Real, como primicias dos
abundantes fructos que de
tam creador amparo hão-
de brotar.

Aos pés de Vossa Alteza Real se prostra com profundo respeito,

O mais humilde e leal vassallo.

João Pedro Aillaud.

Paris, 30 de agosto, 1826.

A quem ler.

A minha primeira ideia quando intentei ésta collecção, foi dar ao público um extracto das melhores poesias de nossos classicos. Reflecti depois que não sería ella completa, porque alguns generos ha que não tractaram aquelles illustres escriptores: e em tam rica litteratura como é a portugueza, pena fôra mostrar pouquidade e pobreza. Resolvi-me por esse motivo a sahir dos limites classicos. Mas aínda apparecia outra difficuldade: especies ha de poesia em que não escreveram senão auctores vivos; aterrava-me a lembrança de haver de julgar e escolher obras que aguardam ainda o conceito da posteridade, quasi sempre unico tribunal recto das cousas dos homens, especialmente de materia de gôsto. Todavia o mesmo motivo de querer fazer ésta escolha o mais completa que é pos-

sivel, me determinou a arrostar ess'outro escolho. Procurei nos escriptores vivos cingir-me quanto racionavelmente pude á mais geral opinião, escolhendo aquelles trechos que mais approvados teem sido; observando pola minha parte a mais vigorosa imparcialidade que humanamente se póde. E sendo, como sou, alheio a toda disputa e rivalidade litteraria e poetica, se algum' hora no decurso d'esta obra julgarem deslisei d'essa proposta impassibilidade, peço que o attribuam a êrro de meu juizo, não a proposito deliberado *.

Queria eu tambem ao princípio con-

* Muito tempo hesitei se daria logar n'ésta collecção a um poeta (hoje morto) em quem de certo houve algum ingenho, mas que ignorou e desprezou a tal ponto a lingua, tam cynicamente violou o decoro do stylo, as mais indispensaveis regras do gôsto e da boa razão, que seus poemas são uma *sentina* de gallicismos, e um apontoado de termos baixos, de expressões que não usa gente de bem, de construcções barbaras, de versos prosaicos, semeados áquem

servar a cada escriptor sua particular orthographia ; mas a isso obstaram dous insuperaveis obstaculos. Primeiro — não haver, sôbre tudo nos classicos, uma base boa ou má em que cada um d'elles fundasse a sua orthographia para se poderem regularizar as incalculaveis anomalias que se encontram em uma mesma obra, na mesma pagina ás vezes. Segundo — que havendo sido muitas das obras de nossos poetas antigos e modernos publicadas posthumas, é impossivel a-

além de uma ideia feliz de um bom verso, de uma imagem poetica. Ja se ve que esta descripção a ninguem quadra senão ao Santos e Silva. Cedi tambem n'este ponto á opinião que o considera mais do que elle vale, e escolhi o que me pareceu menos barbaro da tal excentrica Braziliada : e provavel é que escolhesse mal, porque difficil é julgar um homem bem quando está *cahindo com somno.*

Fui obrigado a pôr um grande pedaço, porque em maior espaço appareceria um maior número d'esses poucos *descuidos* felizes do auctor.

certar com o verdadeiro systhema orthographico d'elles. Esta impossibilidade augmentou ainda e se estendeu á quelles que apezar de publicarem suas obras em vida, cahiram em mãos de novos editores todos ignorantes ou descuidados (nenhum conheço, a quem fique mal o epitheto) que em vez de as melhorarem, estragaram e confundiram tudo. Ora d'alguns d'esses não foi possivel, por mais diligencias que se fizeram, descubrir as primeiras edições, as quaes, segundo observei, ainda assim, não serviriam de muito.

Accresciam a estes dous motivos a feia apparencia que teria a obra que mais houvera ficado recosida manta de retalhos furtacôres, do que uma collecção de poetas da mesma lingua.

Determinei pois imprimir tudo com regular e geral orthographia; cujos principios extrahi do uso dos melhores classicos, uso que nem sempre seguiram, mas que manifestamente se ve quizeram seguir; e são estes:

I. Conservar fielmente a ethymologia quando se lhe não oppõe a pronúncia.

II. Combiná-la com a pronúncia quando ésta se oppõe á inteira conservação d'aquella.

III. Nas palavras de raiz incognita seguir o uso geral.

IV. Nas diversas modificações dos verbos conservar sempre a figurativa quando a pronúncia não obsta.

V. Não pôr accentos (agudo e circumflexo que são os unicos portuguezes) senão onde a palavra sem elles se confundiria com outra. (Tambem me servi do agudo para marcar a dieresis por não estar aínda adoptado entre nós o signal (..) que é bem necessario.)

Julgo haver prestado algum serviço á litteratura nacional em offerecer aos estudiosos de sua lingua e poesia um rapido bosquejo da historia de ambas. Quem sabe que tive de encetar materia nova, que portuguez nenhum d'ella escreveu, e os dous estran-

geiros Bouterweck e Sismondi incorrectissimamente e de tal modo que mais confundem do que ajudam a conceber e ajuizar da historia litteraria de Portugal; avaliará decerto o grande e quasi indizivel trabalho que me custou esse ensaio. Não quero dá-lo por cabal e perfeito; mas é o primeiro, não podia se-lo. Além de que, a maior parte das ideias vão apenas tocadas, porque não havia espaço em obra de taes limites para lhe dar o necessario desenvolvimento.

BOSQUEJO

DA HISTORIA DA POESIA

E LINGUA PORTUGUEZA.

I.

Origem de nossa lingua e poesia.

A lingua e a poesia portugueza (bem como as outras todas) nasceram gemeas, e se criaram ao mesmo tempo. Érro é commum, e geral mesmo entre nacionaes, pela maior parte pouco versados em nossas cousas, o pensar que a lingua portugueza é um dialecto da castelhana, ou hespanhola segundo hoje inexactamente se diz.

Das variadas combinações das primitivas linguagens das Hespanhas com o Grego, o Latim, com os barbaros idiomas dos invasores do norte, e alfim com o Arabigo, nasceram em diversas partes da Peninsula diversissimas linguas que nem dialectos se podem cha-

mar geralmente, porque, além de não haver uma commum, de muitos d'elles é tam distincta a indole e tam opposta que se lhes não colhe similhança.

Ninguem ignora hoje que o Proençal foi a primeira que entre as linguas modernas se cultivou, mas que por sua breve dura não chegou nunca á perfeição. Das nações da Hespanha, as mais vizinhas áquelle crepusculo de civilização primeiro melhoraram sua linguagem: mas tambem lhes coube igual sorte; nunca de todo se puliram. O Castelhano e Portuguez, que mais tarde se cultivaram, permaneceram pelo sabido motivo da conservação da independencia nacional, e vieram a completo estado de perfeição e caracter cabal de linguas cultas e civilizadas. O Biscainho, Catalão, Gallego, Aragonez, Castelhano, Portuguez e outras mais foram e são ainda alguns distinctos idiomas: porêm so os dous ultimos tiveram litteratura propria e perfeita, linguagem commum e scientifica, tudo emfim quanto constitue e caracteriza (se é licita a expressão) a *independencia* de uma lingua.

Grande similhança ha entre o Portuguez e Castelhano; nem podia ser menos

quando suas capitaes origens são as mesmas e communs: porêm tam parecidas como são pelas raizes de derivação; no modo, no systhema d'essas mesmas derivações, na combinação e amalgama de identicas substancias e principios se ve todavia que diversos agentes entraram, e que mui variado foi o resultado que a cada uma proveio. Filhas dos mesmos paes, diversamente educadas, distinctas feições, vario genio, porte e ademan tiveram: ha comtudo nas feições de ambas aquelle *ar de familia* que á prima vista se colhe.

Este ar de familia enganou os estrangeiros, que sem mais profundar, decidiram logo, que o Portuguez não era lingua propria. Esse achaque de decidir affoitamente de tudo é velho, sobre tudo entre Francezes, que são o povo do mundo entre o qual (por philaucia decerto) menos conhecimento ha das alheias cousas.

Sem dúvida é que a lingua portugueza começou com seus trovadores, unicos no meio do estrepito das armas que algum tal qual cultivo lhe podiam dar; e provavel é que assim fosse com pouco melhoramento até os tempos d'el-rei

D. Diniz, que no remanso da paz de seu reinado protegeu e animou as lettras, que elle proprio cultivou tambem.

II.

Primeira epocha, litteraria; fins do XIII, até os principios do XVI, sec.

D. João I., o eleito do povo, e o mais nacional de todos os nossos reis, deu ao idioma patrio valente impulso, mandando usar d'elle em todos os actos e instrumentos publicos, que até então se faziam em Latim. Foi ésta lei carta de alforria e de cidade para a lingua que atélli vivera escrava da dominação latina, a qual sobrevivera não so ao imperio romano, mas a tantas conquistas e reconquistas de tam desvairados povos.

Aqui se deve pôr a data da verdadeira aurora das lettras em Portugal, que por singular phenomeno, pouco visto entre outros povos, raiou ao mesmo tempo com a das sciencias: por maneira que quando o romantico alaúde de nossas musas começava a dar mais afinados sons, e a subir mais alto que o atélli conhecido, as sciencias e as artes

cresciam a ponto de espantar a Europa, mudar a face do mundo, e alterar o systhema do universo.

Desde então té á morte d'el-rei D. Manuel, tudo foi crescer em Portugal; artes, sciencias, commércio, riqueza, virtudes, espirito nacional.

Muitas foram as producções de nossa litteratura n'aquelle seculo de glória em que Gil-Vicente abriu os fundamentos ao theatro das linguas vivas, Bernardim Ribeiro puliu e adereçou com alguns mimos da antiguidade o genero inculto dos romances* e seguiu (quasi o segundo) o caminho encetado pelo nosso Vasco de Lobeira nas composições romanescas; e ao cabo mostrou aos rusticos pastores do Tejo alguns dos suaves modos da frauta de Sicilia que nenhuma lingua viva até então ouvíra soar.

A natural suavidade do idioma portuguez, a melancholia saúdosa de seus numeros nos levaram á cultura d'este genero pastoril, em que raro poeta

*Não no sentido de *novellas*, mas no que então se lhe dava.

nosso deixou de escrever, quasi todos bem, porque a lingua os ajudava; nenhum perfeitamente, porque (inda mal) deram ás cegas em imitar Sannazaro, depois Boscan e Garcilaço, e copiaram pouco do *vivo* da natureza, que tam bella, tam rica, tam variada se lhes presentava per todas as quatro partes de que em breve constou o mundo portuguez, e das quaes todas ou assumpto ou logar de scena tiraram nossos bucolicos. Nem d'este geral defeito * (o maximo que per ventura se lhes nota) póde fazer-se excepção, senão for alguma rara em favor de Camões e de Rodriguez Lobo. O Tejo, o Mondego, os montes, os sitios conhecidos de nosso paiz e dos que nos deu a conquista, figuram em seus poemas; porêm raro se ve descripção que recorde algum d'esses sitios que ja vimos, que nos lembre os costumes, as usanças, os preconceitos mesmos populares; que d'ahi vem á poesia o aspecto e feições nacionaes, que são sua maior belleza.

Bernardim Ribeiro foi um tanto mais

* Commum tambem nos outros generos de poesia, onde quer que entra o descriptivo.

original em sua simplicidade o que lhe falta de sublime e culto sobeja-lhe em brandura, e n'uma ingenua ternura que faz suspirar de saudade, d'aquella saudade cujo poeta foi, cujos suaves tormentos tam longo padeceu, e tam bem pintou.

Foi seu contemporaneo Gil-Vicente fundador do theatro moderno, de cujas obras imitaram os Castelhanos; e d'ellas se espalhou pela Europa o mau e o bom d'essa irregular e caprichosa scena, que ainda assim suas bellezas tem.

O proprio Gil-Vicente não deixa de ter seu comico sal, e entre muita extravagancia muita cousa boa. Bouterweck e Sismondi parece que escolheram o peior para citar; muito melhores cousas tem, particularmente nos autos, superiores sem comparação ás comedias. A soltura da phrase, e a falta de gôsto são os defeitos do seculo; o ingenho que d'ahi transparece é do homem grande e de todas epochas *.

* Reservo-me para uma edição que pretendo publicar do nosso Plauto, fructo de longo e penoso trabalho, para examinar melhor este ponto, e demonstrar o que aqui enuncio.

III.

Segunda epocha litteraria ; idade de ouro da poesia e da lingua desde os principios do XVI, até os do XVII, sec.

Com a morte d'el-rei D. Manuel declinou visivelmente a fortuna portugueza: certo é que as artes progrediram, que a lingua se aperfeiçoou; porêm esse movimento era continuado ainda do impulso anterior e ja não promettia longa dura. Assim succedeu. D. João III colheu os fructos do que D. Manuel havia semeado; mas de lavras suas, nem elle, nem seus successores viram colheita.

Uma cousa todavia que muita influencia teve sobre a lingua e litteratura portugueza e que a instituições de D. João III se deve, foi o cultivo das linguas classicas que na reformação da universidade de Coimbra augmentou muito. Os modelos gregos e romanos foram então versados de todas as mãos, estudados, traduzidos, imitados. Aperfeiçoou-se a lingua, enriqueceu-se, adquiriu então aquella solemnidade clas-

sica que a distingue de todas as outras vivas, seus periodos se arredondaram ao modo latino, suas vozes tomaram muito da euphonia grega; d'um e d'outro d'esses idiomas lhe vieram as muitas, e principalmente da grega os muitos hyperbatos; com o que vai rica, livre, e magestosa per todas as provincias da litteratura, que tem decorrido, não havendo ahi genero de composição, para o qual, ou por doce de mais como o Toscano, não seja propria,—ou por mui aspera e guindada como o Castelhano, se não adapte,—por curta como o Francez, não chegue, —por inflexivel e rispida como o Alemão e Inglez, se não amolde.

Claro é que a historia, a oratoria, todas as artes do discurso deviam de florescer com tal augmento. Com ellas todas medrou e cresceu a poesia na delicadeza, na harmonia, no gôsto; porêm desmereceu muito, demasiado na originalidade, no caracter proprio, que perdeu quasi todo, em a *nacionalidade*, que por mui pouco se lhe ia. Todos os deuses gregos tomaram posse do maravilhoso poetico, todas as imagens, todas as ideias; todas as allusões do tempo de

Augusto occuparam as mais partes da poesia; e mui pouco ficou para o que era nacional, para o que ja tinhamos, para o que podiamos acquirir ainda, para o que naturalmente devia nascer de nossos usos, de nossas recordações, de nossa archeologia, do aspecto de nosso paiz, de nossas crenças populares, e emfim de nossa religião.

Sá de Miranda, verdadeiro pae da nossa poesia, um dos maiores homens de seu seculo, foi o poeta da razão e da virtude, philosophou com as musas, e poetisou com a philosophia. Seu muito saber, sua experiencia, seu trato affavel, e até a nobreza de seu nascimento, lhe deram indisputada superioridade a todos os escriptores d'aquelle tempo, dos quaes era ouvido, consultado e imitado. Sá de Miranda exerceu sobre todos os poetas d'aquella epocha a mesma especie de imperio que veio a ter Boileau em França, e mais modernamente Francisco Manuel entre nós. Introduziu na poesia os metros italianos, e os modos, versos e combinações de rhymas de Dante e Petrarca: e desd'ahi quasi se abandonaram inteiramente (excepto nas voltas e glosas) os nossos antigos versos

de redondilha, e absolutamente os de arte maior e menor, que ainda assim mui proprios são para certos assumptos, segundo com feliz exemplo no-lo mostraram antigos e modernos poetas. Nem o mesmo Sá de Miranda igualou nunca em composições hendecasyllabas a pureza, a correcção, a naturalidade e sublime simplicidade de suas redondilhas nas epistolas, que hoje são seu maior e quasi unico titulo de glória.

São de admirar suas comedias, e são notavel monumento para a historia das artes pela feliz imitação dos antigos, e pelo que excedem quanto até então se tinha escripto. Porêm o theatro portuguez creado pela musa negligente e travêssa de Gil-Vicente e João Prestes, carecia de reforma, mas não podia supportar uma revolução. As comedias de Sá de Miranda sem caracter nacional, mui classicas de mais não eram para reformá-lo : o mesmo direi, e o mesmo succedeu ás de Ferreira, a algumas poucas mais que depois vieram. O effeito d'estas composições, aliás preciosas, foi funesto : os litteratos enjoaram-se (e com razão) do theatro nacional, e não se deram a corrigi-lo e melhorá-lo : o

público preferia (e com razão tambem) o com que fôra creado, o que o interessava, o que o divertia, e antes queria rir com as grosserias dos autos populares, que bocejar e adormecer-se com as finuras d'arte e correcções d'essas comedias, que tudo tinham, menos interêsse, onde todo o spirito havia, menos o nacional.

Se houveram Sá de Miranda e Ferreira escolhido assumptos portuguezes, se houveram pintado os costumes nacionaes, e presentado ao público, em vez de quadros italianos, um espelho em que se elle visse a si e aos seus usos, e se risse de seus proprios defeitos; fico em que houveram reformado o theatro em vez de lhe empecer: e acaso gosariamos ainda hoje em uma scena rica e abastada dos resultados d'esse impulso, quando não temos senão que chorar, e vivemos, sôbre o theatro das migalhas que mendigâmos a estrangeiros pelo triste meio de traducções, que (as dramaticas sôbre tudo) nunca podem ser boas.

Sá de Miranda escreveu alêm d'isto algumas eclogas bastante frias, varios sonetos geralmente de pouca monta. Um d'elles á morte de Leandro e Hero é

excellente, mas castelhano, e por esse achaque o não incluí na escolha *.

Não posso deixar de querer mal a tam illustre portuguez polo muito que escreveu n'essa lingua estranha; com que não so privou a natural do fructo de suas tarefas, mas fez maior damno ainda com o exemplo que abriu; exemplo funesto que nos cerceou a litteratura, que nos defraudou d'uma Diana de Montemaior, de tantas boas cousas mais, e ao cabo ia perdendo a lingua.

Mas eisahi Antonio Ferreira para combater esse mal em sua origem: ei-lo ahi esse portuguez verdadeiro, ardente amador da lingua, clamando a todos, pugnando contra todos os que não prezavam e aditavam o patrio idioma com as producções do ingenho e das artes. O profundo conhecimento dos classicos gregos e latinos, o finissimo gôsto que em seu estudo tinha adquirido, a felicidade com que sempre os imitou, a pureza da phrase, as riquezas com que adornou a lingua deram aos versos de

* A. Rib. dos Santos traduziu este soneto em portuguez e (cousa inexplicavel em tal homem!) o deu por seu.

Ferreira grande popularidade entre os litteratos e cortezãos (que, ao aveço de hoje, as lettras viviam então quasi so na côrte) e fixaram determinadamente o genero classico entre nós.

Cegou-se todavia o nosso bom Ferreira na imitação dos antigos; copiou-os, não os imitou : e d'ahi, enriquecendo a lingua, empobreceu a litteratura, porque a avezou a esse hábito de copista; cancro que roe o espirito creador, alma e vida da poesia nacional. Tam cega foi ésta imitação, que seus mesmos versos, aos quaes hoje ninguem defende da nota de asperos e duros (e muitos direi — errados) os fazia assim de proposito por querer usar das etclipses gregas e latinas, a que repugna a indole de nossa lingua so toleraveis em certas vozes que na prosa mesma se pronunciam e escrevem no final com *m* ou sem elle. Este desagradavel defeito dos versos de Ferreira é principalmente sensivel nas dicções que teem final no que chamâmos (mal ou bem) diphthongos nasaes de *ão*, e muito mais quando n'elle é o accento predominante da palavra.

Os sonetos são frios desengraçados; nas eclogas ha bellezas muitas, e mui

grandes, mas espalhadas: nenhumas d'éstas composições tomada per si póde merecer o nome de bella. Porêm das odes, ha d'ellas que são puramente horacianas, e se lhes fallece a elevação (que não era esse o genio de Ferreira) sobeja-lhe a graça, a elegancia e a adornada philosophia, que não agradam menos, nem de menos valor e merito são que os extasis pindaricos, ou os requebros anacreonticos. O que é sem dúvida é que nas linguas vivas Ferreira foi o primeiro imitador feliz de Horacio, e o primeiro dos modernos que pulsou a lyra classica. Das epistolas, ha algumas que podem pleitear em concisão e fino dizer com as boas do lyrico romano. Quanto á pureza da moral, ao nobre patriotismo, áquelle generoso sentimento da honrada liberdade de nossos avós, áquelle enthusiasmo da virtude; esse respira, mostra-se, e resplandece em todas as suas obras.

Mas a verdadeira glória de Ferreira é a Castro, producção admiravel per si mesma, pelo tempo em que a escreveu, por todos os lados por que se considere. Não é ainda líquido entre os philologos se era possivel o ter visto Ferreira a Sophonisba

de Trissino, que mui poucos annos antes da Castro appareceu : mas é sem a minima questão reconhecida a superioridade da tragedia portugueza á italiana : pasma como sem ver um theatro, sem mais exemplares que os gregos e latinos pódesse Ferreira tractar tam delicadamente um tal assumpto em um genero desconhecido da antiguidade. É notavel a primeira scena da Castro, a scena d'el-rei e dos conselheiros no acto II. a do acto III. em que o côro traz a Castro as novas de sua cruel sentença, onde aquella pergunta de Ignez : « É morto o meu senhor, o meu infante? » rasgo de sublime, porêm d'um sublime todo sensibilidade, ao qual nem o *qu'il mourût* de Corneille póde comparar-se ; e finalmente os coros, que sem paixão são superiores a todos os exemplares da antiguidade, e não teem que invejar aos tam gabados da Athalia. Não dou a Castro por uma tragedia perfeita : ainda em relação ao seu tempo e aos conhecimentos da scena d'então tem ella defeitos : não haver uma scena em que se encontrem Pedro e Ignez, não haver algum esfôrço do infante para lhe valer, deixam a peça muito nua de acção, e lhe entibiam

o interêsse. A versificação (que todavia é de preferir aos versos sesquipedaes e limpados com que hoje está prevertida a scena portugueza) pécca geralmente por dura; mas essa mesma é por vezes bella; e para bons entendedores muito ha hi que estudar; e oxalá que os nossos dramaticos lessem e relessem bem a Castro, e apprendessem alli, pelo menos, naturalidade e verdade de expressão, que tanto lhes fallecem.

Não estava ainda n'este auge a poesia portugueza quando um homem pouco conhecido dos lettrados, mas ja célebre per suas aventuras e valor, foi para tam longe da ingratissima patria despicar-se de seu desamor com a mais nobre vingança; a de levantar-lhe um padrão, com que não entram as idades, e que conservará ainda o nome portuguez quando ja êlle houver desapparecido da terra. Muita erudição (pois sabía quanto se soube em seu tempo) ingenho dos que véem ao mundo de seculos a seculos se reúniram em Camões Esse homem levantou a cabeça la das extrèmidades d'Asia, e viu tudo pequeno á roda de si, todos os poetas pigmeus, todos acanhados com as linguas modernas

ainda mal perfeitas, escravos da imitação classica, incertos e entalados todos entre o cego respeito da antiguidade e as novas precisões que as novas ideias, que o novo estado do mundo requeria. Teve ânimo para conceber e fôrça para executar um rasgado e necessario atrevimento de se abrir caminho novo, de crear emfim a poesia moderna, dar não so a Portugal, mas á Europa toda um gande exemplo, e constituir-se o Homero das linguas vivas.

Não me dá espaço o acanho de meus limites para dizer de Camões o que era indispensavel; antes a celebridade de seu nome me deixará parar aqui para dar logar a tractar de menos conhecidos nomes. So direi que a influencia de Camões na nossa poesia, e em toda a litteratura portugueza foi tal que desde então té hoje ainda se não deixou de sentir, mesmo nas epochas em que mais desvairados teem andado nossos poetas com as empolas do *gongorismo*, ou mais lunaticos com os esfusiotes do *elmanismo*. Quasi que não houve genero de poesia que não tractasse : tem sonetos admiraveis; eclogas (sôbre tudo as primeiras) excellentes; mas principalmente de to-

das as poesias menores são o mais sublime e perfeito as canções, genero a que deu uma nobreza e elevação desconhecida mesmo em Petrarca: sirva de próva e exemplo aquella que começa. — « Juncto d'um sêcco duro e esteril monte. » Dos Lusiadas, de suas bellezas e defeitos, das controversias sôbre umas e outros, está cheio o mundo litterario.

Contemporaneo de Camões e ousado tambem como elle a encetar a carreira epica foi Jeronimo Cortereal. O Cêrco de Diu, que é notavel monumento litterario, e que de certo se teve algum exemplar foi a *Italia* do Trissino, é uma fria narração, em que ha bellas ideias áquem além, muita riqueza de linguagem, pouca de poesia, e pelo geral maus versos. E comtudo é talvez Cortereal o primeiro (em data) poeta descriptivo; e creou elle acaso esse genero de que tanto blasonam hoje inglezes, alemães, e até francezes, e que todavia nós tinhamos seculos antes d'elles. Ja no Cêrco de Diu ha muitas boas descripções; mas no naufragio de Sepulveda ha d'ellas sublimes.

Entre muito devaneio de imaginação

e de mau gôsto, entre aquelles insipidos requebros de Pan e de Protheu apparece todavia a morte de D. Leonor que é um trecho da mais bella poesia, da mais fina sensibilidade que se tem composto.

De todos esses poetas que então floreceram é na minha opinião o menos poeta esse Pero d'Andrade Caminha, a quem da amisade e celebridade de Ferreira e Bernardes vem talvez o maior renome. Ainda assim tem algumas odes boas, simplicidade com elegancia por partes de suas composições : epigrammas, são alguns excellentes.

Sôbreviveu a todos estes e á patria, que não tardou em perecer, o suave cantor do Lima que levado per D. Sebastião para testimunhar seus altos feitos, de que devia fazer um poema, perdeu-se com seu rei, e jazeu captivo em Africa. Pondo de parte a questão das eclogas (na qual de certo não andou de boa fé Faria e Sousa) a qual, aindaque propria do logar, é mui longa para os meus limites; Bernardes foi excellente poeta; e com quanto sua linguagem é pobre, e em geral pouco variadas suas composições; a suavidade de seu stylo, certa

melancholia d'expressão que lh'o requebra e embrandece darão sempre a Bernardes um logar mui distincto na poesia portugueza.

Mas ja a nação se perdêra nos areaes de Africa, ja a glória portugueza estava offuscada; com ella foram (como sempre vão) as boas artes. Ainda brilham a espaços faíscas do grande luzeiro que se apagára; mas ja não eram senão faíscas.

Ainda Luis Pereira deplora na *Elegiada* a ruina da patria, mas esse canto funebre é quasi o canto de cysne da poesia nacional, que parece querer fenecer com elle, e ja n'elle moribunda se mostra. Ha excellentes oitavas derramadas per esse poema, algumas descripções felizes, grandissima riqueza de linguagem; mas pouco mais.

Ja Fernão Alves do Oriente diffuso, intrincado nos primeiros labyrinthos dos *conceitos* italianos mostra a visivel decadencia da poesia : ja as musas que tam louçans, e ingenuamente bellas tinham folgado pelas varzeas do Tejo e do Mondego com Ferreira e Camões, apparecem affeitadas com arrebiques e côres falsas, como essas damas para quem se desbota a flor da idade e lhe querem

ainda supprir o viço com emprestados ornamentos, gentilezas compradas e postiças. E todavia ha na Lusitania transformada pedaços lyricos excellentes, e alguns bucolicos soffriveis. Assim elle nos dissesse mais do seu Oriente do que nos disse : assim houvesse enriquecido a litteratura com mais imagens de tantas que sua Asia lhe offerecia, e com que houvera additado a mae patria. Onde o fez, n'aquella ecloga em que conta a historia de Saladino, é elle verdadeiramente poeta; e se d'ahi tirarem alguns trocadilhos que tinha apprendido em Italia, excellente e digno de imitar-se é o resto.

IV.

Terceira epocha litteraria; principia a corrumper-se o gôsto e a declinar a lingua.—Comêço, até o fim do XVII, sec.

Porêm os symptomas do *Gongorismo e Marinismo* se manifestavam ja em Italia e Castella; não perfeitos ainda, não no auge a que os levaram os dous poetas, aliás ingenhosos, cujo nome vieram a tomar; mas ja assim mesmo a poesia

moderna estava quasi toda gafa d'essa lepra de suberba requintada.

Vasco Mousinho de Quevedo, que sem disputar é depois de Camões, nosso primeiro epico; ahi tem ja em toda a nobreza de seus versos a quebra de bastardia d'esse defeito, que todavia é n'elle ainda raro. Mas que bellezas tem esse tam mal avaliado Afonso Africano, a que a cegueira e o mau gôsto tem querido preferir a *quixotica* e sesquipedal Ulyssea, a hyperborea e campanuda Malaca! Não é regular o poema, não é um todo perfeito; o maravilhoso é frio, e a acção toda não mui bem deduzida; mas que riquissimos episodios a enfeitam! A descripção de Zara, o jardim incantado onde aporta o principe. D. João, e alguns outros trechos são cunhados com o sêllo da verdadeira poesia, e animados da luz que so dá o ingenho. Quanto ao stylo, é com poucas excepções fluido e elegante; custa a achar em tam longo poema uma rhyma forçada ou má: e a mesma linguagem, supposto decline um tanto da primeira pureza, é ainda de boa lei e valiosos quilates.

D'ésta epocha é tambem Rodrigues Lobo, cujo grande logar como prosista

não é aqui proprio de examinar : de seu merecimento poetico a commum opinião tem com justiça decidido dandolhe um dos primeiros (eu quizera o primeiro) logar entre os bucolicos antigos; e outro mui differente e inferior entre os epicos. E certo, o Condestabre, apezar de muitos e bons pedaços descriptivos, é frouxa e morna composição. Que differente era a frauta que ia soando pelas margens do Lis, a dulcissima frauta de Lobo, quando comparada com a tuba heroica, para cuja altivez lhe fallecem natureza e arte! seus pastores são verdadeiros pastores, sua linguagem é verdadeira do campo, não lhes sabem pelos golpes do pellico as alfaias da cidade, tam mal encubertas pelos outros bucolicos, os quaes, sem excepção do proprio Camões, todos peccam por mui sabidos e lettrados, por discretos e galantes mais que sóem ser aldeãos e pastores.

Além d'isso ha derramados pela Primavera, Pastor peregrino, etc., pedaços lyricos de summa belleza, romances excellentes e verdadeiramente dignos de admiração e estudo.

Tinhamos perdido a independencia;

perdemos logo o espirito nacional, o tymbre, o amor patrio (que amor da patria poderá haver em quem patria ja não tem); a lisonja servil, a adulação infame levou nossos deshonrados avós a desprezar seu proprio riquissimo e tam suave idioma, para escrever no guttural Castelhano, preferindo os sonoros helenismos do Portuguez ás aspiradas *aravias* da lingua dos tyrannos. Vergonha que so tem par nas derradeiras vergonhas com que nos enxovalharam a lingua e a fama os tarellos, francelhos, gallici — parlas e toda a caterva dos gallo-manos!

Em Castelhano escreviam ja esses degenerados portuguezes : mas pouco importava que o fizessem, que n'isso fraca perda tivemos nós : de toda essa çafra de versos castelhano-portuguezes pouco ou nada ha que espremer.

D'ésta commum baixeza se alevantou o honrado e douto magistrado Gabriel Pereira de Castro, que depois de ter aberto na jurisprudencia um caminho novo e n'aquelle tempo tam difficil por grandes verdades então perigosas, tomou ousado a trombeta de Homero, e não se arrojou a menos que a competir

ao mesmo tempo com a Iliada e Odyssea; que tanto abraça o assumpto de seu poema. Grande é a concepção, bem distribuídas as partes, regularissimo o todo, regular e bella a acção, bem intendidos os episodios; mas o stylo.... o stylo é, prototypo da *Phenix-renascida*, o requinte do gongorismo, cujo patriarcha foi entre nós, pervertendo-nos, á sombra de sua grande fama e brilhante ingenho, todo o resto escasso que de gôsto tinhamos ainda, intrincando a poesia (senão que tambem a prosa por mau exemplo) n'um dedalo inextricavel de conceitos, de argucias, de exagerações, de affectada sublimidade, falsa e van grandeza; com que de todo veio a terra a poesia nacional, e acabou a grande eschola de Camões e Ferreira, que tantos e tammanhos alumnos havia produzido. E suppunha esse homem vaidoso ter sobrepujado com as quixotadas da sua Ulyssea as naturaes bellezas dos divinos Lusiadas!

Quasi o mesmo errado trilho, mas que menos brilhante e com inferior ingenho, seguiu Sa de Menezes na Malaca. Esse poema, que tanto tem engrandecido o mau gôsto, é na minha opinião

um dos derradeiros titulos de glória da litteratura portugueza. E todavia é bem regular, bem concebido, e a espaços se lhe encontram grandes rasgos de gentileza poetica. A falla de Asmodeu no conselho infernal faz lembrar muito a de Lucifer em Milton. Porêm quando agitado o poeta do genio mau que avexava e endemoninhava os poetas d'então, começa a guindar-se e a transpor os derradeiros limites da naturalidade; esquece todo o deleite que algumas estancias mais descuidadas nos haviam causado, e é forçoso desemparar a dura tarefa de tam incómmoda leitura, porque verdadeiramente incommóda e cança tal stylo, tal phrase, tanto hyperbolico luxo e destemperado alambicar.

V.

Quarta epocha: idade de ferro; aniquila-se a litteratura, corrompe-se inteiramente a lingua.—Fins do XVII, atémeados do XVIII sec.

Mas ainda estes tinham sua nobreza, havia não sei quê grande entre todas essas *nuvens de talco;* talvez lhes viesse dos assumptos: porêm seus discipulos

que ainda quizeram ir ávante, deram em fazer *silvas, acrosticos*, e engendraram todos os outros monstros (originarios, segundo Diniz, do *paiz das bagatellas*) e distillando mais e mais as quintas essencias dos conceitos, tanto torceram e retorceram o ja delgado fio poetico, que de todo o quebraram. So Manuel da Veiga o atou momentaneamente em uma ou duas lyras da Laura de Amphriso. Logo tornou a estalar: e per ahi andaram as pobres musas portuguezas jogando as cabras-cegas pelas eclogas de Poliphemo e Galatea, pelos romances hendecasyllabos, e per todos os outros escondrijos do gôsto depravado, de que boas amostras se conservam no precioso tombo da *Phenix-renascida* e alguns outros hoje ignorados livros d'essa triste data.

E todavia ja nós tinhamos recobrado tam gloriosamente nossa independencia, ja o nome portuguez tornára a ser honra e nobreza, e ainda essa lepra castelhana lavrava.

Dous grandes escriptores, ambos prosistas e ambos dignos de muito louvor, concorreram para a continuação d'este mal. Quem podia deixar de admirar

Vieira? Quem não iria levado pela torrente de sua eloquencia? Quem resistiria aos impetos de arrebatamento de Jacinto Freire? O grande talento de ambos, a vasta erudição e desmedido ingenho de Vieira sôbre tudo, fizeram grande damno á litteratura: sabiam, escreviam perfeitamente a lingua, tinham grande crédito na côrte, tractavam grandes assumptos, animava-os o nobre e sincero enthusiasmo da glória e liberdade nacional: tudo foi após elles; imitaram-lhes vicios e virtudes; como não distinguiam em Vieira o grande orador, o grande philosopho do gongorista affectado (quando o era) não estremavam em Jacinto Freire o historiador, o panegyrista do declamador do academico vão; ruim e bom seguiam. E como é mais facil imitar a affectação, que a naturalidade, as argucias de má arte, que as graças de boa natureza; os imitadores foram alêm de seus typos no affectado, no mau d'elles, ficaram immenso áquem do que n'esses era bello para imitar.

Nem o conde da Ericeira que traduziu a Arte poetica de Boileau e d'elle levou tam immerecidos e banaes elogios, tomou

d'ella triaga bastante para se curar do veneno commum : e ainda assim melhor é sua frígida Henriqueida que os outros versos que por então se faziam em Portugal : porém o unico ôlho que o fez rei em terra de cegos, não lhe era bastante para ver e acertar com a vereda da posteridade. Ahi morreu no seu seculo e ahi jaz pela poeira de alguma livraria de bibliomaniaco.

As academias de historia, de litteratura do tempo de D. João V, as associações ridiculas de todos os nomes e descripções que então se formaram, a mais e mais empeioraram o mal, que progressivamente cresceu até o ministerio do marquez de Pombal.

VI.

Quinta epocha : restauração das lettras em Portugal. — Meio do seculo XVIII, até o fim.

A civilização e as luzes que a geram, tinham-se estendido do sul para o norte. A corrupção que após ellas vem em seu marcado periodo, as fôra apagando, ou

ennevoando ao menos, na mesma direcção. De sorte que pelos fins do XVII. seculo o meio-dia, que havia sido berço da illustração da Europa, quasi se ennoitava das trevas da ignorancia, as quaes pareciam voltar como em *reacção* para o ponto d'onde partíra a primeira *acção* da luz que as dissipára.

O norte, que mais tarde se havia allumiado, progredia no emtanto: as boas lettras, as artes, as sciencias floreciam na Inglaterra e per quasi toda a Alemanha. Milton, Descartes, Newton e Linneu brilharam ao septentrião da Europa; e nós meridionaes estudavamos as *cathegorias* e as *summas*, aguçavamos distincções, alambicavamos conceitos, retorciamos a phrase no discurso, torciamos a razão no pensamento.

Porêm a face do mundo estava começada a mudar: as antigas barreiras que a politica e os preconceitos erguiam entre povo e povo quasi desappareciam: as mutuas necessidades, e até o mesmo luxo, faziam quasi indispensavel precisão as permutações do commércio; e o commércio fraternizou as nações.

Reciprocamente se estudaram as linguas, generalizou-se esse estudo: então

é que exactamente os sabios começaram a ser de todos os paizes : os bons livros pertenceram a todas as linguas ; e verdadeiramente se formou dentro de todos os estados um estado que (sem os inconvenientes do *status in statu* dos ultramontanos) com justiça e exacção obteve e mereceu o nome de republica das lettras, a qual é uma, universal, e sem perigo de schisma.

Os effeitos d'esta alteração no modo de existir do universo foram sensiveis : as luzes não so reverteram (sem retrogradar) do norte para o sul, mas se diffundiram geraes. A França viu então o seculo de Luis XIV; Italia deixou sancto Thomaz e os *comncetti* por melhor philosophia e melhor gôsto; Hespanha teve o seu Carlos III ; e Portugal no reinado d'el-rei D. José subiu á altura dos outros povos, senão é que em muitas cousas acima.

E ainda na reforma da universidade não tinham apparecido Monteiros-da-Rocha e os outros portuguezes que d'alli expulsaram a barbaridade entrincheirada em Coimbra como em sua última cidadella da Europa, e ja a razão e o gôsto recobravam seu imperio na litte-

ratura; ja as odes do Garção, as obras do padre Freire e de outros illustres philologos haviam afugentado as *silvas*, os *acrosticos*, e os campanudos periodos do conde da Ericeira, regenerado a poesia e restituído a lingua.

Outravez ainda o limitado d'este bosquejo me impede de mencionar outros ingenhos que tanto mereceram da patria e da litteratura e remoçaram a perdida lingua de Camões. Exige o meu assumpto e o meu espaço que me estreite no círculo poetico.

Garção foi o poeta de mais gôsto e (por aventurar uma expressão que não é legítima, mas póde ser legitimada portugueza) de mais *fino tacto* que entre nós appareceu até agora. Haverá n'outros mais fogo, outros ferverão em mais enthusiasmo, crearão acaso mais; porêm a delicadeza de Garção so tem rival na antiguidade. A musa pura, casta, ingenua, nunca lhe desvairou: em suas composições ha d'ellas onde a mais aguçada crítica não esmiunçará um defeito. Tal é a cantata de Dido, uma das mais sublimes concepções do ingenho humano, uma das mais perfeitas obras executadas da mão do homem. Todo se deu ao genero

lyrico, especialmente ao Horaciano; e n'esse ninguem o excedeu, antes ninguem o igualou. A ode á virtude, a que se intitula o Suicidio (que pela primeira vez sai a lume n'esta collecção) outras muitas que longo fôra enumerar, são de uma belleza, d'uma correcção, d'um *acabado* (como dizem os pintores) que difficilmente se imitará, tarde se chegará a igualar.

Não da mesma sorte Antonio Diniz, que mais arrojado, mais pomposo, menos correcto e elegante, assim correu mais caudalosa, porêm menos pura torrente. Em quanto lyrico, tem rasgos pindaricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de suas odes é em demasia ornamentado; e ellas entre si peccam amiudo de monotonias e repetições. Talvez o jugo dos consoantes, que tam desnecessariamente se impoz, o acanhou a isso. Mas nas anacreonticas é elle sem disputa o primeiro poeta portuguez, e digno rival do ancião de Teios. No genero bucolico tambem nos deixou mui bonitas cousas, nenhuma perfeita. Porêm a verdadeira coroa poetica do Diniz Thalia lh'a teceu, que não outra musa. O Hyssope é o mais perfeito poema he-

roicomico de seu genero * que ainda se compoz em lingua nenhuma : se no castigado da dicção o excede o Lutrin ; no desenho da obra, na regularidade do edificio, na imaginação, foi o discipulo de Boileau muito além de seu grande mestre : e com mais exacção se diria de um e outro o que de Camões e Tasso presumpçosamente disse Voltaire: que se a imitação d'aquelle fizera este, a sua melhor obra era essa. O palacio do genio das Bagatellas, a conversa do deão na cêrca dos capuchos, a ressurreição e vaticinio *do gallo assado*, a caverna d'Abracadabro serão, em quanto houver gôsto, estudados como exemplar pelos litteratos, lidos e relidos sempre com prazer per todos os amigos das artes.

Após estes vem o virtuoso e honrado Quita, a quem pagou a patria com miseria e fome as immensas riquezas que para a lingua e litteratura de seus versos herdou. Um pobre cabelleireiro, a quem as musas que serviu, os grandes

* Digo de seu genero, porque o Orlando furioso tambem é heroicomico, mas d'outro genero.

que com ellas honrou nunca tiraram do triste officio, pôde de sua baixa condição social alevantar-se do primeiro grau litterario, que acaso lhe disputam ignorantes ou presumpçosos, nenhum homem de gosto deixará de lh'o dar.

Este é em meu humilde conceito o nosso melhor bucolico: tómo a liberdade de contrastar a opinião commum, porque o meu dever de crítico me obriga a enunciar lealmente o meu pensamento. Tenho para mim (e fico que acharei quem me siga se de boa fe quizerem entrar no exame) que a immensa cópia de composições pastoris, as quaes não são riqueza, mas desperdicio de nossas musas, ou peccam por empoladas, por inverosimeis, por baixas, por demasiado naturaes, por sobejo elevadas. Um meio termo difficilimo de tocar, de n'elle permanecer, um stylo singelo como o campo, mas não rustico como as brenhas, são dos mais difficeis requisitos que d'um poeta se podem exigir. Se tem ingenho, custa-lhe a amoldar-se e a retelo que não suba mais alto que a difficil medida, e raro deixa de a exceder de perder-se do bosque e acabar em jardins cidadãos e conversas de damas e

cavalheiros o que começára no monte ou na varzea entre pastores e serranas.

Nem Virgilio d'ahi escapou, nem Sannazaro, nem Camões; Gesner sim, e depois de Gesner, o nosso Quita. Não digo que não tenha defeitos, ainda em seu genero pastoril; mas a boa e honrada crítica falla em geral, louva o bom, nota o mau, porêm não faz tymbre em achar defeitos e erros na menor falta para se regosijar da censura. Grandes homens, grandes erros : a natureza da mediocridade é cingir-se a tristes preceitos para esconder sua mesquinhez: porêm de taes nunca fallou posteridade. Horacio e Boileau foram atrevidos quando lhes cumpriu, e desprezaram regras e arte quando os chamou a natureza, e lhes mostrou o sublime. Philinto, que os sabía de cór, tambem se levantou acima das regras, e nunca foi tammanho. E todavia foi elle o maior poeta de seu seculo: mas os grandes ingenhos não contraveem a lei, são superiores a ella, e são elles viva lei.

Mui distincto logar obteve entre os poetas portuguezes d'ésta epocha Claudio Manoel da Costa : o Brazil o deve

contar seu primeiro* poeta, e Portugal entre um dos melhores.

Deixou-nos alguns sonetos excellentes, e rivalizou no genero de Metastasio, com as melhores cançonetas do delicado poeta italiano. A que dirige á lyra com sua palinodia imitando a tam conhecida do mesmo Metastasio a Nice, *Grazie all' ingani tuoi*, póde-se apontar como excellente modêllo. Nota-se em muitas partes dos outros versos d'elle varios resquicios de *gongorismo* e affectação *seiscentista*.

E agora começa a litteratura portugueza a avultar e enriquecer-se com as producções dos ingenhos brazileiros. Certo é que as magestosas e novas scenas da natureza n'aquella vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais differentes imagens, expressões e stylo, do que n'elles apparece: a educação europeia apagou-lhes o espirito nacional: parece que receiam de se mostrar americanos; e d'ali lhes vem uma affectação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.

* Em antiguidade.

Muito havia que a tuba epica estava entre nós silenciosa, quando Fr. José Durão a embocou para cantar as romanescas aventuras de Caramurú. O assumpto não era verdadeiramente heroico, mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobre tudo para a poesia descriptiva. O auctor atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a harmonia de seu canto; mas de leve o fez: so se estendeu em os menos poeticos objectos; e d'ahi esfriou muito do grande interesse que a novidade do assumpto e a variedade das scenas promettia. Notarei por exemplo o episodio de Moêma, que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que bellissimas cousas da situação da amante brazileira, da do heroe, do logar, do tempo não podéra tirar o auctor, se tam de leve não houvera desenhado este, assim como outros paineis?

O stylo é ainda por vezes affectado: la surdem aqui alli seus *gongorismos*; mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, ainda sublimes.

Depois de Diniz o logar immediato nos anacreonticos pertence a outro Brazileiro.

Gonzaga mais conhecido pelo nome pastoril de Dirceu, e pela sua Marilia, cuja belleza e amores tam célebres fez n'aquellas nomeadas lyras. Tenho para mim que ha d'essas lyras algumas de perfeita e incomparavel belleza: em geral a Marilia de Dirceu é um dos livros a quem o público fez immediata a boa justiça. Se houvesse por minha parte de lhe fazer alguma censura, so me queixaria, não do que fez, mas do que deixou de fazer. Explico-me: quizera eu que em vez de nos debuxar no Brazil scenas da Arcadia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus paineis com as côres do paiz onde os situou. Oh! e quanto não perdeu a poesia n'esse fatal êrro! se essa amavel, se essa ingenua Marilia fosse, como a Virginia de saint-Pierre, sentar-se á sombra das palmeiras, e em quanto lhe revoavam emtôrno o cardeal suberbo com a purpura dos reis, o sabiá terno e melodioso, — que saltasse pelos montes espessos a cotia fugaz como a lebre da Europa, ou grave passeasse pela orla da ribeira o tatu esquamoso,

— ella se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmins, porêm dos roixos martyrios, das alvas flores dos vermelhos bagos do lustroso cafezeiro; que pintura, se a desenhára com sua natural graça o ingenuo pincel de Gonzaga!

Justo elogio merece o sensivel cantor da infeliz Lindoya que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brazileiros. O Uraguay de José Bazilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os Brazileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que n'elle é verdadeiramente nacional, e legítima americana. Mágoa é que tam distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não désse mais amplidão, e quadro tam magnífico o acanhasse tanto. Se houvera tomado esse trabalho, desappareceriam algumas incorrecções de stylo, algumas repetições, e um certo

desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito.

Muito ha que os nossos auctores desempararam o theatro: eisahi o faceto Antonio José, a quem muitos quizeram appellidar Plauto portuguez e que sem duvida alguns serviços tem a esse titulo, porêm não tantos como apaixonadamente lhe decretaram. Em seus informes dramas algumas scenas ha verdadeiramente comicas, alguns dictos de summa graça; porêm essa degenera amiudo em baixa e vulgar. Talvez que o *Alecrim e Mangerona* seja a melhor de todas; e de certo o assumpto é eminentemente comico e portuguez: hoje teria todo o merito de uma comedia historica: e se fôra tractada no genero de Beaumarchais, produziria uma excellente peça.

VII.

Epocha; segunda decadencia da lingua e litteratura; gallicismo e traducções.

Á volta este tempo se formou a academia das sciencias de Lisboa pelos generosos esforços do duque de Láfões.

Esse corpo scientifico, de quem tanto bem se augurou para a lingua e litteratura nacional, nem fez tudo o que d'elle se esperava, nem uma parte mui pequena do que podia e lhe cumpria fazer: mas nem foi inutil, nem, como alguns teem querido, prejudicial. E todavia sua fôrça moral não foi bastante para vencer um mal terrivel que ja no tempo de sua creação se manifestava, mas que depois cresceu e avultou a ponto, que veio a tornar-se quasi indestructivel.

Este mal foi a *gallo-mania*, que sôbre perverter o character da nação, de todo perdeu e acabou com a ja combalida linguagem: phrases barbaras repugnantes á indole do idioma, termos hybridos, locuções arrastadas, sem elegancia, formaram a algaravia da moda, e prestes invadiram todas as provincias das lettras. Estudar a lingua materna, como aquella em que fallâmos e escrevemos, é dos mais difficeis estudos, ha mister longa e porfiada applicação. Que bella invenção para a ignorancia e para a preguiça não foi ésta nova linguagem mascavada e de furtacôres, que todos podiam saber sem fadiga, cujas leis cada-um moderava e arbitrava a seu modo,

alterava a seu sabor com tam plena liberdade de consciencia! Foi a religião de Mafoma : propagou-a a incontinencia, a soltura, o desenfreio do appetite. Desprezaram-se os classicos, apodaram-se de ignorantes, de rançosos; e os que não ousavam, por algum resto de vergonha, desacatar assim as honradas cans dos nossos mestres, sahiram então com o banal e ridiculo pretexto de que ninguem podia le-los polas materias que tractaram; que tudo eram sermões, vidas de sanctos, historias de conventos, de frades. Vergonhosa desculpa! Comquê as decadas de Barros, que foi talvez o primeiro que introduziu com feliz execução o stylo classico na historia moderna, são chronicas de conventos? Fernão Mendes Pinto, o primeiro europeu que escreveu uma viagem regular da China e dos extremos d'Asia, são vidas de sanctos? E d'essas mesmas vidas de sanctos, quantas d'ellas são de summo interêsse, divertida e proficua leitura! A vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres tem toda a valia das mais gabadas memorias historicas, de que hoje anda cheia a Europa, e que ninguem taxou ainda de pouco interessantes. Quando

outra cousa não contivesse aquelle excellente livro senão a narração do concilio de Trento, a viagem e estada do arcebispo em Roma, ja sería elle uma das mais curiosas e importantes obras do seculo XVI. E D. Francisco Manuel de Mello, e Rodrigues Lobo, e Camões, e grande cópia de poetas de todos os generos, — tudo isso são sermonarios, vidas de sanctos?

Miseria é que o geral dos Portuguezes jurou nas palavras de quatro peralvilhos que essas calumnias apregoavam : passou em julgado que os classicos se não podiam ler, e ninguem mais quiz tomar o trabalho nem sequer de examinar se sim ou não assim era.

N'este estado de cousas appareceram em Portugal dous homens extraordinarios, ambos dotados pela natureza de prodigioso ingenho poetico, Francisco Manuel e Bocage. Aquelle, filho da eschola de Garção e Diniz, cultivou muito tempo as musas classicas, e ja imbuído no gôsto da antiguidade, ja imitador e rival de Horacio e Pindaro, começou a ser conhecido em idade madura. Este, quasi desd'a infancia poeta, appareceu no mundo em toda a efferyescencia dos

primeiros annos, ardente cantor das paixões, enthusiasta, agitado do seu proprio natural violento, rapido, insoffrido, sem cabal instrucção para poeta, com todo o talento (raro, espantoso talento!) para improvisador. . .

Ambos começaram imitando os grandes mestres de seu tempo, seguindo cadaum em seu genero o stylo e gôsto adoptado e geral desde a restauração das letras no meado do seculo. Mas não são ingenhos grandes para seguir, senão para fundar escholas: nem tardou muito que cadaum, per seu lado, não sacudisse todo jugo de imitação, e seguisse livre e rasgadamente um trilho novo. Bocage a quem seu fado, por mais aventureira lhe fazer a vida, levou ao antigo theatro das glórias portuguezas, voltando d'Asia foi recebido em Lisboa entre os applausos dos muitos admiradores que ja tinha deixado na viril infancia de seu talento poetico. Augmentou-se ésta admiração com os novos improvisos do joven poeta, com a extrema facilidade, com o mui sonoro de seus versos. O fogo de suas ideias ateou o enthusiasmo geral; a mocidade inflammou-se com o nome de Bocage : de enthusiasmo degenerou em

cegueira, em mania; não lhe viam ja defeitos; menos elle em si mesmo. Ninguem duvidava que os improvisos dos cafes do Rocio eram superiores a todas as obras da antiguidade, e que um soneto de Bocage valia mais que todos esses volumes de versos do seculo de João III e do de José I. Ésta era a opinião commum da mocidade; e tam geral se fez, tantas vezes a ouviu repetir o objecto de tal idolatria, que fôrça era que a accreditasse, que com ella se desvanecesse e desvairasse.

Isso lhe aconteceu. O temperamento irritavel e ardentissimo de Bocage o levava naturalmente ás hyperboles e exagerações: essas eram as mais admiradas de seus ouvintes; requintou n'ellas, subiu a ponto que se perdeu pelos espáços imaginarios de sua creação phantastica, abandonou a natureza, e a suppoz acanhado elemento para o *genio*. Mais elle repetía *eternidades*, *mundos*, *ceos*, *espheras*, *orbes*, *furias*, *gorgonas*; mais dobrava o applauso; mais delirava elle, mais o admiravam. Ao cabo, nem elle a si, nem os outros a elle o intendiam*. A

* Assim lhe succedeu, principalmente em mui-

par e passo que as ideias desvairavam, desvairava tambem o stylo, e emfim se reduziu a uma continuada antithese, perpetuos trocadilhos, *tours-de-force*, pulos, saltos, rumpantes, castelhanadas, com que se tornou monotono e (usarei d'uma expressão de pintor) *amaneirado*.

A metrificação de Bocage, julgam-na sua melhor qualidade; eu a peior; ao menos, a que peiores effeitos causou. Não fez elle um verso duro, mal soante, frouxo; porêm não são esses os unicos defeitos dos versos. As várias ideias, as diversas paixões e affectos, as distinctas posições e circumstancias do assumpto, do objecto, de mil outras cousas, — variada medida exigem; como exige a musica varios tons e cadencias. A mesma medida sempre, embora cheia e boa, — o mesmo tom, embora afinado, — a mesma harmonia, embora perfeita, — o mesmo compasso, embora exacto, fazem monotona e insuportavel a mais bella peça de musica ou de poesia. E

tos dos, por natureza e essencia, hyperbolicos elogios dramaticos; genero de composição estravagante e quasi sempre ridiculo.

taes são os versos de Bocage, que nos pretendem dar para typo seus apaixonados cegos : digo *cegos*, porque muitos tem elle (e n'esse número me conto) que o são, mas não cegos. Imitar com o som mechanico das vozes a harmonia íntima da ideia, supprir com as vibrações que so podem ferir a alma pelo orgão dos ouvidos, a vida, o movimento, as côres, as fórmas dos quadros naturaes, eisahi a superioridade da poesia, a vantagem que tem sôbre todas as outras bellas artes : mas quam difficil é perceber e executar esse delicadissimo ponto! Poucos o conseguiram : Francisco Manuel foi entre nós o que mais finamente o intendeu e executou, mas nem sempre, nem cabalmente.

Porêm nos intervalos lucidos que a Bocage deixava o fatal desejo de brilhar, n'alguns instantes que, despossesso do demonio das hyperboles et antitheses, ficava seu grande ingenho a sos com a natureza e em paz com a verdade, então se via a immensidade d'essa grande alma, a fina témpera d'esse raro ingenho que a aura popular estragou, perdeu o pouco estudo, os costumes desregrados, a miseria, a dependencia, a soltura, a

fome. Muitas epistolas, varios idilios maritimos, algumas fabulas, e epigrammas, as cantatas, não são mediocres titulos de glória. Dos sonetos ha grande cópia que não tem igual nem em Portuguez, nem em lingua nenhuma, d'uma fôrça, d'uma valentia, d'uma perfeição admiravel. O resto é pequeno e pouco. A linguagem é pobre; ás vezes facil, mas em geral escaça. Sabía pouco a lingua; a fôrça do grande instincto lhe arredava os erros; mas as bellezas do idioma, so as dá e ensina o estudo. As traducções de Ovidio, Delille e Castel são primorosas.

Mas de traducções estamos nós gafos: e com traducções levou o último golpe a litteratura portugueza; foi a estocada de morte que nos jogaram os estrangeiros. Traduzir livros d'artes, de sciencias é necessario, é indespensavel; obras de gôsto, de ingenho, raras vezes convem; é quasi impossivel fazê-lo bem, é mingua e não riqueza para a littératura nacional. Essa casta de obras estuda-se, imita-se, não se traduz. Quem assim faz accomoda-as ao character national, dá-lhes côr de proprias, e não so veste um corpo estrangeiro de alfaias nacionaes (como o traductor), mas a esse corpo

dá feições, gestos, modo, e indole nacional: assim fizeram os Latinos, que sempre imitaram os Gregos e nunca os traduziram; assim fizeram os nossos poetas da boa idade. Se Virgilio houvera traduzido a Iliada, Camões a Eneada, Tasso os Lusiadas, Miltón a Jerusalem, Klopstock o Paraizo perdido; nenhum d'elles fôra tammanho poeta, nenhuma d'essas linguas se enriquecêra com tam preciosos monumentos: e todavia imitaram uns dos outros, e d'essa imitação lhes veio grande proveito.

Esta mania de traduzir subiu a ponto em Portugal, e de tal modo estragou o gôsto do público, que não so lhe não agradavam, mas quasi não intendia os bons originaes portuguezes: a poesia, a litteratura nacional reduziu-se a monotonos sonetos, a trovinhas d'amores, a insipidas enfiadas

De versinhos anões a anans Nerinas.

Tam baixos nos pozeram os admiradores e imitadores de Bocage, a quem justamente a crítica stigmatizou com o nome de *elmanistas*, — e de *elmanismo* sua affectada eschola. N'elles se mostra-

ram exagerados os defeitos todos do enthusiasta Elmano, sem nenhum dos grandes dotes, das brilhantes qualidades do poeta Bocage.

Alguns ha comtudo de quem ésta asserção não deve intender-se em todo o rigor da phrase. João Baptista Gomes, auctor da Castro, mostrou n'ella muito talento poetico e dramatico. D'entre os bastos defeitos d'essa tragedia sobresahem muitas bellezas. Desvaira-o o *elmanismo;* derrama-se per madrigaes quando a austeridade de Melpomene pedia concisão, fôrça e naturalidade; perde-se em declamações, extravaga em logares communs, inverte a dicção com antitheses, destroi toda a illusão com versos amiudo sesquipedaes e entumecidos; mas per meio de todas essas nevoas brilha muita luz de ingenho, muita sensibilidade, muita energia de coração; predicados que com o estudo da lingua que não tinha, com a experiencia que lhe fallecia, triumphariam ao cabo do mau gôsto do tempo, e viriam provavelmente a fazer de João Baptista Gomes o nosso melhor tragico. Atalhou-o a morte em tam illustre carreira, e deixou orphão o theatro portuguez que de tammanho

talento esperava reforma e abastança.

Mas em quanto Bocage e seus discipulos tyrannizavam a poesia e estragavam o gôsto, Francisco Manuel, unico *representante* da grande eschola de Garção, gemia no exilio, e de la com os olhos fitos na patria se preparava para luctar contra a enorme hydra cujas innumeras cabeças eram o gallicismo, a ignorancia, a vaidade, todos os outros vicios que iam devorando a litteratura nacional.

A sua epistola sôbre a arte poetica e lingua portugueza, que vai á frente d'esta collecção, póde rivalizar com a de Horacio aos Pisões: força d'argumentos, eloquencia da poesia, nobre patriotismo, finissimo sal da satyra, tudo ahi peleja contra o monstro multiforme.

Que direi das odes? Minha intima persuasão é que nunca lingua nenhuma subiu tam alto como a portugueza na lyra de Francisco Manuel. Que ha em Pindaro comparavel á ode a Afonso d'Albuquerque? onde ha poesia sublime, elegante, immensa como seu assumpto, na dos novos Gamas? se o patriotismo fallasse alguma hora aos degenerados netos de Pacheco e Albuquerque, que poderia

elle dizer-lhes igual áquella inestimavel ode que se intitula Neptuno aos *Portuguezes?* E quando a liberdade troa na espada de Washington, submette os raios de Jupiter ao sceptro dos tyrannos aos pés de Franklim, ou tece pela mãos de Pen os laços de fraterna união? Que immenso, que grandioso é o cantor de tammanhos objectos! Quando nas odes a Venus, a Marfisa, a Marcia *voltando inopinada*, no hymno á noite se requebra em amoroso júbilo, ou se enternece de saudade, todo é graças e primores de linguagem, de imaginação, de stylo, de delicadeza, de inimitavel poesia. No genero Horaciano não é elle tam puro e perfeito como Garção, mas nem intendeu menos nem imitou peior o seu modêlo.

Entre as epistolas ha muitas admiraveis: dos contos e fabulas, alguns com elegante sal e chiste. As traducções do Oberon de Wielland, da Guerra punica de Silio Italico, mas sôbre todas, a dos Martyres de Chateaubriand, são thesouros de lingnagem e de poesia.

Nenhum poeta desde Camões havia feito tantos serviços á lingua portugueza: so per si Francisco Manuel valeu

uma academia, e fez mais que ella; muita gente abriu os olhos, e adquiriu amor a seu tam rico e bello, quanto desprezado idioma: e se ainda hoje em Portugal ha quem estude os classicos, quem se não envergonhe de ler Barros e Lucena, deve-se ao exemplo, aos brados, ás invectivas do grande propugnador de seus foros e liberdades.

Nos ultimos periodos de sua longa vida afrouxaram as energicas faculdades d'este grande poeta, e excepto a traducção dos Martyres (que assim mesmo tem seus altos e baixos) quasi tudo o mais que fez é tibio e morno como de um octogenario se podia esperar. O nimio temor de commetter gallicismos, a que tinha justo e sancto horror, o fez cahir em archaismos, e affectação demasiada de palavras antiquadas e excessivos hyperbatos. Não são porém estas faltas, nem tantas nem tammanhas como o pregoou a inveja e a ignorancia.

Muito honrosa menção deve a historia da lingua e poesia portugueza a Domingos Maximiano Tôrres, cujas eclogas rivalizam com as de Quita e Gesner, cujas cançonetas são, depois das de Claudio Manuel da Costa, as melhores que temos.

Foi este muito íntimo de Francisco Manuel, mas tenho por mui exagerados os elogios que d'elle recebeu.

Antonio Ribeiro dos Santos, honra da magistratura portugueza, foi imitador e émulo de Ferreira : poucos ingenhos, poucos characteres, poucos stylos ha tam parecidos; se não que o auctor dos coros da Castro era muito maior poeta, e o cantor do grande D. Henrique muito melhor metreficador. Ésta ode ao infante sabio, algumas outras a varios heroes portuguezes, algumas das epistolas, e especialmente os versos que lhe dictava a amizade para o seu Almeno, são d'uma elegancia e pureza de linguagem rarissima em nossos dias.

Este Almeno é Fr. José do Coração de Jesus, missionario de Brancannes, que traduziu os primeiros livros das methamorphóses de Ovidio em excellente, requissimo, purissimo Portuguez, mas em maus versos : e ainda assim, alguns d'elles são felizes : é de estudar, de versar com mão *diurna* e *nocturna* esse comêço de traducção para quem quizer conhecer as riquezas de uma lingua que compete, emparelha, vence ás vezes, a sua propria mae latina.

Duas ou tres odes d'este virtuoso e erudito padre são mui bonitas.

Nicolau Tolentino é o poeta eminentemente nacional no seu genero : Boileau teve mais fôrça, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de rhetorica. E de suas satyras ninguem se póde escandalizar ; começa sempre per casa , e primeiro se ri de si antes que zombeteie com os outros. As pinturas dos costumes, da sociedade , tudo é tam natural, tam verdadeiro ! Confesso que de todos os poetas que meu triste mister de crítico me tem obrigado a analysar , unico é este em cuja causa me dou por suspeito : tanta é a paixão, a cegueira que tenho polo mais verdadeiro , mais engraçado , mais *bom homem* de todos os nossos escriptores. Aquelle *bilhar,* aquella *função de burrinhos,* aquelle *cha,* aquellas despedidas *ao cavallo deitado á margem ;* o memorial ao principe, o presente do *perum*, são bellezas que so não admirarão atrabilarios zangãos em perpétuo estado de guerra com a franca alegria, com o ingenuo gôsto da natureza.

De José Anastacio da Cunha, que das mathematicas puras nos deu o melhor curso que ha em toda Europa , d'esse

infeliz ingenho (que talento houve ja feliz em Portugal?) a quem não impediam as rectas de Euclides, nem as curvas de Archimedes de cultivar tambem as musas; de tam illustre e conhecido nome que direi eu senão o muito que me peza da raridade de suas poesias? Todas são philosophicas, ternas e repassadas d'uma tam meiga sensibilidade algumas, que deixam n'alma um como echo de harmonia interior, que não vem do metro de seus versos, mas das ideias, dos pensamentos. Todavia ha mister le-lo com prevenção, porque (provavelmente estropiada de copistas) a phrase nem sempre é portugueza de lei.

O padre A. P. de Souza Caldas, brazileiro, é dos melhores lyricos modernos. A poesia biblica, apenas encetada de Camões na paraphrase do psalmo *super flumina Babylonis,* foi per elle maravilhosamente tractada; e desde Milton e Klopstock ninguem chegou tanto acima n'este genero.

A cantata de Pygmalião, a ode o homem selvagem são excellentes tambem.

Aqui me cai a penna das mãos: o estadio livre para a critica imparcial acabou. Nem posso continuar a exercê-la

sem temor, nem o faria ainda assim, pois não qüizera ver revogadas minhas presumidas sentenças pela severa posteridade, quasi sempre annulladora de juizos contemporãos.

Não posso todavia fechar este breve quadro sem patentear a admiração, e o indizivel prazer que me deu o poema do Passeio do Snr. J. M. da Costa e Silva, cuja existencia tinha a infelicidade de ignorar (tam pouco sabemos nós Portuguezes das riquezas que temos em casa!) e que não sei que tenha que invejar a Thompson e Delille, se não for na pouca extensão e, acaso dirá mais severo juiz, em algum verso de demasiado *Elmanismo*. Quanto a mim, fólgo de me lisongeiar com a esperança que seu auctor lhe dará a amplidão e mais (poucos mais) retoques com que ficará por ventura o melhor poema d'esse genero.

Apezar dos motivos referidos, pedirei uma venia mais para mencionar como um poema que faz summa honra ao nome portuguez, a Meditação do Snr. J. A. de Macedo, que tem sido censurada per quem não é capaz de intendêla. Não sei eu se ella tem defeitos; é obra humana, e de certo lhes não escapou:

mas sublimidade, cópia de doctrina, phrase portugueza, e grandes ideias, so lh'o negará a cegueira ou a paixão.

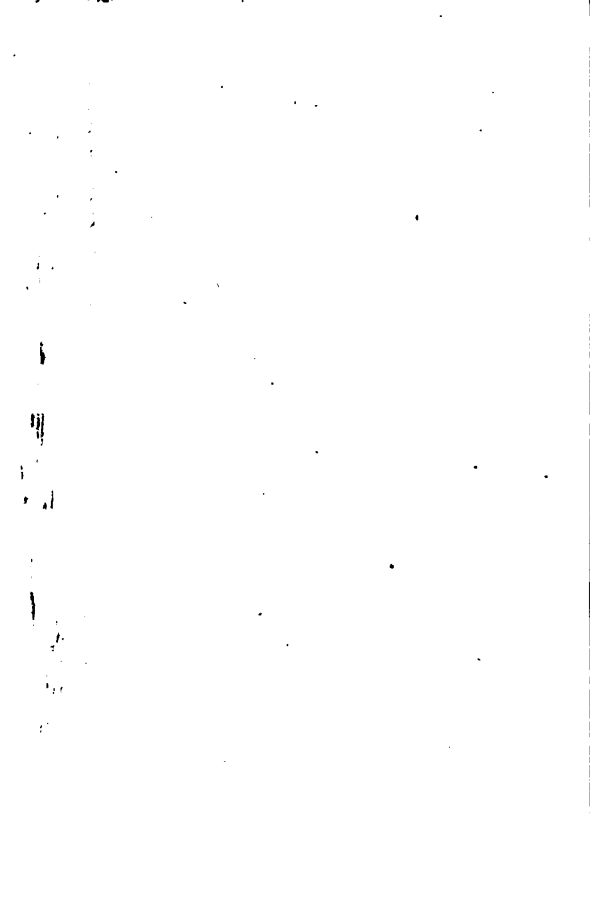
Cita-se com elogio o nome do Snr. J. F. de Castilho, joven poeta que se despica da injúria da sorte que o privou da vista, com muita luz de ingenho poetico.

Os *dythirambos* do Snr. Curvo Semedo, as odes do Snr. J. Evangelista de Moraes merecem grande favor do público: os apologos do Snr. J. V. Pimentel Maldonado são por certo dignos da maior estimação.

As Georgicas de Snr. Mozinho d'Albuquerque fizeram a reputação poetica de seu benemerito auctor. Alguns lhe acharam demaziada erudição, e queriam mais poesia e menos sciencia. Eu por mim tomarei a confiança de pedir ao illustre poeta, em nome da litteratura portugueza, que na segunda edição de sua tam util obra não desdenhe de approveitar os muitos e riquissimos ornatos que habilmente póde tirar de nossas festas ruraes, de nossas usanças (como feiras, serões, desfolhas, etc.), das descripções de nosso formoso paiz; com que decerto fará mais nacional e interes-

sante seu estimavel poema. Não sei tambem se alguma incorrecção typographica ou de cópia, sería origem de várias imperfeições e impurezas de linguagem, que os escrupulosos (e em tal materia é forçoso se-lo) lhe notam.

Tudo isso esperâmos os Portuguezes que nos vangloriâmos de sua excellente obra, ve-lo melhorado na proxima edição que ja reclama o público impaciente.

A litteratura portugueza não mostra presentemente grandes symptomas de vigor : mas ha muita fôrça latente sob essa apparencia; o menor sôpro animador que da administração lhe venha, ateará muitos luzeiros com que de novo brilhe e se engrandeça.

DA ARTE POETICA

E

DA LINGUA PORTUGUEZA;

EPISTOLA.

I.

INTRODUCÇÃO.

Lembras-me, amigo Brito *, quando a pluma
Para escrever magnanimo meneio.
Ama o meu Brito a lusitana lingua
Pura como elle, energica, abastada,
Estreme de bastardo francezismo,
E que a joio não trave de enchacoco:
E quando le, rejeita a phrase spuria
Que com senão mal-assombrado afeia
Asseiada escriptura e ideia nobre,
De legitimos lusos termos digna;
Mas discreto critica; e faz justiça
Sem torpe inveja, sem paixão obscura.
Que, amigo, muitos mordem nos bons versos
Do facundo Garção, Diniz prestante,

* F. J. M. de Brito.

Sem de Horacio ter lido um so conselho,
Sem que acaso divino enthusiasmo
Nunca na alma encharcada lhes fervesse.

Muitos querem vaidosos dar pennada
Na lingua portugueza, que as correntes
Das crystallinas aguas não gostaram
Vertentes dos volumes caudalosos
De Barros, Brito, Souza e de Lucena,
De Ferreira e Camões; fartura arrotam
De Portuguez, porque inda hoje remoem
As mesquinhas migalhas, que das bocas
De amas villans, de brejeiraes lacaios
Na recente memoria lhes cahiram.
Afeitos a tam magra oca pitança
Se amuam contra as raras iguarias
Com que os brindam os classicos bizarros
Em suas mezas guapas e opulentas.

Oh classicos do nosso augusto sec'lo,
Que sempre fostes o patente molde
De elegante escriptura genuína,
Oh quanto deveis hoje mais que nunca
Ser o que são bandeiras nas batalhas!
Quando vai roto o exército, e esgarradas
C'o medo e fuga as marciaes fileiras,
Longe da rota o general previsto
Manda cravar em sítio bem-disposto
Os contos das bandeiras, — Troam logo

Os rufos do tambor echo-batente;
Voltam a vista os vagos fugitivos
Aonde os rufos clamam; vêem nos ares
Soltas as cores dos pendões jurados,
Correm, vão-se apinhar emtôrno d'elles,
E cobrando com ve-los novos brios,
Rugem leões, as brigas ja re-pedem,
Cahem na hostil cohorte, rompem, vencem.
A vista das bandeiras, em triumpho
Lhes transmudou a fuga. — Nós d'ésta arte
Usar convem na fuga e desbarato
Em que nos poz o exército confuso
Da pujante *ignorancia*, a qual cercou-nos
E de vencida *nos levou no tempo*
Do nosso mal-soffrido captiveiro. *
Cumpre aope dos pendões enfileirar-nos;
Entrar-mos na refrega c'os sediços
Pedantes, c'os casquilhos da moderna,
Que nos mofam, nos seguem, nos perseguem,
Quaes bandos de pygmeus, e vêem armados
Cadaum como um Samsão, como um Alcides,
Valentes como impavidos Quichotes,
Os da corja academico-Tarouca
Com bexigas e estalos farfalhudos;
E os mais com pélas de francez *conducta*,
De *afferes*, *rango*, *massacrar*, *ressortes*,

* Em 60 annos que soffremos a jugo dos Castelhanos.

Egidio *, *populacea*, e iguaes remendos
De mal-alinhavada Francezia.

Não que á lingua franceza eu ódio tenha,
Que fòra absurdo em mim. Ninguem confessa
Mais sincero o valor de seus bons livros
De todo o bom saber patentes cofres
De polidez e de eloquencia ornados.
Bastara em seu louvor, se o carecêra,
Ser bem vista e prezada em toda a Europa,
Das côrtes e dos sabios no universo.
Conter em si ou proprio ou traduzido,
Quanto Minerva poz no peito humano,
As fadigas das artes, das sciencias,
E os enfeites do florido discurso.

Mas como fôra escarnecido em França
O que emprehendesse himpar de phrases lusas
Um discurso francez em prosa ou verso;
Assim pede entre nós ser apupado
O tareco doctor, que á pura fôrça,
Quer atochar de termos bordalengos
O nativo desdem da nossa falla.

Se temos de pedir a alguma bolsa

* Substituição á palavra portugueza *egide* feita per certo diplomata, segund o testimunho de Francisco Manuel.

Termos que nos faleçam, seja a bolsa
De nossa mae latina, que ja muito
Nos acudiu com pressas mais urgentes,
Quando em bronca escassez ja laborámos
Ao sahir-mos das mãos da bruta gente. *

II.

Origem da lingua portugueza. — Seu augmento. — Perfeição. — Decadencia.

Uma lingua tam dura como as armas,
Que em nosso pro terçavam nas pelejas,
Era a lingua dos Lusos valorosos
Antes que os claros lumes do alto Pindo
Queimassem fezes godas e mouriscas
Da tosca algaravia, que em seu seio
Lavrou até o seculo apurado
De João segundo, de Manuel ditoso.

Quem vendo em carcomidos pergaminhos
Foraes de goda-arabica escriptura,
Dirá que elles descendem da elegancia
Da lingua dos Romanos, que a foi nossa,
Que a bem fallamos muitos centos de annos? **

* Godos e Mouros que senhorearam muito tempo a Lusitania.

** Desde antes de Julio Cesar até á irrupção dos Godos, Vandalos, etc.

Que foi depois que as guerras e infortunios *
Alagaram os predios de Minerva,
Derribaram columnas de seu templo,
Rodaram na torrente os moveis sacros,
Deixando so ruínas mal-cubertas
De apodrecidos limos e de abrolhos?

Então quebrou o fio precioso
Do collar de medalhas guarnecido
C'os nomes de eruditos Portuguezes,
Que atou depois com laço mal-seguro
O Freire, e ainda algum mais, mas raro e froxo,
Que o pouco cabedal levou comsigo
Do puro portuguez que inda restava;
E em lingua bruta oco-rimbomba ou freira,
Nua de valentia, e de doçura,
Lardeada de ensôssos baixos termos,
Foi a classica lingua convertida.
Tal era a geringonça mais da moda,
Qando eu nasci, nos pulpitos gritada
E cantada nas nobres académias;
Quando ingenhos mais altos, indignados
Da fatal corrupção, a resurgiram
Das campas, do lethargo em que a pozeram
Balofos biltres, mazorraes syndapsos **.

* Os Jesuitas e os Castelhanos.

** Derivação das palavras gregas πλιχτρις, e συνδαπσες.

Assim ja d'antes em igual desastre,
Amparados das azas do monarcha, *
Sahiu um luso enxame cubiçoso
De conquistar pelos lyceus da Europa,
As sciencias da patria foragidas:
E quando a nós tornaram da colheita
Os novos Tullios,** alta esp'rança lusa,
Dando de mão ao godo-arabe enleio
Que desfeiara as lusitanas fallas,
Co'ouro da grega lingua, e da latina
Deram brilho ao dizer: antes crearam
Uma lingua mais nobre, mais mimosa,
Digna dos nobres Genios que luziram
N'essa classica idade, e que nos deram
Os moldes da elegancia portugueza.
Elegancia que herdada a nós viera,
A não ser salteada no caminho
Per mãos facinorosas. — Quem nos veda
Tomar a antiga senda, para herdá-la
Nativa e pura e digna, qual trilharam,
Para creá-la, os nossos bons maiores?

* D. João II mandou muitos moços estudar á Italia e á Alemanha.

** Marco Tullio Cicero sahiu de Roma a apprender na Grecia.

III.

Estudo da lingua. — Exemplo das nações estrangeiras. — E principalmente da franceza que tam tontamente imitam os tarellos.

Saiam dos muros da ferrenha patria
Quantos desprezam os facundos sabios
Que a lingua lhes legaram generosos,
E verão povoados os lyceus
Das estranhas nações na docta Europa,
De illustres bispos, de anciões consultos,
De polida nobreza, e até das damas,
Que a natureza fez tam ingenhosas,
Tam validas das musas, qual de Venus;
Todos pendentes das discretas vozes
Com que um lente mui primo dá realce
Ás bellezas dos classicos antigos,
Aqui notando a concisão da phrase
Que o lucido « sublime » em breve engaste
Cerra e compõe; alli a formosura
Da caudal eloquencia que transborda
Per floridos jardins, verdes ribeiras.

Ah! se eu podesse ver na Elysia minha,
Sequiosa de saber, francos e abertos
Tantos porticos de artes, de sciencias,
Como não levantára ella a aurea frente
Entre tantas nações que a so conhecem

Por ter dobrado o horrendo promontorio,
Por um antigo brado de conquistas!

Fallam no bom Camões alguns Francezes,
Que o leram traduzido em prosa ensossa;
Mas rejeitam de o ler na lusa lingua,
Que apenas paga o custo de apprendê-la
Com ler um so Camões: tam pouco aprêço
Lhe dão de si os novos escriptores!
Não fôra assim, se nós mais cuidadosos
Désse-mos mor valia á nossa lingua,
Polindo-a, ennobrecendo-a, opulentando-a
Com cabedaes de Urania, Clio e Erato:
Que assim se fez no mundo conhecida
A lingua grega; e o lacio, que pretende
Emulá-la, seguiu o mesmo trilho:
Seguiu-o a Hespanha, a França, co'a Toscana;
E até as boreaes nações o seguem.
Nós prezâmos tam pouco a nossa lingua,
Que tam somente as outras apprendemos,
Em desar da nativa; e a ser-nos dado,
Na franceza escreveramos, fallaramos,
Como ja na hespanhola, por lisonja,
E por louca vaidade, compozemos!

Amor da patria sopra em mim despeitos
De a ver per filhos seus pouco abonada.
Ah! patria muito ingrata e muito amada,
Ah! que eu, se em ti soubera as boas lettras

Mais versadas, mais público o bom gôsto;
D'este encargo de encommendar leitura
Dos nossos bons auctores, me esquivára.

Desce Apollo aos lyceus com prazer summo
A derramar clarões de arte divina
Nos que ávidos anhelam ver ausentes
As trevas da malefica ignorancia:
Como na longa hiberna madrugada,
C'os olhos fitos no tardonho Oriente,
O medroso apressado peregrino
Espera Phebo, e os lucidos Ethontes
Que véem de longe c'o flammante carro
Disparar no horizonte as luzes, o ouro,
E pôr em fuga a noite e seus sequazes,
As trevas, os pavores e os flagicios.

Muitos d'estes lyceus são chrysol puro
Da liga da linguage: alli de auctores
De grave fama ancian bem-merecida
As immortaes bellezas se alardeam;
E o líquido ouro fino da palavra,
Da phrase mui formosa, alli se apura.
Sólta o criterio a voz, e o docto exame
Cala pelos rememoros ouvidos
Com agrado e proveito até ás almas,
Onde se imprime e guarda longamente
Sabor das eloquentes iguarias.

Um Francez que ouve um lente venerando
Tractar com mão devota os sabios livros
De Fenelon, Racine, quando explica
Seus ornados conceitos, não desdenha,
Não moteja do auctor que lhe dá fama
Nos arredados climas, nem do alumno
Que caminhando ao templo da Memoria
Leva per foros, leva per serviços
A nobre imitação de bons modelos,
E na phrase imitada o cunho antigo.

Assim o statuario cuidadoso,
Se encarregado da sublime face
D'um rei virtuoso, deus de seu bom povo,
Deseja entre os Myrons e os Praxitéles
Ter logar na custosa eternidade,
Dos Myrons e dos Phidias tira os rasgos
Das bizarras feições, das attitudes;
Até das roupas imitando as pregas,
Aqui descobre, alli apanha ou sólta,
E transladando á pedra o concebido
Typo de fórmas conhecidas na arte,
Compõe um todo a si so comparavel,
Gôsto de mestres, e do alumno glória.

Taes eram approvadas e bemquistas,
Por nobre imitação de almos traslados,
Do pindarico Elpino as cultas odes;
E a facundia bebida nos antigos

Que vertia o Garção nos seus poemas,
Quando na Arcadia * outr'ora os escutava
De atilados varões o estreme ouvido.

IV.

Creação de novos termos; instauração dos antigos. — Exemplo dos mesmos Francezes.

No sacro templo ** que á pureza e lustre
Da linguagem franceza ergueu eterno,
Pelo Richelieu, Luis o magno,
Ouvi eu (e inda a voz no ouvido toa)
Um sabio *** em toda a Europa acceito e lido,
E inda mesmo entre nós não ignorado;
N'uma lingua tam farta (como dizem)
Dos cabedaes de auctores tam egregios,
Que não soffreu desfalques, bastardias,
Como a nossa nas eras derradeiras;
N'uma lingua que engrossa e se enriquece
Cada dia c'os rios de eloquencia
Que tam caudaes de todo o monte manam;
Este sabio escassezas lhe achacava,
Pedia atrevimentos generosos
Nos que à colhêr os fructos se abalançam

* Associação litteraria, célebre em Lisboa no tempo d'el-rei D. José.

** A Academia da lingua franceza.

*** Marmontel.

Nos vergeis das sciencias. Novas cousas
Novos nomes requerem. Ja Lucrecio
Para a lingua tam rica dos Romanos
Sollícito pedia larga venia.
Larga venia pedia para a sua
Este sabio tambem; e que se acceitem
No bom stylo francez termos latinos:
E dos antigos termos saúdoso
Desejava que á vida os revocassem
Dando-lhe alma nos livros duradouros.

Reparae bem, matula afrancezada,
No sabão que vos vai pelos bigodes:
Vêde como arde na vermelha face
Sopapo que vos calma a mão franceza!
Certo estou que calando este discurso
No attento ouvido dos Francezes sabios,
As palavras antigas farão novas
Em premio da razão, dos bons serviços;
Que honradas cans c'o honrado abrigo acodem
A quem as poz no auge da valia.

A tam séria oração, tam proveitosa
Estimada da patria, e dos de siso,
Não riam como parvos os Francezes,
Mas ririam os paralvilhos lusos
Besuntados de porca modernice,
Que não podem soffrer palavra ou phrase

Que não venha em Telemaco capado *
Ou novos sermonarios francezistas;
Que cuidam que encerrada nos miolos
Teem da lingua a abundancia, a fôrça, o lustre,
Com atar um suado comprimento,
Fallar de cães, de modas, de cavallos
N'uma roda de moças e tarecos
De elegante saber igual ao d'elles.

V.

Objecção principal dos neologistas. — Põe a resposta na boca de Garção. — Hyperbatos. — Palavras compostas.

Mas vamos acudir ao mais forçoso
Argumento que poem estes maricas,
Que estremecem de vozes que não leram;
Como de cousa má, longa aventesma,
Se arripiam mulheres e meninos.
« É grande affectação (assim me arguem)
Usar da antiga phrase, antigos termos
Que o marquez de Pombal não usou nunca,
Antes quasi os condemna em suas prosas.

* Traducção de certo Bacharel chamado José Manuel Ribeiro Pereira, o qual tendo la para si que o illustre Fenelon deixara incompletta a sua obra, accrescentou-lhe mais um volume, que intitulou: *Aventuras finaes de Telemaco, etc.*

Usar de termos que não usa o Pina *,
Nem os nossos garridos prégadores:
Co' esses termos que vogam, bem fallâmos;
Co' elles verseja o Mattos, canta o Caldas,
E o Macedo ** no outeiro se espaneja.
A lingua é como a moda: *** a novidade
Lhe dá gala e primor. Motiva riso
Campar-nos hoje com sediças phrases
Do caduco Lucena, aguado Barros,
Querendo-as pôr á moda no discurso,
Como quem nos viesse delambido
Inculcar para adôrno guapo e serio
Enrocados manteos, golpeadas calças.»
Cuido que o vejo erguer-se arreminado
La da campa onde jaz sêcco e moido,
O meu Garção, e azedo e zombeteiro
Responder-lhes assim: «Tendes sobejos
Para o mal que fallais, e para as trovas
Com que a patria pejais, pejais a lingua;
Melhor fôra, boçaes, nascesseis mudos.
Que enrocados manteos, calçudos pintos
Me allegais por escarneo? Quantas modas
Não vêdes vós sediças, que resurgem

* Escriptor gongorista dos principios do XVIII. sec.

** Poetas de minguada fama, Bavios e Mevios d'esse tempo.

*** Formaes palavras de uns Redactores, que Francisco Manuel conheceu em Paris, e de outros mais Gallici-parlas.

Como o fetido Lazaro, e campeiam
Mui galhardas per esse mundo louco?
Os manteos enrocados, ide ve-los
Co'as calças golpeadas, na mais secia
Côrte da Europa, e mais lidada forja
Das tremolantes e assopradas modas.
Vede-me os *cem-suissos* gigantescos,
Cerrada guarda do francez sob'rano,
Como trajam nos dias mais garridos
Enrocados manteos, golpeadas calças,
Que galas foram ja de airoso adôrno
Ao quarto Henrique, ao forte illustre Castro.
Lede, basbaques mancos de doctrina,
Que (de acêrto) até modas vem nos livros;
Como em Pegas* achou, passados annos,
Certo lettrado os oculos perdidos. »

— « Mas escuta, Garção, (cuido que os ouço)
Se o pensamento é bom, faz seu effeito,
Sem ser precizo revolver poeiras
De latinos Camões, sediços Barros,
Sem joeirar palavras fastiosas
De velhos alfarrabios com bafio.
— « Callai-vos, tolos (o Garção responde)
A elocução é tudo. Uma sentença
Que tosca refugais por desagrado,
Se com phrase concisa ornada e culta

* Auctor rancido.

Vem ferir n'alma, o ouvido amaciando,
Abalados ficais, ficais absortos,
Namorados da sua formosura.
Que assim a guapa seda, a tela de ouro,
Se mal talhada vem das mãos do mestre,
Perde a gala por gebba em seu feitio.
Quando outra, menos rica, mas airosa
Polo acêrto e primor do lindo talhe,
Orna o dono, e de applausos rouba a estrea.
Dar com vozes valor ao pensamento,
Dar-lhe côr, dar-lhe vida é o grande estudo,
A gran' venida de immortaes auctores.
Que não basta dar pasto são á mente,
Se não vem adubado de bom gôsto:
E assim é que a verdade cala na alma,
Louçan c'os atavios da eloquencia;
E assim tambem resvala dos ouvidos,
Se vem sêcca ou ensossa ou mal-trajada.
Uma palavra nova ou renovada,
Que com estranho som, mas bem-cadente,
Desperta o ouvido, é saúdavel toque:
Que inclinam á priguiça, ao desattento
Os animos de ouvintes distrahidos,
Que a corda da attenção per longo tempo
Não podem ter tam rija que não bambe.
Para a atesar de novo, o bom poeta
Varía o tom do canto com figuras,
Com descripções; ousado ja apostrópha
Homens e numes... Quantas vezes, quantas

O intrepido poeta arrisca o enleado
Hyperbato, que embaça a intelligencia
Á prima vista, mas que apraz, namora
Quando abre todo o senso? Assim de Horacio
E dos romanos classicos polidos
Apraziam transpostos os vocabulos;
E fôra riso e escarneo dos ouvintes
Dar-lhe odes de sentido corriqueiro,
Fluentes como o usado padre nosso.
Tambem c'um termo so, quando o poeta
Se aventura ao perigo, e vai busca-lo
A longes sitios, e atrevido o encosta
A nome que se estranha de o ver juncto
De si, mas que o ennobrece e allumia...
Tambem digo que toma alento a lassa
Attenção, e agradece ao vate o gôsto
Que lhe dá co' a dicção, e louva a indústria
Com que ornou c'uma flor de mais a lingua.
Canoros dispertae co'a novidade;
Beliscae meigamente o seio da alma;
Inventae, renovae, usae translatos;
Convidae o appetite, dae-lhe fôrças;
Envidae o saber, obtereis graças
De quem bem instruístes, deleitando-o.
Nunca espereis que um d'esses encolhidos,
D'esses malsins de atrevimentos nobres,
Consiga um grito dar, com que a alma acorde.
Assim vimos, porque alto e bem dormiam,
Bem roncavam os hospedes cançados

Que acalentava a regia academia
Com derreadas prosas soporiferas.

VI.

Necessidade de estudar a propria lingua, sôbre todas as outras. — Thesouros d'onde tirar antigos termos, os classicos portuguezes. — Origem d'onde derivar os novos, os latinos e gregos.

Estudâmos com tanto apuramento
Classicos gregos, classicos latinos;
Linguas em que, apezar de improbo estudo,
Seremos sempre broncos aprendizes;
Nem quando bem queimadas as pestanas,
Mirrassemos em ler pêcos Noltenios,
Escholiastes decrepitos e escuros;
Não nos cabe fallá-las co'a franqueza
Dos antigos Romanos; quando muito
Fallaremos latim como fallava
Entre nós certo Inglez que muitos annos
Em Lisboa viveu, e me dizia
Mui serio — *Mim quer vai á Rata* * crendo
Que dava um puxo bom na lingua lusa.
Nós, quando á fôrça de amplos diccionarios,
De grammaticas, de aridos commentos,
Novos Manucios, Fabros, ou Resendes,
Greguissimos Scaligeros da gemma,

* O Rato, sitio em Lisboa.

Gaguejemos latim a Plauto, a Horacio,
E grego a Homero, a Pindaro; ririam
Da nossa arrogantissima impotencia,
E sem nos comprehender nos deixariam
Latinizar e greguejar o froxo
Nas theses, nos umbratiles collegios.

Como? Em cadoz de ingrato esquecimento
Deixar-mos a linguagem que nos serve
Em tractar os negocios, as usanças
D'ésta vida civil, razões de estado
C'os nossos conterraneos, c'os amigos,
Em dar pasto co'as damas ás mais puras
Mais brandas affeições do animo humano,
Para dar todo o estudo a estranhas linguas!

Fallemos portuguez brando e sonoro
A Portuguezes que entender-nos cabe.
E se expertos me arguem os peraltas,
Que as riquezas vocaes que assim pretendo
Introduzir empecem á clareza
Da lingua, e que o vulgar dos Portuguezes
Não póde subito abranger o senso
Das vozes classicas, remotas do uso,
Das novas, das latinas, das compostas,
Mui pachorrento e concho lhes respondo,
Que as que hoje estão em uso foram novas
Tam difficeis então, quanto éstas hoje
De serem do vulgar bem intendidas.

Quando ó Pombal* nas leis punha *apanagio*
Ninguem soube que enxalmo, ou que encommenda
Que bixaroco era *apanagio* : os mesmos
Lettrados se tomavam da tarantula.
Apanagio passou : hoje é corrente.

Qual foi o sapateiro, ou curraleira
Que pescou o sentido enrevesado
Em *retractar*, *controverter*, em outras
Da vez primeira que sahiu da boca
Do freguez que lh'a disse ? Pouco a pouco
Explicada, prégada, conversada,
Conseguiu ser palavra corriqueira
Quem d'antes era enigma avesso, abstruso.
Tal é o fado das primeiras vozes.
Estranham—Vão entrando—Formam posse —
Depois ficam de assento — e entre nós casam—
Ei-las parentas ja de toda a lingua.
Que assim é que um caminho de pe pôsto,
Co' andar da gente, passa a ser estrada **,
Como em limpida fonte, em nossos mestres
Do seculo das lettras lusitanas,
E nas paginas ferteis dos Latinos
Tomem linguagem pura os bons ingenhos
Que a colhér palmas de eloquencia lusa

* O marquez de Pombal.

**Não se póde intender isto em toda sua amplidão. mas sob as condições postas pelo auctor e hoje adoptadas geralmente.

Inclinam seu proposito e porfia : *
Ou ja no foro os animos consultos
Queiram mover a compaixão piedosa
Do reo mal arguido ou mal defezo;
Ou da verdade na cadeira anceiem
Soltar as pandas velas da facundia
Em assumptos moraes ou ja sagrados.

Os exemplares puros com nocturna,
Diurna mão per vós sejam versados,
Per vós poetas que quereis no Pindo
Conquistar os favores das Camenas.
Se desprezais dos classicos o estudo
Sereis dos sabios lusos desprezados.
Oh! que é desdouro um vate alçar as vozes
Promettedoras de altaneiro assumpto
Ante o povo apinhado, e ser mesquinho
No arrôjo, na affluencia das pinturas
Com que anhela estofar o seu discurso,
Por falta de eloquentes vivas côres
Que so dão as palavras preciosas
Cavadas nos bons mestres, ou tiradas
Do riquissimo erario dos latinos.

Quando em público falla, quando escreve
Obras dignas de sofrega leitura,
Se inteira o bom auctor, colhe de plano,

* Verso de Camões.

(E com que dissabor!) o quanto ignora
A lingua em que se deu por abastado;
Vendo á bolsa que creu pejada e himpando
De grosso cabedal, de ricas phrases,
De termos nobres, ermo e exhausto o fundo.

VII.

Invectiva contra os maus poetas. — Exemplo dos bons auctores.

Nescio grulha que em çujo charco molhas
A lingua com que os classicos motejas,
E a quem de suas messes faz ganancias,
Convem comigo, se és sincero e franco,
Que nunca déste inteira á voz e á penna,
(Qual te luziu na mente) a ideia tua,
Por charro ou por mendigo de palavras
Que dão côr e dão alma ao pensamento.
Olha o Garção, quam rico na pintura
Da infeliz Dido * as côres assignala,
Quando perecedora, entregue a Clotho:
« Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sôbre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro crystallino peito:
Em borbulões de escuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:

* Cantata de Dido, no entremez da Assembléa.

De roxas espadanas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas !
Não ha termo que não traslade ao vivo
No esp'rito do leitor o fiel quadro
Que o Garção debuxou na clara ideia.
Sim : que estado e razão lhe persuadiram ,
Que ao vate acceito á Apollo , acceito ás musas
Cabe espertar no ouvinte imagens vivas
Com valente pincel , accesas côres ,
Arrojado nos rasgos , lumes , sombras ,
E ardente como esse estro que o inflamma.
Quam custoso lhe fôra ! — Quam negado
O arrôjo no desenho , o vivo em côres ,
Que os sentidos movendo calam na alma ,
Se colhida nos campos da leitura
Tam copiosa seara não tivera !

VIII.

Differença entre a locução trivial e a sublime da poesia. — Ornatos poeticos.

Inda te dou que possas como o vulgo
Fallar correcto ás vezes. Não te basta
Trivial locução para subires
O primeiro degrau do templo que honra
O merito eloquente. Evitar erros
É erguer-se apenas do plebeio lodo.
Longe estás de ganhar subido prémio ,

Que pende para quem com louçania,
C'o dom de aurea dicção, dá garbo ás fallas,
Varia, estrema a phrase mais venusta,
Com que dote de esplendida riqueza
De seu discurso a intrepida estructura.
Que é suberbo palacio um bom poema,
Cuja fachada, camarins e salas
Com regia pompa ser ornados pedem.
O ouro e o matiz das sedas e pinturas,
Dos cofres mais reconditos da lingua
Os tira á luz o próvido poeta.
Vocabulos, effigies dos objectos,
Que Camões, que Vieira memoraram,
Que informe po cobre hoje; se erudita
Mão lh'o sacode, e as caus remóça activo,
Com lingua rica aditará a Elysia.

IX.

Como se arruinou a lingua e poesia portugueza;
— Concisão sublime.

Quando orpham de bons classicos o idioma
Se viu ao desemparo, ao desalinho
D'um tropel de ignorantes, todo o rico
Custoso cabedal que tinha herdado
Da ància do estudo de escriptores sabios,
Se esvahiu pelas mãos de ruins tutores.
Um fastioso de *após*, desfez-se d'elle,

Este espancou *quiçá*, ess' outro *asinha;*
E assim dos mais. Foi roupa de Francezes.
Os termos mais energicos, mais curtos,
Os mais sonoros, por melindre ou birra,
Foram longe da lingua degradados.
E outros foram perdidos por desleixo.
E nós de avítos bens herdeiros lídimos,
N'um patrimonio entrámos defraudado
D'ouro, padrões, alfaias nu e cru.

Vistes vós n'uma casa onde morreram
Pae e mãe, e mui ricos, mas sem dono
Ficam muitos filhinhos? — Um começa
A descompor gavetas, a abrir cofres,
D'um lenço de cambraia faz zorrague,
Cavalga outro em bengala castão-de-ouro,
Este um dedal de prata, aquelle um diche
De subido valor, pela janella,
Brincando ou descuidado, deita á rua;
Rodam broches e anneis pelo sobrado,
(Preço de muitas lidas!) — sobem logo
Enxames de rapazes con-vizinhos
Barulheiros, daninhos ou milhafres,
Que bolem, quebram, vasam, pilham, levam,
Ouro, diamantes, louça, doces, fructa;
E uma herança, atélli graúda e rica,
Pára em mesquinha misera pobreza.
Tal da lingua os thesouros se escoaram
Em podêr de crianças litterarias,

De personagens nescias ou perluxas.
Vêde em tal desbarato, em tal desleixo,
Que valente orador, vate atrevido
Póde fallar conciso, ser ornado,
Ser altiloquo ou terno, se lhe faltam
Cabedaes com que abaste, com que enfeite,
D'onde tire, a prazer, a expressão curta
Que encrava mais profunda na alma a ideia;
E não meandros de torcidos tropos
Que resvalam do ouvido da memoria,
Antes que o fio da vindoura phrase
Se áte c'o fio bambo da ja lida!

Remontar ao « sublime » ha sido sempre
O perpétuo lidar, o fito nobre
Dos que as obras meditam, que os vindouros
Desempoem com fructo, com agrado:
E o sublime quer grande e nova ideia,
Curta, e que muito senso aperte em summa.
Que se inepto, por falta de baixella,
Lanças em vasto desbordado vaso
A pura activa essencia concentrada,
O concebido spirito sublime
Na vasteza chocalha e se derrama,
Perde o cheiro, o vigor, e mes-cabado
Na turba das surrapas se deshonra.
Tu mormente, oh poeta, a quem no encaixe
Do verso, estreito emprêgo e estofa, cabe,
Se em palavras transbordas, vas per fóra

Da marca abalizada, e dás c'o verso,
Desattento, a travez: e desde o introito
Enojas, e os ouvintes adormentas.
Sê mui parco na ensancha das palavras,
Se ousas tocar as raias do « sublime, »
E dos ouvidos despota, se queres
Te-los captivos a teus dignos versos:
Mas para parco ser thesouro ajunta;
Que sem muita lição serás verboso.
Quanto mais ferramenta tem o mestre,
Mais faceis, mais subtis perfaz as obras.
Quanto mais panno tem, mais poupa o córte,
Menos monte alardeia de retalhos
A afreguezada experta costureira.
Na casa em que a despença recheada
Acode á meza com sobejo alarde,
Banquetes (com que o pobre se arruína)
O rico os dá frequente a pouco custo.

X.

Methodo de estudar a lingua.—Classicos; Vieira; Lucena; Bernardes; Ferreira; Brito; etc.; Jacintho Freire.

Se queremos achar abertas veias
Do custoso metal que as fallas doura,
Visitemos as minas encetadas
Pelos nossos antigos escriptores,

No Lacio e Achaia, que inda nos convidam
Co' largo aberto seio a ser ricassos.
E se a ruím priguiça vos atalha
Mover o passo a longes territorios,
Tendes em casa, e a vossas mãos disposto,
O producto das minas ja cavado
Limpo de fezes chrysolado e puro
Nos Paivas, nos Lucenas, Britos, Barros.

Entre abbobadas longas intrincadas,
Labyrinthos recoucavos e escusos
De conceitos agudos predicaveis,
De bastardo saber, de ingenho vesgo,
Ha per cantos escuros, per desvios
De sermões requintados do Vieira,
Desprezados torrões de ouro encuberto,
Que enriquecer mil paginas poderam
Per artifices mãos melhor lavrados.

Tem Lucena capitulos * tam cheios
De lusa preciosissima abastança,
Em phrase e termos escolhida e nobre!...

Em seu fluído estylo vai Bernardes
Serpeando manso e manso até que mana
Dos ouvidos nas íntimas entranhas,

* A descripção da nau da India, a das ilhas Malucas, a dos costumes dos Chins, o combate dos Achens, etc.

Qual vai claro ribeiro crystallino
Debruçando-se puro e saúdoso
Debaixo de inquietas avelleiras,
Per entre hervosos valles sempre verdes;
Té que ao largo se estende em lisa meza
Espelho e ás vezes banho das serranas.

De Barros que direi? que os estrangeiros
Não digam mais do que eu? que d'elle fallam
Com mor respeito que fallar usamos.
Ferreira, Brito, Souza, Arraes e Pinto
So lhes faltou nascer em terra estranha
Para altamente serem conhecidos,
E encommendada aos bons sua leitura.

Cartilha houvera ser, cartilha de ouro
Para a pura dicção da lingua lusa,
O mui diserto Freire, última c'roa
Das nossas litterarias conquistas;
Fiel historiador, sempre eloquente,
Sempre Plinio, e mil vezes com ventagens.
Quanto não ganharia a patria honrada,
Não ganharia a lingua portugueza,
E os égregios heroes, se cada Cesar,
Cada Fabricio, Regulo ou Camillo,
Que deu a lusa terra, conseguisse
Um Freire que lhes désse alto renome
Per obras, per virtudes conquistado?
Tem senões! — E que auctor é d'elles limpo!

Não dormitou Homero? O bom Virgilio,
Indignado das máculas da Eneida,
Não mandava de novo queimar Troia? *
Se ás musas não vedára o pio Augusto
O eterno pranto, e a Apollo as saúdades?
Pollião não imputa á maravilha **
Que íam além de Roma, curiosas,
As gentes ver defeito patavino?***

X I.

Vieira e os peraltas.

Mas muito ha que sobejo serio fallo,
E o serio me não quadra, e quadra menos
Ao meu assumpto e aos caros meus leitores.
Dêmos que resuscite (o que hoje é facil)
Vieira, e ouça fallar certos peraltas
Pregoeiros de afrancezada lingua.
Parece-me que o vejo franzir beiços,
Encrespar o nariz, perguntar logo:
Vieira.) Quem vos torceu as fallas á franceza,
Meus pardaes novos de amarello bico?

* . . . . . *Ergo ibit in ignes,*
Magnaque doctiloqui morietur musa Maronis?
** Tito-Livio.
*** *Patavinitatem quandam.*
QUINTILIANO.

Peralta.) Lemos livros de fita, e *é* n'esses livros
Que nós *puisamos* o fallar á moda,
No mais *charmante* tom, mais *seduisante*.
Vieira.) E quem trouxe essa moda, meus meninos?
Peralta.) *Elle é*, poisque *exigís* que com *justeza*
Rapporte o *renomado chefe*, é esse o
Traductor do Telemaco capado,
De sermões vicentinos precedido,
Avan-corrores d'ésta nova schola.
Vou-me la (diz Vieira) — Ei-lo que bate
Á porta do Ribeiro *, e pede novas
D'ésta nova eloquencia gallo-lusa.
Vieira.) Quem préga ca melhor? Quem faz bons versos
Ribeiro.) Eloquencia, *Monsieur*, tem alto *rango*,
É o *affere* do dia, os meus *eleves*
Bellos espritos, *chefes do bom gôsto*,
Teem dado á linguagem taes *nuanças*, **
Que nunca em *golpe de ôlho remarcaram*
Os antigos na *affrosa* obscuridade.»
Vieira.) Pare, pare senhor c'o sarrabulho
D'essa phrase franduna. Eu fui a França,
Nunca la me atolei n'esses lameiros,
Nunca enroupei a lingua portugueza
Com trapos multicores gandaiados
N'essa feira da ladra. Os meus Latinos

* Traductor do Telemaco que o auctor chama capado.

** *A lingua portugueza carece muito d'este termo.* (São palavras de um academico.)

Me deram sempre o precioso traje
Com que aformosentei a lusa falla.
Com Deus fique, senhor. Tal giria esconça
De ensosso mixtiforio burdalengo
So medra co' esses tolos * que se enfronham
Em lingua estranha sem saber a sua.
E dão co' essa mistura a vera effigie
Do apupado ridiculo enxacoco.»

XII.

Duas causas capitaes da corrupção do gôsto e da linguagem. 1ª. A dominação castelhana. — 2ª. A guerra da acclamação.

Eis vejo ao longe as duas largas portas
Per onde a corrupção entrou lavrando
No corpo da linguagem portugueza,
E lhe estragou a compleição sadía.
Uma, lh'a abriu Philippe de Castella,
Hypocrita tyranno e não prudente,
Quando o reino, não seu, quando as conquistas,
Com sangue portuguez tam rubricadas,
Mais com ouro usurpou, que com trabucos.
Elle os peitos torceu télli altivos;
E a lisonja, que encosta brandamente
A dextra á cerviz dura, a foi curvando,

* E quantos ha que eu bem conheço!

Té que inteira a baixou ante o tyranno.
Medrou logo o desejo de agradar-lhe,
Que fez beijar-lhe o sceptro e a mão de ferro
Que mui pesadamente a carregava.
Nos animos soprou alento frouxo,
Banhou os beiços de fagueiras fallas,
E as pennas embebeu na hispana tincta
Tanto ao fundo, que as pennas esqueceram
Do seu idioma luso a côr nativa,
Para afagar com phrases mendigadas
As orelhas dos duros vencedores.

Que longe iam correndo do Ferreira,
(Bom Ferreira da nossa lingua amigo!)
Esses filhos ingratos que deixavam
A mui caroavel mãe, que de seu leite
Nunca lhes consentiu terem seccura,
Para ir buscar em braços de madrasta
Sustento e afagos que ella dava esquivos.
Fastiosos na opulencia, requestavam
Pão de esmola a suberbos estrangeiros,
Que escassos, com desdem, ao chão lh'a deitam.

Se era util, se era grato o que escreviam
Quem os mal conselhou que desherdassem
Do rendoso aprasivel patrimonio
A patria natural, o meigo idioma
Que abundante e grandioso e brando e fero
Intendidos maiores lhe aprestaram?

Que antemão obsequente, officioso
Lhes moldára nos labios infantis
As primeiras palavras carinhosas
Com que do berço os maternaes semblantes
Souberam borrifar de almo surriso,
Por ir (oh ingratidão! oh esquivança!)
Estragar com mão pródiga thesouros
Em desdenhosas terras forasteiras.
Oh desdouros da patria! oh inimigos
Da lingua em que nascestes, vos creastes,
Da lingua a quem deveis todos os lucros
Do saber, do talento e ingenho vosso!
E esquecê-la podestes? desprezá-la?
Negar-lhe o foro dos caudaes estudos?
Quem sabe se esse inmerito descuido
Dos bons, que aformosaram vosso idioma,
Se esse cultivo de estrangeira phrase
Não foi a lança mais aguda e forte
Que lhe abriu as feridas mais profundas?
Talvez se não cessasseis de alinhá-la,
De a alimentar com vosso estudo e lida,
Sería inda hoje aquella que com tanto
Brado se fez no mundo honrada e altiva.

Outro infortunio prolongou funesto
Nas lusitanas lettras, o prolixo
Marte, que supportámos corajosos
Em nossos braços, por manter no augusto
Solio o recem-subido soberano

Contra as rapaces mãos usurpadoras
Que, annos sessenta, nas espaduas curvas
Do ferreo sceptro o conto nos calcaram.

O alvorôto e tumulto que comsigo
Trazem bronzeos canhões, roucas bombardas,
Mal convem c'o remanso de Minerva,
Co'a amena calma das pousadas musas.
Os que Apollo influiu, por Marte o deixam,
Depoem os livros, os broqneis embraçam;
E em logar dos accentos numerosos
Com que inclytas ideias se revestem,
So teem o agudo ouvir aberto á l'arma,
So teem do irado olhar cravado o lume
Na ardente bala ou carniceira brecha.

Quem não ve pois, que em quadras tam esquivas
A lyra emmudeceu, parou a pluma,
Emmagreceu a lingua que se nutre
De ocio de vates, de ocio de oradores
Que altiloquos resoam? No sanctuario
Das lettras puro, e até então guardado,
(N'essa hora de atalaias desprovido)
Pelas portas lhe entrou mal-agourada
A ignorancia ladeada da caterva
Dos erros, das maleficas doctrinas.
As mãos se deram sempre pelo mundo
Esses dous feios brutos tragadores
Do ingenho, e do primor das boas artes.

Vêde a Grecia, suberbo monumento
Da arrojada solerte humanidade,
Milagres da arte a cada passo erguendo
Ante os olhos attentos do Universo;
Profundos meditando, disferindo
Modelos do saber sublime e nobre,
Tam eloquente, quam limado e terso;
Hoje esquecida Grecia, hoje ignorante,
Hoje bruta, de bruto dono é scrava!

Tu podeste, ignorancia mal-querente,
De torpes dogmas sempre bem provída,
Destruir as searas das sciencias
Com tal suor plantadas e florídas.

Assim foi descuidada e embrutecida
A nossa lingua illustre. Os Portuguezes
Co'a pertinaz tormenta desgarrados
Da bem-assignalada antiga esteira *
Perderam o bom tino ao saber puro,
Que em eras de Camões, eras de Barros
Grangeado tinham nos lyceus da Europa.

Nós hoje se prezâmos levantar-nos
Ao grau de glória a que eramos subidos,
Trilhemos senda que ampla nos abriram
Nossos maiores no apurar do ingenho.
Elles da grega lingua, e da latina

* Via, direcção, rumo.

Tomaram cabedaes com que adornaram
De garbo, e de melindre a lusa falla,
Lusa escripta. (Brasão d'essa era augusta
Que nos deu nome em toda a redondeza,
(E o brado inda resoa.) A lusa falla,
Que hoje é mofa e baldão de peralvilhos,
Que ensossos passam per estranhas linguas
Minguados na materna a quem desdenham,
Porque inda aptos não são para invejá-la.
Ridiculos que tentam pôr eschola
D'uma lingua meiada de hervilhaca
Mal colhida em mau signo, chocha e mocha
Que trava na garganta do criterio!
Fogem da lingua san, chamão-lhe antiga...
E vão dar de malhão n'um neologismo
Sem sabor, mal fundado, e mal acceito...

XIII.

Apostróphe aos escriptores sôbre o estudo da lingua e dos bons modelos.

Vates sublimes, nobres oradores,
Dae rios perennaes de alta loquela;
Enlevae, persuadi, dae pasmo e assombro;
Troem na altiva boca os sons ousados,
Ou melliflua mane a melodia
Do canto que infeitiça o intendimento;
Ponde somente o fito na energia

Das côres com que dais luz ao conceito;
Que essas côres ja novas, ora antigas,
Abastarão a lingua. E esses que ouvem,
Esses que lêem o arrôjo das palavras,
Incantados do altivo das ideias,
Dos accesos matizes da pintura,
Não irão indagar se vem de Barros,
Se de Horacio, de Cicero ou Vieira
A voz que lhe deu na alma o nobre abalo.
Perde-se a côr de chumbo, a de junquilho
Quando o pincel as mescla na palheta;
E so no quadro avulta a similhança
Que illude e representa o vivo objecto
Que a natureza amostra, e que a arte esconde.

E vós ainda disputais ferrenhos
Se havemos de fallar como peraltas;
Se *affroso*, *rango*, *populacea*, *egidio*
Devem ter entre nós assento e posse,
Ou se havemos de pôr em exterminio
Quiçá, *mau grado*, *asinha*, *outrora*, *ávante*.
Eis-nos pois deparados n'este ensejo,
Como esses aldeões que ainda esquivos
De possuir herdades, nem courellas *,
Que com Baccho e com Ceres lhes accudam,
Altercassem vermelhos e afinados
Sôbre o gume de foices e podoas.

* Pedaço de terra com cem braças de longo e dós de largo.

Tanto devemos a rançosos bonzos,
Academicos naires campanudos,
A mulheres perluxas sabichonas,
A besuntados fatuos francezistas!

Loucos que o tempo esperdiçais sem fructo
Em descompor da lingua o molde e a graça;
Cançae-vos antes em lavrar os campos
Da classica abastança, achareis barras
De ouro mais puro e rico, que esse cobre
Que baixos gandaiais em çujos regos.
Parvos! que enxovalhando com posturas
O formoso carão da patria lingua,
(Formoso, indaque antigo, qual a Venus
De Medicis, antiga e sempre bella*)
Cuidais que hão remoçá-la esses rebiques?
Co'a demão que lhe dais mui presumidos
Lhe estragais as feições, tirais-lhe a grave
Magestade — e não sei que brando termo**,
Que inda em annos crescidos bem parece.
De mim confesso que em a ver garrida
C'os besuntos, co' as sôltas maravalhas
Com que dessimilhais seu nobre vulto,
De riso estouro, ou desadoro de íra ***.

* Verdadeira e ingenhosissima comparação!
** Compostura, modo, etc.
*** *Tunc veniunt risus.*

Ovidio.

XIV.

Preceitos aos poetas. — Estylo. — Pintura das ideias. — Paixões. — Variedade, e propriedade.

Lede (que é tempo) os classicos honrados,
Herdae seus bens, herdae essas conquistas
Que em reinos dos Romanos, e dos Gregos
Com indefesso estudo conseguiram;
Vereis entaõ que garbo, que facundia
Orna o verso gentil, quando sem elles
É delambido e péco o pobre verso.
Lede, que é gran' cegueira esse descuidõ,
(Antes bruteza!) Mal se ganha o prémio
De alto saber, sem ímproba fadiga.
O meditado estudo aço é, que rijo
Fere do nosso ingenho a aguda escarpa;
E os pensamentos de subtil arrôjo
Faíscas saõ brilhantes, que resaltam
Do batido fuzil aporfiado.
Se usamos escrever, d'éstas centelhas
Ordenadas com próvido artificio,
Se compõe formosissimo luzeiro,
Ou astro que nos rudes olhos fere
Do vulgo, e que a prudentes muito agrada

Como pois esperais compor luzeiros

Se os bons não estudais, se da memoria
Os cofres naõ proveis com abastadas
Joias que os livros bons doar so podem!
Elles dão co'a louçan valente phrase
Preço nobre á sentença aberta e pura,
E ao subtil quadro da ficçaõ ditosa
Daõ a côr, daõ a luz com que realça.

O verdadeiro toque que arduo abona
A fôrça, a veia do escriptor prestante,
É quando entorna (como em prompto vaso)
Com succo e com calor na alma do ouvinte
Inteiro o nectar das ideias suas,
Tam suave, e no gôsto tam activo,
Como elle o preparou no alto conceito;
Tal, que ao leitor colore, e embeba a mente,
Tam funda e viva qual no auctor nascêra.
Saber dar tal activo, dar taes côres
Fez claros os Virgilios; engeitá-lo,
Naõ podêr concebê-lo faz rançosos,
Faz Pinas, faz poetas deslavados.

Comtigo mais que nunca fallo agora,
Alumno, que pretendes ser das musas
Estremado e querido: o altivo assento
Perto de Horacio, perto de Virgilio
So aguarda o pintor que em fiel quadro
Da natureza as lidas afigura,
E as bellezas lhe pinta em vivo verso;

Ou que do homem moral debuxa ardente
As luctantes paixões, virtudes, vicios,
Assomos da alma em solidão, em turba.

Contempla que nasceu o homem sugeito
A muitos estos revoltosos, torvos;
Que ora a cubiça, outrora a mágoa o vence,
Que este confia, aquelle desespera:
A alegria ao mancebo instiga a dansas:
O deleite requebra o rosto ameno
De quem do amado bem logrou o agrado.
A triste dor quebranta o vivo lume
No esmorecido olhar. Quando um prospéra,
Outro cahe da roda derribado:
Um periga, quando outro em salva praia
Corre afouto a abraçar-se co'a columna
De segurança. Almeno sente as puas
Do rigor, do desdem da sua Filis
Espinhar-lhe as entranhas dolorosas;
Em quanto Elio assustado acanha os membros;
E todo se encolhêra n'uma cifra
Por esconder-se ao malfeitor phantasma
Que elle a si proprio ergueu na eivada mente.
Jaz estirado em tormentoso equuleo,
Quebrado a tractos do odio, e da vingança
Esse altivo que um gesto, uma palavra
Mal-julgada accendeu em chammas de ira.

Cuidas que não tem sempre a mente abertas

As portas ao tropel das infinitas
Variadas pinturas ou chymeras,
Que indefessa a imaginação lhe arroja?
O colorido da fileira immensa
De quadros que offerece n'esses homens
O nascimento, a compleiçaõ, a plana,
As companhias, habitos, usanças,
São exercicio, são liberta alçada
Do pincel dos poetas, a quem coube
Abranger c'os seus braços alentàdos
Quanta apparencia ostenta este universo,
E o que a nossa alma no seu peito encerra.

Ve se ha hi lingua tam valente e rica,
Que acuda com palavras ajustadas
Á descripçaõ, clareza e louçania
De que um vate carece quando as pinta!
Sejam pois teus estudos e ousadias
Enriquecer a lingua, que te valha
Quando avívas com rasgos eloquentes
Quanto na alma arrojado debuxaste.
Alli estanca a fôrça, abarca os meios
De dar valia ás vis, ennobrecendo-as
C'o logar em que as pões: (lidado emprêgo!)
Tecer, co'as de bom uso, na urdidura,
Reclamadas antigas; com bons laços
Duas encadeiar, que uma componham;
Forjar novas, energicas, sonoras,
Com que agrades, te louvem e te admirem:

Sejas vergel, jardim, com fructos, flores,
Estas vistosas, succulentos esses,
Com que brindes, contentes* gôsto e vista
Dos que cheguem a ver o teu cultivo.

Que enfeite e gala não recebe a lingua
Quando são per mão sábia collocadas
*Compostas*** que nos forram largas prosas,
E que dão novidade, e dão deleite
A quem lhes sabe dar o preço e estima.
Tam pêco é o Camões quando descreve
Do *estellifero* pólo os moradores,
E a *belligera* gente! É despiciendo
O Garção, o Diniz, quando com duas
Ja conhecidas vozes compoem uma,
Imitando Camões e antigos vates?
Que bem pintou Alfeno, alumno d'estes,
O carro que briosos vão tirando
Os *auriverdes bipedes* cavallos!

XV.

Exemplos dos nossos auctores. Necessidade de refórma.

Lançado a pontapes saia das faldas
Do bífido Parnaso o vate aguado

* Satisfaças, recreies.
** Palavras compostas.

A quem fastio dão caudaes correntes
Do sublime discurso. Ande acanhado
Esgravatando em brejos de pedantes
Os termos com que escreva, e com que enoje.

Quem ao docto Diniz, mestre atilado
No mister de compor em prosa ou verso,
Vedou téqui (com visos de tyranno)
Empregar a seu gôsto a phrase nobre,
A energica palavra antiga ou nova,
Colhida com sagaz utilidade
No egregio prosador, audaz poeta,
Ou inventada com feliz estudo?
Quem lhe impedir de ser senhor da lingua,
De podêr meneá-la como queira,
Póde ao pintor tolher que mescle as côres,
Que no panno as estenda a seu arbitrio.

Que homem tégora ousou arguir Vieira*
Luso Apelles, de ter ennobrecido
D'um moderno painel a formura
Co'as ruinas d'um templo, d'um colosso,
C'os derrocados arcos d'um triumpho?

Que homem ha hi tam bronco em nossa historia
Que ignore as perdas que custou á lingua
O reinado da insipida ignorancia?
Esse stupido monstro as fuscas azas

* Célebre pintor portuguez.

Despregou e cubriu co' ellas o reino;
Tapou o'sol, poz noite nos ingenhos,
Bafejou anagrammas, forçou glossas,
Inçou de ocos conceitos predicaveis
Os pulpitos, e as aulas de sophismas;
E degradou a lingua de nobreza,
Despindo-a de afouteza e bizarria.

Que carece que emprendam esses que hoje
Quizerem remontá-la á antiga plana,
Repo-la em seu solar aucthorizado,
Restituir-lhe os bens que lhe escorcharam?
Se os classicos (de enleada algaravia
Que ella era, antes da nossa * era de Augusto)**
Com porfiado fito apparelharam
Lingua para os Lusiadas e Castro:
Assim vós da mestiça gerigonça
D'esses baforinheiros francezistas,
Assim vós que punis pola pureza
Do materno vulgar, com gran' desvelo,
Qual trigo, joeirae o que inda resta
De nativa e singela e pura falla,
Do ataroucado *** joio campanudo,
De gente em solideo, de gente em coche.

* Não me agrada este verso, èm razão do jogo de *era* verbo, com *era* substantivo.

** Feliz reinado d'el-rei D. Manuel.

*** Refere-se ao que ja disse sôbre as ridiculas academias dos meados do último seculo.

XVI.

Gallicismos. Argumento tirado de Dacier.

Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuínos classicos, e soltem-se
As correntes da antiga san linguagem.
Rompam-se as minas gregas e latinas;
(Não cesso de o dizer, porque é urgente)
Cavemos a facundia que abasteça
Nossa prosa eloquente, e culto verso.
Sacudamos das fallas, dos escriptos
Toda a phrase estrangeira, e frandulagem
D'essa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso.

Quero dar que em francez hajam formosas
Expressões curtas, phrases elegantes;
Mas indoles diffr'entes teem as linguas;
Nem toda a phrase a toda a lingua ajusta.
Ponde um bello nariz alvo de neve,
N'uma formosa cara trigueirinha;
(Trigueiras ha, que ás louras se avantajam)
O nariz alvo no moreno rosto,
Tanto não é belleza, que é defeito.

Nunca nariz francez em lusa cara
Que é filha da latina, e so latinas
Feições lhe quadram. São feições parentas.
Se nativo não é, não é singelo,

Quanto pões n'esse rosto, esses besuntos
São mascarras, são lodo immundo. Oh vates,
Não fique uma so nódoa em nosso idioma
D'esse lodo que o enxovalhou tégora.

Ora pois que esses guapos modernistas
Tudo acham no francez; e quem tal crêra!
Até a lingua lusa em francez acham;
E riem c'um riso parvo dos que afanam
Por beberem nos classicos a phrase
Purissima e constante, e revocarem
As antigas palavras que nos faltam
Para clareza, adôrno, ou brevidade;
E degradar da lingua essa matula
De termos franduleiros, que os patolas *
Querem n'ella metter á queima-roupa:
E pois que esse francez tanto nos gabam
De rico e bello, e de apto para tudo,
Quero de auctor francez acreditado,
Por litterario critico profundo,
Citar em termos *ibi* a mesma urgencia
De restaurar á lingua as mesmas vozes,
E phrases obsoletas. — Tendo dicto
Qua a lingua é acanhada, porque a apuram
Ou cuidam apurá-la, cerceando-lhe
Energia de termos que ja foram

* Nunca approvei estes termos baixos. A lingua é tam rica em synonymos! Garção e Diniz ensinaram a criticar com decencia.

Caro grangeio de seus bons maiores;
Continúa dizendo * : « Bem deveram
Revocar antes do desuso as vozes
Que la mandára insipido melindre,
Mormente hoje que tanto tem medrado
Em todo o estudo a seara das ideias.
Que escassez deploravel (logo exclama)
Ver sempre a locução mais baixa e tenue
Que o conceito de que ella é o retrato!
E a lingua, que é o buril do pensamento,
Ser frouxo, ou ser rebelde á mão do mestre
Que quer assignalar valentes rasgos,
E as similhar a estampa co'a figura!
Bem serve a lingua a quem os hombros mette
Contra os que se dão manha a empobrecê-la,
Lidando em empolgar certas maneiras
De fallar naturaes, de que os antigos
Usaram, e so teem em seu desvio,
Um senão que lhe arguem, sem dar provas. »

Que dizeis d'um francez, meus francezistas,
Que vos dá tal sopapo na bochecha?
Não ha que retrucar; baixae a tromba:
Senão cito outros mil, dado que eu creia
Que este so vos derruba e tapa a boca.

Se por fôrça de fado, ou por penuria

* Dacier, prefacio de Plutarcho.

Forçados somos a espremer dos livros
Francezes o alimento das sciencias;
Se como na palestra empoeirada
Vamos luctar contra a ignorancia bruta
No gymnasio francez, tomemos o uso
Dos antigos athletas, que ao sahirem
Do pugilato ou férvida carreira,
A poeira dos fatos sacudiam,
E banhando-se em liquidas correntes
Do Illisso* (que, alli perto, com sereno
Passeio alegra as margens studiosas)
Os corpos asseiavam diligentes.

Assim vi sempre o litterato Erilo,
Depois de revolver francez volume,
Desempoar-se da estrangeira phrase
Co' espanador de Barros ou Vieira.

XVII.

Differença entre o estylo poetico e o da prosa.— Liberdades d'aquelle. — Necessarios atrevimentos.

Aberta a lice está, bons oradores,
Franco o stadio: correi, sublimes vates:
Inventae, adoptae proprios, latinos;
Resuscitae energicas, sonoras,

*Rio que corria perto do gymnasio atheniense.

As antigas palavras venerandas,
Que esvaneçam toda essa bastardia
De que nos inçam frivolos tarecos.
Tal, no corro, se ve, quando cuberto
C'um gafo borburinho de garotos,
Vem mui sisuda a guarda, em duas filas;
Encara co'a real tribuna, e logo
Dobra á direita, á esquerda, pelos lados
Vai varrendo a matula, e rebanhada
A impõe fóra dos festivaes palanques.

De termos ja sabidos formae novos,
(Fôrça é que eu vo-lo diga, e que o rediga)
Junctando-os com primor em laço estreito,
E sereis de bons mestres approvados.
Que tres conheço eu, que estas veredas
Por unicas apontam a quem busca
No circo da eloquencia ennobrecer-se,
Ou com bons versos deleitar o ouvido
De amadores de Horacio, e de Virgilio.

Comvosco a mais me arrójo, ousados vates;
Aquem mais francas portas abre Apollo;
Vós que a mais broncas pedregosas brenhas
Deveis subir; per mais emmaranhadas
Selvas deveis romper até o cume
Do difficil Parnaso. A vós so cabe
Penetrar nos reconditos archivos,
Revolver, pôr de parte, e tirar fóra,

Com largo privilegio, ousados termos
A nenhuns oradores outorgados,
Termos, por temerarios, mais felizes *.

Que, quando exerce um orador o ingenho
Sôbre a vida civil, e sôbre assumptos
A que ella ja cunhou corrente nome.
Tu, poeta sublime, a quem descobre
Ampla imaginação aventurada
Novos mundos de objectos extra-alcance,
De algum sentido humano o mais á lerta,
Te arrojas (que é forçoso) Adão moderno
A dar a novas cousas nomes novos,
E os que a atalhar se atrevem com barreiras
Do teu ousar o arrebatado curso,
Não são vates, nem vates folhearam.

Nova contende ser no stylo e phrase
A pompa das palavras e sentenças,
Se é novo quanto o vate caro aos numes
Da mente divinal descanta aos homens.
Nunca soube fallar, escrever nunca
Em nobre phrase, nem co' altiva ideia
Descortinou paizes inda occultos,
Campos de esmalte, tôrres e palacios
De estranha relevada architectura,

* *Variisque verbis et figuris felicissime audax.*
QUINTILIANO.

Novos heroes, ou novos ceos e numes
De mais alto podêr, mais magestade;
De mais vivo fallar, que a tenue prosa,
Quem denega ao poeta afoutos novos
Termos, de alheia boca nunca dictos *.
É bem certo, que ao descubrir co' a vista
Altas montanhas, estendidos máres,
(Pela primeira vez subido ao mundo)
O selvagem, nascido n'uma cova,
N'uma cova até então aferrolhado,
Não sabe como os chame. — Tal se vira
O vate que não ousa novos termos
Impor a novos sóes, novo universo,
Que estro omnicreador tira do chaos,
E na imaginação lhe põe á vista,
Se, em si fiado, não inventa o vate,
Ou se engeita colhêr na Ausonia e Grecia
Nomes, que a turba imaginada indiquem;
Ei-lo como o selvagem, na tortura
De não saber contar o que descobre.
Ja quando a lingua em que nasceu mais rica,
Do que em prata o Peru, em termos fosse,
Sentiria penuria em pôr patentes
As ideias que um vivo e claro lume
No ingenho lhe accendeu. Darei conselho
A tantos apoucados zeladores

* *Insigne recens, adhuc*
Indictum ore alio.
Horacio, liv. iii, od. 25.

Do avarento fallar ensosso impuro,
Que se appliquem a dar discretas artes
De compor sarrabaes, entrançar loas,
Sem se enfronhar nos mellicos assumptos,
A dar regras, a contrastar palavras.

Com frouxos sons não ferve esse estro ousado,
Que Apollo sopra no attico alaúde:
Magicas vozes rompem, com que impelle
Os peitos dos heroes; quebranta, anceia
Roixos tyrannos no infiado throno,
Com cantos entranhados de terrores.
Estes so conta Clio entre os alumnos
Que cingir devem do Parnaso os louros:
Não minguados versistas, que recuam,
Quando a musa afoutezas lhes demanda.

Vêde-me um Pindaro altear o vôo
Enfiando a senda, do estro arrebatado,
Beber no Olympo a practica dos numes,
E vir, juncto do Alpheu, soltá-la aos homens.
Palavras immortaes compunha afouto,
Em que immortaes conceitos embebia:
E vós, sequazes do thebano cysne,
Que vos prezais de erguer o vôo ás nuvens,
E vós acobardais-vos? Encolheis-vos
Na derrota que deixa assignalada?
Ousae, ousae; que está pendente a palma
Ao que ama a glória e se aventura ao prémio.

XVIII.

Desprêzo que merecem criticos ignorantes.

Quem vos tolhe avultar ouro sôbre ouro,
Com que a lingua se augmente e se afidalgue?
Por ventura é pavor de ser mordidos
De insectos litterarios terrulentos!
De novas Philamintas * sabichonas?
De bonzos, de rançosos, que hoje arrotam
Pôr banca de puristas e censores?
Um, porque mais não leu em toda a vida
Que as gordas odes do cerval Talaya **,
Ou versinhos anões a anans Nerinas
Do cantarino Caldas ***, a quem parvos
Poem alcunha de Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte fulo
Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro peru, na alvura, ao branco cysne.
Outra, que so de Albano **** e Damiana

* Allude á Viscondeça de B., que vaidosa de seus piños vesinhos, se metteu a abocanhar no sublime da poesia do auctor.

** Poetastro ja pouco conhecido hoje.

*** Mulato que improvisava á viola.

**** J. X. de Matos, cuja pastora tem o poetico nome de D.

Tomou de cor as modorraes outavas;
E inda outros, que no Chagas*, na Henriqueida **
Na gazetta do alarve Castrioto ***
Ou nas infames traducções de bonzos,
De lingua portugueza se attestaram,
Quererem dar quinaus na phrase pura
É mais que ser orate, é ser jumento.

E chamais-los puristas e censores?
Taes patolas temeis, taes modernistas?
Vos emulos de Pindaro! Mal cabe
Cobardia em quem diz: « Pindaro imito ****. »
Quem nas bandeiras triumphaes milita
Do Marte mais intrepido dos vates
Não tenha susto de rançosos gansos,
De doctoras, de afrancezados bonzos:
Pejo é ter pejo de relé tam civel *****.

* Outro poetastro.

** Poema do célebre escrevinhador o conde da Ericeira.

*** Redactor da gazeta de então, a que o auctor appellidou assim.

**** Imita-lo, talvez; mas emula-lo!...

Monte decurrens velut amnis, imbres
Quem super notas aluere ripas,
Fervet, immensusque ruit profundo
Pindarus ore.

HORACIO, od. I. liv. IV.

***** Indigna, vil.

Se dais humilde ouvido a vozes nescias
De tanto scrupuloso, que não gosta
Dos classicos o grosso chocolate,
De medo que o jejum lhes não quebrante
Da lingua quaresmal, que penitentes
Abraçaram, na qual morrer persistem:
Se recuais ás magras ameaças
Com que do alcance o ardor cortar-vos lidam
De novos termos de raiz latina,
De antigos *, de inventados, de compostos,
Que a lingua adoçam, enriquecem, ornam,
Ver-vos-heis (qual nos vimos) tam estreitos
No acanhado repizo das palavras;
Que com mesquinha mão vos migalharem
Os fieis mui perluxos do idioma,
Que não possais, de aperto, revolver-vos
Na lazeira do stitico discurso.

XIX.

Continuação do mesmo assumpto.

Não sei que trasgo, no salão da testa
Me anda saltando, e me revolve tudo;

* *Quin et victa situ, si me penuria adaxit,*
Verba licet renovare: licet tua sancta vetustas
Vatibus indugredi sacraria. Sæpius olli
Ætatis gaudent insignibus antiquaï,
Et veterum ornatus induti incidere avorum.
Vida, art poet. liv. III.

Traquinas desarruma os trastes todos...
Que aspalhafato!... La no fundo me ergue
Um theatro (dos muitos que armar vêdes,
E que caseiros chamam) e surrindo
Me diz maligno e concho: « Aqui te ingenho
Uma comparação para argumento
Do que intentas provar. « Ora, leitores
Mui benevolos meus, fazei de conta
Que vêdes d'entre carmezís cortinas
Sahir muito arraiada uma princeza
De dous rivaes sob'ranos pretendida...
Vai senão quando, trava-se uma guerra;
E do Amor, que é concordia e paz, as armas
Decidirão com sangue a gran' conquista.
O theatro é pequeno e actores poucos,
Mais pouca a gente que encha taes comparsas
Para dar um combate bem renhido
De dous campaes exercitos, que em fórma
Avancem, firam, matem, morram, fujam.
A qui é o gran' busyris, que embetesga
O mais agudo e perspicaz miôlo;
Mas do qual sai campando o meu duende.
O director da scena manda astuto,
Que d'aqui saiam quatro, de la quatro
Soldados com broqueis, com capacetes
De grosso papelão pintado á brocha:
Logo uns contra outros, com motim sobejo,
Com catanas de pau, que dão pranchadas
Nos broqueis, nas couraças que retinem,

Assomados, sanhudos acommettam,
Dêem talhos, dêem révezes, acutilem;
Que entrem n'um bastidor, saiam per outro;
Sempre gritando, sempre acommettendo,
Se empurrem, se acalcanhem. — São so oito,
Quatro de cada banda, e sempre os mesmos
Bonecos a gyrar em roda viva.

Atéqui do meu trasgo a travessura;
Mas que igualmente me resurge a ideia
Do que eu vi n'uma feira da Sorbonna,
Feira mui rica em bolos mascavados
Mui maciços, mui duros, mui grosseiros,
Sem gôsto algum, que toda a guapa enfeira
Para si, para a filha, e para o amante;
Pão de especie se chama o rico bolo.
Vi (digo) na tal feira, co'estes olhos
(Que a terra ou mar tem de comer sem falta)
Uma camara-optica, com vistas
Das grandes luminarias de Veneza,
No dia em que a republica paríra
Um doge de atufada carapuça:
Emroda harto plebeu embasbacado
Na corada lanterna movediça,
Zimborio luminoso da tal optica:
Que volteando no rodizio unctuoso,
Em véra effigie representa a entrada
D'el-rei de França em Reims, indo sagrar-se,
Eis *cavallos-ligeiros*, eis *gens-d'armas*,

Eis os *guardas-do-corpo*, eis *mosqueteiros*
Que correm, que galopam... que quantia
De cavallos que passa! viva! viva!

Pois eram (que os vi bem) quatro bonecos,
N'uma roda que andava em dirandina,
D'uma vela de sebo á luz pingosa.

Tal, oradores, tem de acontecer-vos,
E a vós peior, oh vates, se deixardes
Empobrecer a lingua a arbitrio e ranço
De seiscentistas, mandriões, tarellos.
Essas poucas palavras que ficarem
Pelas mãos dos grammaticos perluxos
Minguadas, espremidas, escoimadas
Nos versos e na prosa, em remoinho
Continuo correrão umas trás outras
A apanhar-se, a esmurrar-se em *cabra-cega*.

XX.

Conclusão.

Mas tractam-nos (direis) de quinhentistas,
Quinhentistas sejais. Campae de o serdes:
E que elles de o não serem se envergonhem.
Que riso ou que labéo vem d'esse apodo?
Beberes luz da idade de ouro augusta,
Que nas armas, nas lettras nos fez cláros!
Elles de que era são? — Dos asneiristas

Que em toda a era houve, e agora inda mais n'ésta
De quinhentistas vos prezae, alumnos.
N'esse bom sec'lo as lettras portuguezas
Tomaram praça entre as nações mais cultas,
E hoje os que tomam tudo dos Francezes
Nem terão um so canto em que se mettam.
N'essa era a Castro * muito antes luzia,
Que Corneilles, Racines visse a França;
N'essa o Camões Lusiadas compunha,
Quando Henrique ** inda ao longe não raiava,
Nem suspeitado inda era o seu Homero.

Era ditosa que atenúa o encomio.
Asia te louve, e as costas Africanas
Povoadas de padrões da nossa glória.
O brado que inda dura pela Italia,
Per França, pelo Norte mais instruído,
De alguns claros ingenhos portuguezes,
Nos conserva no credito e conceito
De estimaveis nações. Esse bom nome
No-lo querem delir quatro fedelhos,
Motejando os antigos, e escrevendo
N'uma giria franceza desgostosa
Que a si, que ao nosso seculo injuría.

* Ésta tragedia, composta pelo doctor Antonio Ferreira, foi impressa em Lisboa per Pedro Crasbeeck, no anno de 1598.

** A Henriada de Voltaire.

Inda em bem que o Diniz, e alguns de escolha
Nos vingam d'essa corja, e desagravam :
Inda em bem que os estranhos dão estima
A Barros e a Camões, que ruins insultam!
Afortunada idade de quinhentos,
Quando os teus te poem nódoa, alheios te honram!

Correi-vos seiscentistas ou pacovios,
Que nescios motejais do que é de preço :
De quem não entendeis, julgais a esmo.
Temei não caia sôbre vós o apodo,
Vosso motejo insulso e parvo riso,
Quaes flechas no ar viradas, que se encravam
Em quem as disparou, e vão vingando
Mal nascidas, immeritas injúrias.

Apprendei, estudae; e os bons auctores
Sabereis ter em credito e valia.
Elles a lingua e seu primor crearam,
Elles no-la puliram. Que se os nescios
De quadra posterior não esgarrassem
Da estrada que batida lhe elles tinham,
Nunca per taes rodeios, taes ambages
Intrincadas, se foram despenhando
A si e a vós, que ás cegas os seguistes.
E pois que novo sol vos allumia,
E a dextra novos guias vos estendem
Para fóra surdir da negra furna;
Lançae a mão á coma fugitiva

Com que a donosa occasião vos brinda.

Eis que de seu regaço os bons auctores
Vos emborca a impressão *. Lede e relede:
Que os moldes engraçados da facundia
Asseiada e nobre e rica n'elles jazem.
De quinhentistas vos honrae briosos,
Que é ser herdeiros dos caudaes latinos,
De não murcha eloquencia árvores ferteis.
Prezae esses que ousados os imitam,
Ou temei-os, se não sabeis honra-los:
Que armas teem, e tam destros as meneiam
Que (pola Styx vos juro e vos tres-juro)
Se os assanhais com vossas parvoíces,
E se os olhos abaixam despeitosos
A ler vosso ruín verso, aguada prosa,
Ou de ouvir-vos fallar se não desdenham,
Que nem na vossa escripta, nem nas fallas,
Ha hi membro que escape a seus revezes.

Musas, que sôbre o deleitoso Pindo,
No regaço de Apollo, estais cantando
Variadas canções de agrado cheias,
Que com grande attenção estão ouvindo,
E em seus animos promptos recolhendo
Subtis Horacios, Pindaros altivos,

*. Parece que esse remate foi propheticamente composto para ir á frente da collecção que publico.

Mandae uma de vós, a mais florente,
Que venha amenizar estes meus versos
Mui sêccos, mui grammatico-prolixos,
Que eu mesmo me enfastio de escrevê-los.

Mas nenhuma se move: — Apollo apenas
Um pouco o rosto volve sôbre a esquerda
Com gesto desdenhoso, e me responde:
«Tens mais que pôr-lhe fim? Levanta a pluma
Do cançado papel: forra o fastio
A mim, ás musas, e ao leitor coitado.»

Peço-te, amigo meu, peço disculpa
Do longo enfado que escrevi sem tento;
Mas tam corrente o pensamento vinha,
Tanto em fervor na veia borbotavam
As ideias — que no papel rugia
A penna em despachar-se pressurosa.
Mais curta fôra, a me acudir pachorra
De ordená-la, limá-la e reduzi-la.
Mas tu, que alêm do vulgo te remontas,
Qual contraste sisudo, pões a marca
No precioso quilate da materia,
Curando pouco do feitio tosco.

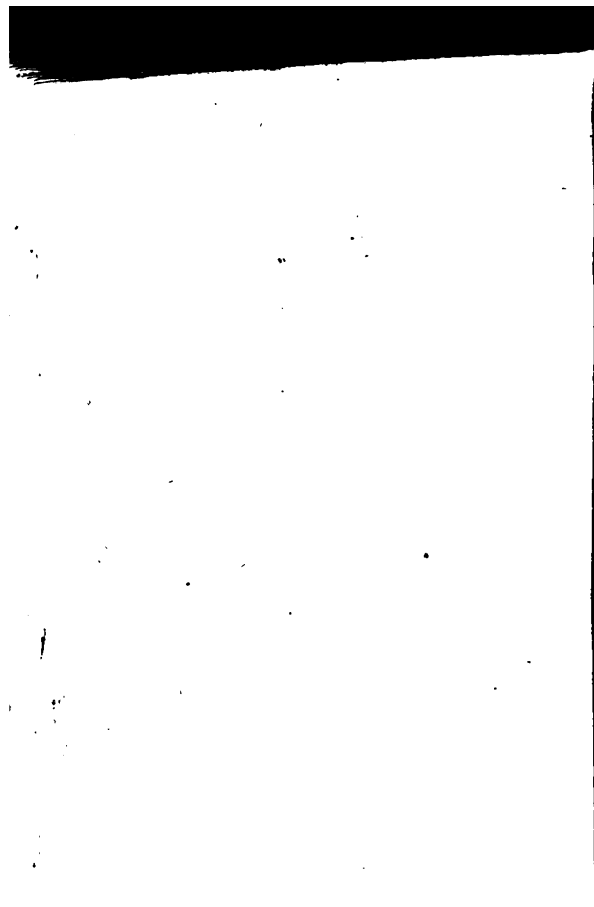
Francisco Manuel.

(*Nota.*) Para extrahir esta peça, e as mais do mesmo poeta, que vão no Parnaso, fui obrigado a servir-me de um exemplar da primeira edição, cor-

recto e annotado per Francisco Manuel; pois a segunda (revista pelo C....) está tão errada, que lhe faltam palavras, e ás vezes, versos inteiros.

Se n'ésta epistola, e mais pedaços collegidos em outros poetas, se acharem versos de menos, ou algumas transposições, declaro ao leitor, que assim usei de proposito; porque não me propuz copiar exactamente os auctores, mas so fazer uma escolha.

FIM DA ARTE POETICA.

PARNASO LUSITANO.

PARNASO LUSITANO.

Epicos.

VENUS

INTERCEDE A JUPITER POLOS PORTUGUEZES.

Ouviu-lhe éstas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saúdosas
Ficaram d'ésta subita partida.
Ja penetra as estrellas luminosas,
Ja na terceira esphera recebida,
Avante passa; e la no sexto ceo
Para onde estava o Padre se moveo.

E como ia affrontada do caminho,
Tam formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas e o ceo e o ar vizinho
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espiritos vivos inspirava

Com que os pólos gelados accendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e cara,
Se lh' apresenta assi como ao Troiano
Na selva Idea ja se apresentára.
Se a víra o caçador que o vulto humano
Perdeu vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

Os crespos fios d' ouro se esparziam
Pelo collo que a neve escurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos que como hera se enrolavam.

C'um delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo;
Porêm nem tudo esconde, nem descobre
O veo dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo accenda e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Ja se sentem no ceo per toda a parte
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

E mostrando no angelico semblante
C'o riso uma tristeza misturada;
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa e se ri n'um mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada:
D'ésta arte a deusa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas que eu do peito amasse
Te achasse brando, affabil e amoroso,
Postoque a algum contrário lhe pezasse:
Mas pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que t'o merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina;
Assentarei emfim que fui mofina.

Este povo que é meu, por quem derramo
As lagrymas que em vão cahidas vejo,
Que assás de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando chóro e bramo,
E contra minha dita emfim pelejo.
Ora pois, porque o amo é mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E n'isto, de mimosa

O rosto banha em lagrymas ardentes,
Como c'o orvalho fica a fresca rosa:
Calada um pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedíra a fallà piedosa;
Torna a segui-la; e indo per diante,
Lhe atalha o poderoso e gran' Tonante.

E d'éstas brandas mostras commovido,
Que moveram de um tigre o peito duro;
C'o vulto alegre, qual do ceo subido
Torna sereno e claro o ar escuro;
As lagrymas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo que d'alli, se so se achára,
Outro novo Cupido se gerára.

E c'o seu apertando o rosto amado,
Que os saluços e lagrymas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga, o chôro lhe accrescenta;
Por lhe pôr em socêgo o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta:
Dos fados as entranhas revolvendo,
D'ésta maneira emfim lhe está dizendo:

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos:

Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos
Polos illustres feitos que ésta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os vossos, móres cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

Fortalezas, cidades e altos muros
Per elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos e duros,
D'elles sempre vereis desbaratados;
Os reis da India livres e seguros
Vereis ao rei potente subjugados:
E per elles, de tudo emfim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

Vereis este que agora pressuroso
Per tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer d'elle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!

Oh gente forte e de altos pensamentos,
Que tambem d'ella hão medo os elementos!

Vereis a terra que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser um pôrto mui decente,
Em que vão descançar da longa via
As naus que navegarem do Occidente.
Toda ésta costa emfim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não podèr resistir ao Luso horrendo.

E vereis o mar Roxo tam famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado e subjugado:
Alli vereis o Mouro furioso
De suas mesmas settas traspassado;
Que quem vai contra os vossos, claro veja
Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Alli se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o gran' Mavorte
Do peito lusitano fero e horrendo.
Do Mouro alli verão que a voz extrema
Do falso Mafamede ao ceo blasphema.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
C'os triumphos da gente vencedora:
Alli suberba, altiva e exalçada,
Ao Gentio que os idolos adora
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor com pouca fôrça e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa e tam potente:
E vereis em Cochim assignalar-se
Tanto um peito suberbo e insolente,
Que cithara jamais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome e glória.

Nunca com Marte instructo e furioso,
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Accias guerras animoso,
O capitão venceu Romano injusto,
Que dos povos de Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico e robusto,
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egypcia linda e não pudica:

Como vereis o mar fervendo acceso,
C'os incendios dos vossos pelejando,

Levando o Idolátra e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando.
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente;
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esfôrço mais que humano,
Que nunca se verá tam forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano,
Nem das Boreaes ondas ao estreito
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

Camões, *Lusiadas*.

DESCRIPÇÃO
DA EUROPA.

Entre a zona que o Cancro senhoreia,
Meta Septentrional do sol luzente,
E aquella que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a suberba Europa, a quem rodeia
Pela parte do Arcturo e do Occidente
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterrano.

Da parte d'onde o dia vem nascendo,
Com Asia se avizinha: mas o rio
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar que fero e horrendo
Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não ve mais que a memoria o navegante.

La onde mais debaixo está do pólo
Os montes Hyperboreos apparecem,

E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E c'o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tam pouca fôrça teem de Apollo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram sôbre a humana antiguidade
C'os que tinham então a Egypcia terra:
Mas quem tam fóra estava da verdade
(Ja que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informára,
Ao campo Damasceno o perguntára.

Agora n'éstas partes se nomeia
A Lappia fria, a inculta Noroega;
Escandinavia ilha que se arreia
Das victorias que Italia não lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas não refreia
O congelado hinverno, se navega
Um braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

Entre este mar e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna, os Marcomanos são Polonios.

Sujeitos ao imperio de Alemanha
São Saxones, Bohemios e Pannonios,
E outras várias nações que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amasis e Albis rio.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito
Aonde Helle deixou c'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tam querida;
Onde c'o Hemo o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indino;
Boa injúria do grande Constantino!

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, ingenhos e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos per armas, que per letras!

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor ja muros levantou,
A suberba Veneza está no meio
Das aguas; que tam baixa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que cheio
De esfôrço, nações várias sujeitou;

Braço forte, de gente sublimada
Não menos nos ingenhos que na espada.

Em tôrno o cérca o reino Neptunino;
C'os muros naturaes per outra parte
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tam illustre fez o patrio Marte.
Mas despois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esfôrço veio, e bellica arte:
Pobre está ja da antigua potestade;
Tanto Deus se contenta de humildade!

Gallia alli se verá, que nomeada
C'os Cesareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequana e Rhodano é regada,
E do Garumna frio e Rheno fundo:
Logo os montes da nympha sepultada
Pyrene se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram.

Eisaqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli de Europa toda;
Em cujo senhorio e glória estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com fôrça ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lh'a não tire o esfôrço e ousadia
Dos bellicosos peitos que em si cria,

Com Tingitania entésta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido estreito se ennobrece
C'o extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer d'ellas cuida que é melhor.

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta;
O Navarro, as Asturias, que reparo
Ja foram contra a gente Mahometa,
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha e senhor d'ella,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

Eisaqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano;
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o ceo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e la na ardente
Africa estar quieto o não consente.

Ésta é a ditosa patria minha amada;
Á qual se o ceo me dá que eu sem perigo

Torne com ésta empresa ja acabada,
Acabe-se ésta luz alli comigo.
Ésta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E n'ella então os incolas primeiros.

Camões, *Lusiadas.*

IGNEZ DE CASTRO.

Passada ésta tam próspera victoria,
Tornado Afonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da misera e mesquinha,
Que despois de ser morta foi rainha.

Tu so, tu, puro Amor, com fôrça crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrymas tristes se mitiga,
É porque queres aspero e tyranno
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Ignez, posta em socêgo,
De teus annos colhendo doce fruito,
N'aquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;

Nos saúdosos campos do Mondego
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quanto emfim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras e princezas
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo emfim tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo éstas namoradas estranhezas
O velho pae sesudo (que respeita
O murmurar do povo) e a phantasia
Do filho que casar-se não queria:

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo c'o sangue so da morte indina,
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que poude sustentar o grande pêso

Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o rei, ja movido a piedade,
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões, á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes
Sahidas so da mágoa e saudade
Do seu principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrymas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que tam queridos tinha e tam mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia:

Se ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento:
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias teem o intento;
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tam piedoso sentimento;
Como co' a mãe de Nino ja mostraram,
E c' os irmãos que Roma edificaram:

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem fôrça, so por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la,)
A éstas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez êrro.
Mas se t'o assi merece ésta innocencia,
Põe-me em perpétuo e misero destêrro,
Na Scythia fria, ou la na Libya ardente,
Onde em lagrymas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se n'elles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei:
Alli c'o amor intrinseco, e vontade
N'aquelle por quem mouro, criarei
Éstas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãe triste.

Queria perdoar-lhe o rei, benino
Movido das palavras que o magoam;

Mas o pertinaz povo, e seu destino
Que d'ésta sorte o quiz, lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito alli pregoam.
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

Qual contra a linda môça Polyxena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
C'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãe postos que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sustinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

Bem podéras, ó sol, da vista d'estes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos per mão de Atreu comia!

Vós, ó concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Per muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a côr murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Sêccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrymas choradas transformaram:
O nome lhe pozeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrymas são a agua, e o nome amores.

Camões, *Lusiadas*.

PARTIDA
DE VASCO DA GAMA
DE LISBOA.

E ja no pôrto da inclyta Ulyssea,
C'um alvorôço nobre e c'um desejo
(Onde o licor mistura e branca area,
C'o salgado Neptuno o doce Tejo:)
As naus prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

Pelas praias vestidos os soldados
De várias côres veem, e várias artes;
E não menos de esfôrço apparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naus os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes:
Ellas promettem vendo os máres largos,
De ser no Olympo estrellas como a de Argos.

Despois de apparelhados d'ésta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante ós olhos anda.
Para o summo Podêr que a etherea côrte
Sustenta so co' a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

Partimo-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
D'onde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó rei, que se contemplo
Como fui d'éstas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

A gente da cidade aquelle dia,
Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente, concorria,
Saúdosos na vista, e descontentes;
E nós co' a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deus orando,
Para os bateis viemos caminhando.

Em tam longo caminho e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam;

As mulheres c'um chôro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam;
Mães, esposas, irmans, que o temeroso
Amor mais desconfia, accrescentavam
A desesperação e frio medo
De ja nos não tornar a ver tam cedo.

Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
So para refrigerio e doce amparo
D'ésta cansada ja velhice minha,
Que em chôro acabará penoso e amaro:
Porque me deixas misera e mesquinha?
Porque de mi te vas, ó filho caro,
A fazer o funereo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?

Qual em cabello: Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tam doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?

N'éstas e outras palavras que diziam
De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos as seguiam
Em quem menos esfôrço põe a idade.

Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade:
A branca areia as lagrymas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem á mãe nem á esposa, n'este estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado;
Determinei de assì nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que postoque é de amor usança boa,
A quem se aparta ou fica mais magòa.

Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber so d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

Oh glória de mandar! Oh van cubiça
D'ésta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gôsto que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!

Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades n'elles exprimentas!

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de imperios!
Chamam-te illustre, chamam-te subída,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama e glória soberana,
Nomes com quem se o povo nescio engana!

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e ésta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe faras tam facilmente?
Que famas lhe prometterás, que historias,
Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ó tu, geração d'aquelle insano,
Cujo peccado e desobediencia,
Não somente do reino soberano
Te poz n'este destêrro e triste ausencia;
Mas inda d'outro estado mais que humano,
Da quieta e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou:

Ja que n'ésta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Ja que á bruta crueza e feridade
Puzeste nome esfôrço e valentia;
Ja que prezas em tanta quantidade
O desprêzo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la quem a dá:

Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre teras guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pola de Christo so pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tam longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se va deitando a longe!
Buscas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia!

Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela poz em sêcco lenho!

Digno da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora ou vivo ingenho
Te dê por isso fama nem memoria;
Mas comtigo se acabe o nome e a glória!

Trouxe o filho de Jápeto do ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras: grande engano!
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movêra!

Não commettêra o môço miserando
O carro alto do pae, nem o ar vazio
O grande architector, e'o filho dando
Um nome ao mar, e o outro, fama ao rio:
Nenhum commettimento alto e nefando,
Per fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! estranha condição!

Camões, *Lusiadas.*

ADAMASTOR.

Porêm ja cinco soes eram passados
Que d'alli nos partiramos, cortando
Os máres nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando uma noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sôbre nossas cabeças apparece.

Tam temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos corações um grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida:

Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tam grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo:
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceu sahir do mar profundo:
Arrepíam-se as carnes e o cabello
A mi e a todos, so de ouvi-lo e ve-lo.

E disse: Ó gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas,
Tu que per guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos máres ousas,
Que eu tanto tempo ha que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho:

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,

Per todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

Sabe que quantas naus ésta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão ésta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer per éstas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mor o damno que o perigo.

Aqui espero tomar, senão me engano,
De quem me descobriu summa vingança;
E não se acabará so n'isto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naus vereis cada anno
(Se é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do primeiro illustre que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova sepultura,
Per juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os suberbos e prosperos tropheos;
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruída Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado
E comsigo trara a formosa dama,
Que amor por gran' mercê lhe terá dado:
Triste ventura e negro fado os chama
N'este terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros,
Á calma, ao frio, ao ar verão despîdos,
Despois de ter pizada longamente
C'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura.
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrymas de dor, de mágoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

Mais ia per diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado

Lhe disse eu : Quem es tu ? que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado.
A boca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu com voz pesada e amára,
Como quem da pergunta lhe pesára:

Eu sou aquelle occulto e grande cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio;
Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Strabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
N'este meu nunca visto promontorio,
Que para o pólo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sôbre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, per onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizêram tomar tamanha empreza;
Todas as deusas desprezei do ceo,
So por amar das aguas a princeza:

Um dia a vi co'as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia; e logo presa
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

Como fosse impossibil alcançá-la
Pola grandeza feia de meu gesto,
Determinei per armas de tomá-la,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a deusa então por mi lhe falla;
Mas ella c'um formoso riso honesto
Respondeu: Qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d'um gigante?

Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o dano:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude n'este engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças.

Ja nescio, ja da guerra desistindo,
Uma noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica, despida:
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços para aquella que era vida

D'este corpo, e coméç
A lhe beijar, as faces,

Oh que não sei de noj
Que crendo ter nos bra
Abraçado me achei c'u
De aspero mato e de es
Estando c'um penedo f
Que eu polo rosto ange
Não fiquei homem não,
E junto d'um penedo ou

Ó nympha a mais formo
Ja que minha presença n
Que te custava ter-me n'e
Ou fosse monte, nuvem,
D'aqui me parto irado e q
Da mágoa e da deshonra
A buscar outro mundo, ou
Quem de meu pranto e de

Eram ja n'este tempo meus
Vencidos, e em miseria extr
E, por mais segurar-se os d
Alguns a varios montes soto
E como contra o ceo não val
Eu que chorando andava meu
Comecei a sentir do fado imi
Por meus atrevimentos o cast.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que ves e ésta figura
Per éstas longas aguas se estenderam:
Emfim, minha grandissima estatura
N'este remoto cabo converteram
Os deuses, e por mais dobradas mágoas,
Me anda Thetis cercando d'estas agoas.

Assi contava, e c' um medonho chôro
Subito d' ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c' um sonoro
Bramido, muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto côro
Dos Anjos, que tam longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos que Adamastor contou futuros.

Camões, *Lusiadas*.

OS DOZE DE INGLATERRA.

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro moderava;
Despois que socegado e livre o teve
Do vizinho podêr que o molestava;
La na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má sizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da côrte Inglesa,
E nobres cortezãos, acaso um dia
Se levantou Discordia em íra accesa
Ou foi opinião, ou foi porfia;
Os cortezãos, a quem tam pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas.

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso ou estacada,
Lhe darão feia infamia, ou morte crua.

A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De fôrças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

Mas como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes nem férvidos amantes
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrymas formosas, e bastantes
A fazer que em soccorro os deuses levem
De todo o ceo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este Inglez potente, e militára
C'os Portuguezes ja contra Castella,
Onde as fôrças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos n'esta terra exprimentára
Namorados affeitos, quando n'ella
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte rei, que por mulher a toma.

Este que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino la das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,

Que elles sos poderiam, se não érro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que per cartas discretas e polidas,
De vosso aggravo os façam sabedores.
Tambem per vossa parte encarecidas
Com palavras d'affagos e d'amores,
Lhe sejam vossas lagrymas, que eu creio
Que alli tereis soccorro e forte esteio.

D'ésta arte as aconselha o duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes,
E porque cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sôbre elles lancem sortes;
Que ellas so doze são: e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada uma escreve ao seu per varios modos,
E todas a seu rei, e o duque a todos.

Ja chega a Portugal o mensageiro;
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quizera o rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a régia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser com férvida vontade;
E so fica por bemaventurado
Quem ja vem pelo duque nomeado.

La na leal cidade d'onde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do govêrno.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavallos, e concertos de mil côres.

Ja do seu rei tomado teem licença
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles que escolhidos per sentença
Foram do duque inglez exprimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou esforçado;
Mas um so que Magriço se dizia,
D'ésta arte falla á forte companhia:

Fortissimos consocios, eu desejo,
Ha muito ja, de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis e várias manhas.
(Agora que apparelho certo vejo,
Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir so per terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

E quando caso for que eu impedido
Per quem das cousas é última linha,

Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que é devido;
Mas se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna ou sua inveja
Não farão que eu comvosco la não seja.

Assi diz; e abraçados os amigos,
E tomada licença, emfim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Logares que ganhára o patrio Marte;
Navarra, c' os altissimos perigos
Do Pyreneo que Hespanha e Gallia parte:
Vistas emfim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

Alli chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha;
Para Londres ja fazem todos vias:
Do duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos e animados.

Chega-se o prazo e dia assignalado
De entrar em campo ja co' os doze Inglezes,
Que pelo rei ja tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas e de arnezes:

Ja as damas teem por si fulgente e armado
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de côres e de sedas
De ouro, e de joias mil, ricas e ledas.

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro n'ésta empreza:
Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negócio assi na côrte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Postoque dous e tres dos seus falleçam.

Ja n'um sublime e público theatro
Se assenta o rei inglez com toda a côrte:
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro,
De fôrça, esfôrço e d'ânimo mais forte
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante:
Estava o sol nas armas rutilando
Como em crystal ou rigido diamante.
Mas enxerga-se n'um e n'outro bando
Partido desigual e dissonante

Dos onze contra os doze : quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

Viram todos o rosto adonde havia
A causa principal do reboliço :
Eis entra um cavalleiro que trazia
Armas, cavallo ao bellico serviço :
Ao rei e ás damas falla, e logo se ia
Para os onze, que este era o gran' Magriço;
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

A dama, como ouviu que este era aquelle
Que vinha defender seu nome e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Ja dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma :
Picam d'esporas, largam redeas logo
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme :
O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme:
Qual do cavallo voa, que não dece;
Qual c'o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual c'os penachos do elmo açouta as ancas.

Algum d'alli tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo :
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo :
Cai a suberba Ingleza de seu throno;
Que dous ou tres ja fóra vão do valle :
Os que de espada veem fazer batalha,
Mais acham ja que arnez, escudo e malha.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É d'esses gastadores que sabemos
Maus do tempo, com fabulas sonhadas;
Basta por fim do caso que entendemos
Que com finezas altas e affamadas,
C' os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras e com glória.

Recolhe o duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas e alegria :
Cuzinheiros occupa, e caçadores,
Das damas a formosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora e cada dia,
Em quanto se deteem em Inglaterra,
Até tornar á doce e cara terra.

CAMÕES, *Lusiadas*.

A ILHA DOS AMORES.

Porêm a deusa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do Padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia ja de longos annos,
A glória per trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava ja ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos máres tristes alegria.

Despois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo deus nascido
Nas Amphioneas Thebas se causaram;
Ja trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de crystal líquido e manso;

Algum repouso emfim, com que podesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interêsse
Do trabalho que encurta a breve idade.

Parece-lhe razão que conta désse
A seu filho, per cuja potestade
Os deuses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada la no meio
Das aguas, alguma insula divina,
Ornada d' esmaltado e verde arreio:
Que muitas tem no reino que confina
Da mãe primeira c' o terreno seio,
Afora as que possue soberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

Alli quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos barões,
Todas as que teem titulo de bellas,
Glória dos olhos, dor dos corações,
Com danças, e choreas porque n'ellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

Tal manha buscou ja, para que aquelle
Que de Anchises pariu bem recebido
Fosse no campo que a bovina pelle
Tomou de espaço, per subtil partido:
Seu filho vai buscar, porque so n'elle
Tem todo seu podér, fero Cupido;

Que assi como n'aquella empresa antiga
A ajudou ja, n'est'outra a ajude e siga.

No carro ajunta as aves que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que ja foi convertida
Peristera as boninas apanhando.
Em derredor da deusa ja partida,
No ar lascivos beijos se vão dando:
Ella per donde passa, o ar e o vento
Sereno faz com brando movimento.

Ja sôbre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes que ha dias n'elle estão,
Amando cousas que nos foram dadas
Não para ser amadas, mas usadas.

Via Acteon na caça tam austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feio animal fero,
Foge da gente e bella fórma humana:
E por castigo quer doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
D'esses cães que agora ama, e consumido.

E ve do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem público imagina;
Ve n'elles, que não teem amor a mais,
Que a si somente, e a quem philaucia ensina:
Ve que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e san doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

Ve que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam somente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade.
Da feia tyrannia e de aspereza,
Fazem direito e van severidade:
Leis em favor do rei se estabelecem;
As em favor do povo so perecem.

Ve emfim que ninguem ama o que deve,
Senão o que somente mal deseja:
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja
Que espera ter co' a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

Muitos d'estes meninos voadores
Estão em várias obras trabalhando,

Uns amolando ferros passadores,
Outros hásteas de settas delgaçando;
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

Nas fragas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As aguas onde os ferros temperavam,
Lagrymas são de miseros amantes;
A viva flamma, o nunca morto lume
Desejo é so que queima e não consume.

Alguns exercitando a mão andavam,
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam,
Dos que feridos vão da setta aguda:
Formosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos;
Mas põe em vida os inda não nascidos.

Formosas são algumas, e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veias
Curam-no ás vezes asperas triagas.

Alguns ficam ligados em cadeias
Per palavras subtis de sábias magas ;
Isto acontece ás vezes , quando as settas
Acertam de levar hervas secretas.

D'estes tiros assi desordenados ,
Que estes moços mal destros vão tirando ,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido , miserando :
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se veem de amor nefando ;
Qual o das moças Bilbli e Cinyrea ,
Um mancebo de Assyria , um de Judea.

E vós , ó poderosos , por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes ;
E por baixos e rudos vós , senhoras ,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Uns esperando andais nocturnas horas ,
Outros subis telhados e paredes :
Mas eu creio que d'este amor indino ,
É mais culpa a da mãe que a do menino.

Mas ja no verde prado o carro leve
Punham os brancos cysnes mansamente ;
E Dione que as rosas entre a neve
No rosto traz , descia diligente.
O frecheiro , que contra o ceo se atreve ,
A recebê-la vem ledo e contente ;

Veem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deusa dos amores.

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada,
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada,
Filho, em quem minhas fôrças sempre estão;
Tu que as armas Typheas tens em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

Bem ves as Lusitanicas fadigas,
Que eu ja de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar e ter em preço.
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o podêr nosso.

E porque das insídias do odioso
Baccho foram na India molestados,
E das injúrias sos do mar undoso
Poderam mais ser mortos que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados;
Tomando aquelle premio e doce glória,
Do trabalho que faz clara a memoria.

E para isso queria que feridas
As filhas de Nereo, no ponto fundo
D' amor dos Lusitanos incendidas
Que veem de descobrir o novo mundo,
Todas n'uma ilha juntas e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei apparelhada,
De dons de Flora e Zephyro adornada:

Alli com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos e rosas,
Em crystallinos paços singulares,
Formosos leitos, e ellas mais formosas;
Emfim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as nymphas amorosas,
D' amor feridas, para lhe entregarem
Quanto d'ellas os olhos cubiçarem.

Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella;
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella,
Porque entendam que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

Assi Venus propoz, e o filho inico
Para lhe obedecer ja se apercebe;

Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cypria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe,
A redea larga ás aves cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

Mas diz Cupido que era necessaria
Uma famosa e célebre terceira,
Que postoque mil vezes lhe é contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deusa Gigantea, temeraria,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos ve, e per onde voa,
O que ve, com mil bocas apregoa.

Van-a buscar, e mandan-a diante,
Que celebrando va com tuba clara,
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d' outrem celebrára:
Ja murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhára:
Falla verdade, havida por verdade;
Que junto a deusa traz Credulidade.

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos deuses, que indignados
Foram per Baccho contra a illustre gente,
Mudando os fez um pouco affeiçoados.

O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por mao zêlo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede n'isto o fero moço as settas
Uma após outra, geme o mar c' os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem gyros:
Cahem as nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentisimos suspiros,
Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama;
Que tanto como a vista póde a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea lũa
Com fôrça o moço indomito excessiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.
Ja não fica na aljava setta algũa,
Nem nos equoreos campos nympha viva;
E se feridas inda estam vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

Dae logar, altas e ceruleas ondas,
Que, vêdes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que veem per cima da agua Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
Ardente amor, á flamma feminina,

É forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

Ja todo o bello côro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
Em choreas gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Venus as guiava:
Alli a formosa deusa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes quando amava;
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente, para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria,
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas, com subita alegria,
Houveram vista da ilha namorada
Rompendo pelo ceo a mãe formosa
De Memnonio, suave e deleitosa.

De longe a ilha viram fresca e bella,
Que Venus pelas ondas lh'a levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava:
Que porque não passassem sem que n'ella
Tomassem pôrto como desejava,
Para onde as naus navegam a movia
A Acidalia, que tudo emfim podia.

Mas firme a fez e immobil como viu
Que era dos nautas vista e demandada;
Qual ficou Delos tanto que pariu
Latona Phebo e a deusa á caça usada.
Para la logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta, cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com suberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam
Na formosa ilha alegre e deleitosa:
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume que a verdura tem viçosa;
Per entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

N'um valle ameno que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde uma mesa fazem que se estende
Tam bella, quanto póde imaginar-se,
Arvoredo gentil sôbre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Mil árvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:

A larangeira tem no fructo lindo
A côr que tinha Daphne nos cabellos;
Encosta-se no chão, está cahindo
A cidreira c' os pezos amarellos;
Os formosos limões alli cheirando
Estão, virgineas tetas imitando.

As árvores agrestes, que os onteiros
Teem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deus amados e queridos:
Myrtos de Cytherea, c'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cypariso
Para onde é pôsto o ethereo paraiso.

Os dons que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem elle se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras que o nome teem de amores;
O pomo que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

Abre a roman, mostrando a rubicunda
Côr com que tu, rubi, teu preço perdes,
Entre os braços do ulmerio está a jucunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes:

E vós se na vossa árvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregae-vos ao damno que c'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sob'e-lo tanque lucido e sereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deusa Paphia, inda suspiras.

Para julgar difficil cousa fôra,
No ceo vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro e Flora,
As violas da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

A candida cecem das matutinas
Lagrymas rociada, e a mangerona;
Veem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tam queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona:

Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

A longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n' agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella;
Alli no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

N'ésta frescura tal desembarcavam
Ja das naus os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deusas como incautas;
Algumas doces citharas tocavam;
Algumas harpas e sonoras frautas,
Outras c' os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

Assi lh'o aconselhára a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na fórma descuberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés de terra cubiçosos;
Que não ha nenhum d'elles que não saia
De acharem caça agreste desejosos;
Não cuidam que sem laço ou redes, caia
Caça n'aquelles montes deleitosos,
Tam suave, domestica e benina,
Qual ferida lh'a tinha ja Erycina.

Alguns que em espingardas e nas bestas,
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam:
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da agua, que suave e queda
Per alvas pedras corre á praia leda.

Começam de enxergar subitamente
Per entre verdes ramos várias côres;
Côres de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,
Mas de lan fina e seda differente,
Que mais incita a fôrça dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se per arte mais formosas.

Dá Velloso espantado um grande grito:
Senhores, caça estranha, disse, é ésta:

Se inda dura o gentio, antiguo rito,
A deusas é sagrada ésta floresta:
Mais descubrimos do que humano esprito
Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes

Sigamos éstas deusas, e vejamos
Se phantasticas são, se verdadeiras.
Isto dito: veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão per entre os ramos;
Mas mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco surrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

De uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e da outra as fraldas delicadas:
Accende-se o desejo que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Uma de industria cae, e ja releva
Com mostras mais macias que indignadas,
Que sôbre ella empecendo tambem caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

Outros per outra parte vão topar
Com as deusas despidas que se lavam;
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.

Umas fingindo menos estimar
A vergonha que a fôrça, se lançavam
Nuas per entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cubiçosas vão negando.

Outra, como acudindo mais depressa
Á vergonha da deusa caçadora,
Esconde o corpo n' agua; outra se apressa
Per tomar os vestidos que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi e calçado, (que co' a mora
De se despir ha medo que inda tarde)
A matar na agua o fogo que n'elle arde.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo ao rosto o ferreo cano erguido,
Para a garcenha ou pata conhecida,
Antes que sôe o estouro, mal soffrido
Salta n'agua, e da presa não duvida,
Nadando vai, e latindo; assi o mancebo
Remette á que não era irman de Phebo.

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro e namorado,
A quem amor não dera um so desgôsto,
Mas sempre fôra d'elle maltrattado;
E tinha ja por firme presupposto
Ser com amores mal affortunado,

Porêm não que perdesse a esperança
De inda podêr seu fado ter mudança :

Quiz aqui sua ventura que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu para dar-se a natureza.
Ja cansado correndo lhe dizia :
Ó formosura indigna de aspereza,
Pois d'ésta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma.

Todas de correr cansam, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo;
Tu so de mi so foges na espessura?
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se t'o tem dito ja aquella ventura
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Oh no-na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

. . . .

Oh não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que so com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a fórça dura.
Que imperador, que exército se atreve
A quebrantar a furia da ventura,

Que em quanto desejei me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo.

Põcs-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potentc.
Levas-me um coração que livre tinha!
Sólta-mo, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tam mesquinha,
Que n'esses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou despois de presa
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

N'ésta esperança so te vou seguindo;
Que ou tu não soffrerás o pêso d'ella,
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vas fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella;
E tu me esperarás se amor te fere;
E se me esperas, não ha mais que espere.

Ja não fugia a bella nympha, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto ja sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cahir-se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chôro que soava!
Que affagos tam suaves! Que íra honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhan e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não póde experimentá-lo.

D'ésta arte emfim conformes ja as formosas
Nymphas c'os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro e de ouro e flores abundantes;
As mãos alvas lhe davam como esposas,
Com palavras formaes e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

CAMÕES, *Lusiadas.*

DESCRIPÇÃO

DAS TRES PARTES DO MUNDO ANTIGO.

La no meio de Italia, ao pé de uns montes
Altissimos, se faz um valle escuro
De negro e espesso bosque rodeado,
Pelo qual um medonho, torto rio
Corre com gran' rugido entre penedos:
Dentro n'este logar sombrio e triste
Uma profunda cova e boca horrenda
Escurissima está, e n'ella se abre
Uma fera garganta que descobre
As tristes negras aguas de Acheronte:
Infernaes e pestiferos vapores
D'ésta espantosa boca véem continos.
D'aqui ligeira sai aquella horrivel,
Abominavel furia que com impio,
Duro, sangrento açoute as tristes almas
Castiga com rigor perpetuamente:
Duas azas estende e sólta aos ares
As pennas de côr negra e pêllo triste,
Os olhos rutilando ardente fogo,
Mostrando um cenho esquivo, odioso ao mundo.

Pallido o rosto, a fronte rodeada
De venenosos aspides nocivos;
As mãos e escura veste de corrupto
Humor e sangue vil todas manchadas,
Com estrondo espantoso as azas bate,
Despedindo fumoso e negro lume;
A pedragosa altura do Apenino
Monte demanda, e la subida pára.
Víra os olhos á parte esquerda, e nota
Como se vai mostrando per tal parte
Essa famosa Italia combatida
Do Adriatico mar e mar Tyrrheno.
Ve Apullia e Calabria, ve Siponto,
E aquelle monte Gargano vizinho,
Illustrado co'a luz viva e fulgente
Do archanjo, a quem Lusbel está rendido.
Ve Brundusio assistente ao rompimento
D'essa gente cesárea e pompeana:
Ve que do mal passado se lamenta
Hidrunto em outro tempo, Otranto agora.
Ve Tarento feroz, assento antigo
Dos bravos inimigos dos Romanos,
E ve defronte os portos, os de Albania:
Os de Epyro, Darazo, e os de Velona.
A pestifera deusa corre a vista,
Ao longo da outra costa do Adriatico,
Ve Dalmacia com tantas fortalezas
Do perfido tyranno possuidas;
E os seus povos Illyricos ousados,

De animos invenciveis, bellicosos
Viver agora ja em triste jugo
De sugeição tyranna, dura e barbara.
A Istria chega os olhos, e ve n'ella
Os Alpes descansar, despois que a Italia
Deixam murada e forte com mil voltas
De levantados montes e agras serras.
A Austria ve suberba c'o Danubio,
Illustrada das ondas crystallinas:
Ve Bohemia cercada de Herecinia,
Onde o Albis nascendo a rega e lava.
Ve Moravia e Saxonia poderosa,
Por seus cavallos Frisia conhecida.
Junto d'esta viu Hassia, ambas sentadas
Entre os famosos rios Rheno e Albis.
Toda Alemanha ve, onde o gran' Phebo
Obliquos manda os seus dourados raios:
Ve Hungria e Polonia, ambas partidas
Co'as fraldas d'esse gran' monte Carpátho.
E viu aquellas gentes obstinadas
Na sua opinião, e infernal schisma,
Que vibrando os nervosos, curvos arcos,
Nuvens de settas lançam nos imigos.
Lituania e Livonia, com sombrosas
Coroas de pungentes e altos pinhos:
Ve d'ellas vir Boristenes bramando
Com impeto rompendo o ponto Euxino.
Aquelles ve tambem que mais ao Norte
Em mil perpetuas neves sempre vivem,

E a mor parte do anno se lhe esconde
O latonico carro em grossas nuvens.
Põe os olhos em Grecia, e ve a insigne
Thesalia do Peneo, ja libertada,
E viu a inculta Thracia, onde os dous montes
Hemo e o Rodope ambos se exalçam,
Regada co'a corrente amena e doce
Do Hebro, que com voz confusa e rouca
Inda lamenta a morte e fim tam triste
D'aquelle que Eurydice em vão chorava.
Ve da Pharsalia os campos tristemente
De sangue de Romãos todos banhados:
Ve os ditosos Pheaces, e as alturas
Com que os Acroceraunios o ceo tocam
Infamados com mil naufragios tristes
De graves, desestrados infortunios:
E assentados ambos la no Epiro
O Adriatico mar, e o Jonio Apartro.
E viu aquella parte que com voltas
A corrente veloz de Halyacmon banha,
E as ondas de Axio liquidas, que alegram
Os campos d'essa antiga Macedonia.
Ve aquella região, fim dos trabalhos
Do filho de Agenor, cuja cidade
Pela musica e harpa sonorosa
De Amphion foi de muro alto cercada.
Ve d'ésta a antigua Eube dividida
Pelo temido Euripo, aos navegantes
Espantoso e cruel pelas mudanças

Sette vezes ao dia n'elle certas.
Ve a grande Morea entre dous máres
Onde Corintho lustra o mar Egeo,
E o Ionio se ennobrece e toma brio,
Tendo na boca o golpho de Lepanto,
Insigne, co'a victoria antiguamente
De Octaviano Cesar : mas agora
Muito mais celebrado, mais insigne
Co'a fama do mancebo que Austria exalça.
Á parte do meio dia volve os olhos,
E ve o Tyrrheno mar que lava Italia,
Ve per elle assentado aquelle reino,
Sôbre o qual houve ja tantas discordias.
Sicilia viu, e os altos promontorios,
Que Trinacria lhe dão por appellido :
Por quem Romãos e Penos as sangrentas
Armas com brava furia ja tomaram.
E passando c'os olhos ao direito
De Africa, bem no fim viu a Numidia
De ferissima gente ousada e forte
Entre a antiga Carthago e Mauritania.
Ve a Penthapolim, e no deserto
Areoso devisa as sepulturas
Dos Philenos irmãos que posposeram
O gôsto de sua vida ao bem da patria.
Ve Marmaryca ao longe la do Égypto,
Que os moradores barbaros constrange
Buscar torpes comidas, pola falta
Dos nossos costumados mantimentos.

Os feros Trogloditas ve que habitam
Logares solitarios, espantósos
N'aquelles areaes, onde Volturno
Abate d'aqui serras, d'alli as alça.
A quente Ethiopia vè toda estendida
Ao longo do gran' Nilo, cujas ondas
Da sua alta catadupa despenhadas
Ensurdecem vizinhos e os atroam.
Centypoléa ve, donde devisa
Miseraveis ruínas de cidades
Outro tempo famosas; e ao presente
D'ellas enxérga so tristes memorias.
A fresca e fertil Cypro, onde se honrava
Antiguamente a bella Cytherea,
Ve com grande alegria pelas mòrtes,
Pelos damnos belligeros futuros,
Quando do cruel barbaro insolente,
A poderosa mão e forte armada,
Em sangue banhará praças e ruas
Da forte Phamagusta e de Nichossia.

Despois que a brava furia viu aos lados
O que de Europa e Africa se mostra
Em Asia firma os olhos, estendendo
As negras, serpentinas, grandes azas.
D'aquella grande altura se abalança
Para onde a menor Asia está fronteira,
As bramadoras cobras de veneno
Enchendo lhe vão mãos, peitos e rosto.

Bythinia vai passando, onde o sangrento
Fero Carthaginez morto descança:
Deixa Galacia, e deixa os que as montanhas
De Pamphilia, entre feras sempre habitam.
Deixa Phrygia, onde viu vestigios tristes
D'aquella nobre, antiga, infausta Troia:
E deixa os que com curvo arado rompem
As jugadas fructiferas de Lycia.
Tambem deixa Cilicia, antigo assento
De valentes piratas; deixa aquelles
Que no Caucaso monte as tristes vozes
E o pranto de Prométheo stão ouvindo.
Deixa ambas as Armenias: tambem deixa
Aquelles que na altura pedragosa
Do gran' Niphate habitam, gente brava,
De feroz coração e ânimo duro,
Exercitada e destra em vibrar arcos,
E despedir com fôrça mortaes settas,
A terra defendendo, que do Euphrates
E do ligeiro Araxes é regada.
Aquelles vai deixando que entre as aguas
D'esse ligeiro Tygris, e as quietas
E líquidas do Euphrates, os lanosos
Gados, em campos ferteis apascentam:
Vai vendo as tres Arabias, a Petréa,
A Felix e a deserta, entre os dous máres,
Roxo e Persico seio: caminhando
Para onde Persia ve, sem mais deter-se,
Os olhos infernaes firma nas armas

De seus habitadores, nos cavallos
Briosos e suberbos, nos luzentes
Açacalados ferros e hastas grossas.
Chega ao Paropamiso, onde se involve
Co'a líquida corrente do rio Indo,
Sem nunca se apartar d'ella assombrando
As transparentes ondas; entra em Diu.
Entra na fortaleza, e n'um momento
Corre os soldados todos, e distilla
Um veneno infernal em todos elles:
Os sentidos lhes cega, e assopra um fogo
Que os ossos e as entranhas lhes abrasa,
E no mais fundo dos irados peitos
Lhes deixa uma peçonha, e furia insana.
Despois que embravecidos e instigados
Os viu, e a desestrada têa ordida,
No medonho aposento se abalança
Alegre por deixar pôsto em effeito,
A vontade damnada e inico zêlo.

CORTEREAL, *Cêrco de Diu*.

MORTE DE D. LEONOR.

Aos que nas procellosas, bravas ondas
Com tempestuosos ventos ja se viram
Mil vezes submergidos, grande allívio
E descanso lhes é pôrto seguro.
E aos que na temporal vida padecem
Trabalhos, afflicções, males e angústias
A morte lh' é descanso, pois se acabam,

. . . .

Fenecem com morrer grandes injúrias
Do fugitivo tempo em tudo avaro;
Fenecem semrazões da incerta e vária,
Inconstante, cruel, impia fortuna.

Vistes o capitão* ouvir mil gritos,
E o coração presago a dura morte
Da sua Leonor lhe descubria.
Com trabalho se apressa por achar-se
Presente ao mal que teme e ja ve certo:
E da penosa dor affadigado,
Quasi arrastando vai os lassos membros.

* Manuel de Sepulveda.

Um difficil anhelito lhe sécca
A boca ja mortal; e os tristes olhos
Sumidos de fraqueza em vivas fontes
De lagrymas piedosas se convertem.
Chega a donde Leonor ao passo forte
E termo tam temido estava entregue;
Ve que a turvada vista rodeando,
A elle so demanda, a elle so busca;
E vendo que é chegado, esforça um pouco
O ânimo, e procura despedir-se.
Levanta com trabalho os mortaes olhos,
Quer-lhe fallar, a morte a lingua impide:
Firma-os cada vez mais no triste rosto
D'aquelle unico amigo que ja deixa:
Trabalha agasalhá-lo, e não podendo,
Com dor mortal na terra se reclina.

Calliope divina, agora é tempo
Onde me é teu favor mais necessario;
Torna-me ao coração aquella fôrça
Que em termo tam estreito tem perdida.
Concede-me vigor ao fraco esprito
Que co'a presente dor ja desfallece;
A mão e a lingua guia, que refusam
Proseguir a tractar passo tam forte.
Dentro no peito geme ést'alma minha
Lastimada e doída do impio caso,
Do successo cruel e fim tam triste,
Que aqui guardado estava a tal belleza.

Entregam-se a morrer aquelles olhos
Que mil mortes ja tinham dado a muitos;
Uma mortal angústia lhe rodeia
Aquelle alegre e angelico semblante;
Ja de todo lhe foge a côr de rosa
Do rosto tam fermoso; ja s'esfria,
Ja fica a branca mão sem movimento;
O peito eburneo fica sem sentido.

Qual da casta Diana a bella image
Se viu per mão de Phidias esculpida
Que o suberbo edificio ennobrecendo,
Sentiu do tempo avaro a fôrça e a ira:
Entre antiguas ruínas jaz a illustre
Admiravel figura despojada;
E ainda que perdeu estado e glória,
Disenho lhe ficou valor e estima:
Alli mostra um perfil medido e justo,
Nos membros proporção perfeita e rara,
Mostra fermosos olhos, mostra graça,
Mostra tudo fermóso, mas sem vida.
Tal na deserta praia fica o corpo
Mais que marmore ou branca neve, branco,
De crespas febras d'ouro soccorrido,
Que com intento casto alli defendem.
Alça-se um alarido até as estrellas,
Das criadas que emtôrno d'ella estavam;

Ferem com duros punhos rosto e peitos,

Fazendo um triste som que rompe as nuvens.
Dos gritos e lamento outra vez torna
O concavo rcchedo ũa voz scura,
E correndo per baixo do arvoredo
Miseraveis accentos vai formando:
Quantas vezes o nome amado chamam
Com palavras do chôro interrompidas,
Tantas echo chorosa lhe responde
Co'a mesma dor, c'o mesmo sentimento.
O varão infelice traspassado
De uma terrivel dor ja sem remedio,
Tremendo as fracas pernas, não podendo
Soffrer a grave carga e pêso triste
Juncto do amado corpo se reclina.
Com semblante affligido, os tristes olhos
Com intrinseca pena os tinha promptos
N'aquella ja defunta fermosura.
Cuida no duro termo a que seus gostos
E a que todos seus bens se reduziram.
Cuida em contentamentos ja passados
Que agora muito mais o entristeciam.
Alli (para mais dor) se lhe appresenta
O vário proceder de seus amores,
O princípio alterado, e successo
Tam próspero, jucundo e tam felice.
Cuida como passou em sombra o tempo
Ligeiro, e tam amigo de mudanças:
E quando imaginava estar mais alto
Viu da mudavel roda a volta dura.

Despois que um grande espaço está pasmado,
Opprimido de dor o peito enfermo,
Alevanta-se, e vai mudo e choroso
Onde a praia se ve mais opportuna.
Apartando co'as mãos a branca areia,
Abre n'ella uma estreita sepultura,
Torna-se atraz, e alçando nos cançados
Braços aquelle corpo lasso e frio,
Ajudam as criadas as funestas
Derradeiras exequias com mil gritos.
Ai duro tempo! ('dizem) como apartas
Para sempre de nós tal fermosura!

Na perpétua morada tenebrosa
A deixam, levantando alto alarido;
Com salgado liquor banhando a terra,
Aquelle último *vale!* todas dizem.
Não fica so Leonor na casa infausta,
Que de um tenro filhinho se acompanha,
Que a luz vital gozou quatro perfeitos
Annos, ficando o quinto interrompido.
Alli co'a morta mãe o filho morto,
Ambos com morto amor en terra jazem.
Ella lhe nega o branco amado peito,
E elle o doce materno amado gôsto:
Ambos na solitaria praia ficam
Juncto das grossas ondas sepultados,
Deixando ao mundo um triste, raro exemplo
De perversa, cruel, impia fortuna.

O misero Sepulveda rodeia
Os olhos, com effeito de saudade;
Em lagrymas desfaz o bulcão turvo
De que asombrado tinha o triste sprito.
Com voz de triste chôro embaraçada
Palavras diz de lástima e piedosas.
Nos braços toma um filho que alli tinha
De tenra idade, e (vista miseravel!)
Per estreita vereda entra no mato
De bravos leões e tigres povoado;
A morte vai buscando: elles doídos
De seu mal lh'a darão em breve espaço.

Corterreal, *Naufragio de Sepulveda.*

EL REI D. SEBASTIÃO

EM CINTRA.

Com tudo ávante vai, cansa e porfia
Até chegar ao fim do monte erguido,
Que a região das nuvens estendia;
No mundo pela fôrça conhecido
O Olympo Thessalico excedia,
Onde dos ventos é claro e sabido
Que no templo de Jupiter mostravam
Que a tam alto logar nunca chegavam.

Deu-lhe seu proprio nome a bella filha
De Latona por ser ja sua morada.
Ve bem no cume uma maravilha,
Que não cuido que fosse igual contada:
So cem passos de terra o moço trilha
Em cima que não fosse alcantilada;
Os quaes occupa um templo que se invoca
A senhora da Pena ou da alta Roca.

Aqui viu claras fontes crystallinas,
Que em duras pedras tinham nascimento,

Edificadas áltas officinas
D'um consagrado e pudico convento :
Um peregrino alli de peregrinas
Pedras com jamais visto intendimento
Um retabolo fez, que parecia
De rica e subtil marceneria.

De Pario alabastro marchetava
O Corinthio porphydo enxerindo
O jaspe em luso marmore ; que estava
Suspenso o rei, pintar-se presumindo.
Brutescos e cordões dependurava;
(Tudo de pedra) que se estará rindo;
Quem não viu ésta obra desusada,
De muitos que a viram celebrada.

Não so no altar sancto se embebia
O moço rei; que está rapto e enlevado
Ouvindo tam suave melodia
Que lhe parece estar beatificado.
Mas como para o mundo emfim pendia,
Sai-se do templo a ver o mar inchado,
Descobrindo d'alli do Olympio monte
Do meio orbe terreno o horisonte.

Tendo sempre presente na memoria
O que lhe o seu esfôrço promettia,
Dos seus passados á superna glória,
Que n'elle o tempo assim escurecia,

A prolongada empresa, e obrigatoria
A quem a lei de Christo pretendia
Estender até o ultimo terreno
Contra a fôrça do barbaro Agareno.

Mágoa com que ao mar o rosto víra
Por lhe não renovar tristes lembranças!
E caminhando assim triste suspira
(Effeito de compridas esperanças)
Do monte desce emfim onde subíra
A ver o que é sugeito de mudanças,
E fonte de perigos não cuidados
So para cubiçosos ordenados.

Ve que as nuvens abaixo errando andavam
Cubrindo os valles que altas serras fendem;
Desce até que per cima lhe ficavam,
Que em fria sombra pelo ar se estendem.
Bosques de ferteis plantas se mostravam,
De cujos ramos varios fructos pendem;
Umas e outras sempre florecendo,
Como que sempre fosse amanhecendo.

Ouvindo as rôtas lymphas que cahindo
Per entre lisas pedras murmurando
Parece certo alli que véem sentindo,
O que no peito o moço está traçando:
Onde Flora de Zephyro fugindo
As esquecidas folhas meneando

Do bosque, bem parece que dizia
Porque tam cruelmente lhe fugia.

Sendo nectar e ambrósia alli o rocio
Que em matutinas flores lento e grave
Cahindo la do ceo, coalhado e frio
Da astuta abelha era manjar suave:
Debaixo de um castanho alto e sombrio
Se assenta o Luso porque mais o aggrave
Seu mal, ouvindo ao som de claras aguas
Passarinhos cantarem ternas mágoas.

Alli pois divertindo o vagamundo
Pensamento, mil cousas considera
Por applacar o peito furibundo,
Que com nenhum repouso se modera:
Alli ve que o que foi senhor do mundo
Que mais, depois de se-lo, não quizera
Que lograr o repouso desejado
Em doce companhia congregado.

Mas nada o satisfaz, porque faltando
Ao appetite aquillo que deseja,
(O peior muitas vezes desejando)
Nada o queira emfim, por mais que veja;
E assim todo o repouso desprezando
Abraça uma interna e van peleja:
D'onde turbado e triste se levanta
Depois que de confuso se quebranta.

Per entre os lisos troncos corcovados
O passo move aonde escritas crescem
Várias tenções de peitos namorados,
Que em perpétua memoria permanecem:
Estão do tempo alli dos reis passados,
Que os cortezãos d'agora ja aborrecem
A pureza de amor, porque chorando
Não andem as pobres árvores riscando.

Cintra se chama ésta deleitosa
Parte, aondo repouso o moço engeita.
Vai pensativo achar ũa cavernosa
Pedra de largo ventre e porta estreita.
Ousado entra na grutta temerosa,
E uma lamina dentro escripta espreita:
Toda arabigos versos a occupavam,
Que grandes cousas lhe prognosticavam.

Descobre a breves passos altos teitos
Per entre a mais espessa e verde rama,
D'algũa mais que humana industria feitos,
Quaes não cantou moderna e antiga fama,
Não consumindo outros tam perfeitos
O longo tempo ou Dardania chamma.
Igualmente o louvor se alli reparte,
Não excedendo a materia á arte.

Entra subindo per torcida escada
De marmores luzentes jaspeados

A varios corredores de estremada
Vista, e parapeitos relevados;
Ouvem a voz humana retumbada
Os passaros nocturnos, e espantados
Fugindo vão da luz e teitos ricos
A dar nas mãos dos inimigos bicos.

Entrando logo na maravilhosa
Casa dos brancos cysnes que guardando
O costume, na morte tenebrosa
Parece certo alli que estão cantando.
Avante passa, onde uma dolorosa
Nympha mostrava estar-se-lhe queixando
Da agua que per cima lhe corria,
Que n'uma curva concha alli cahia.

D'uma banda do solio coarteado
Sahindo de clara agua uma espadana
Que, mais de duas lanças levantado,
Parece que repugna á industria humana.
Da outra parte um teito está dourado
Que os quatro ventos tem, per onde mana
Fresco rocio, e ás vezes se exprimenta
De bravo hinverno alli brava tormenta.

Logo a galé avante a vista espanta,
De tarjas cheia, onde está pintado
O monstro da septivoca garganta,
O Cerbero trifauce encarniçado;

Hippomanes que atrás vai de Atalanta,
Cephalo que madruga namorado;
Bosques, batalhas e selvagens feras,
Sulphureas gruttas, horridas chymeras.

Luiz Pereira, *Elegiada*.

O OCEANO

FESTEJANDO A ARMADA PORTUGUEZA.

Sentiu la no profundo e vitreo estrado,
Onde com Thetys passa alegre sesta,
Oceano este abalo desusado
Da fabricada subita floresta;
E com tal novidade perturbado
Deixa de parte o regosijo e festa,
E per Tritão os deuses convocando,
As aguas para cima foi cortando.

Neréo, pae das nymphas, mais ligeiro
Do que a comprida idade consentia,
(Se o tempo entra no mar) foi o primeiro
Que os passos d'Oceano alli seguia:
Ao lado esquerdo Glauco é companheiro,
Pelo direito Prótheo apparecia,
Protheo, que os Neptuninos aconselha;
Uma com outra Thetys emparelha.

Entre todas a bella Cymnoría
Corre veloz co'a linda Cimothóe

Logo tras ella a candida Amathía
Com Dinamêne, Apsêudis e Amphitóe
Cymódoce, Déxamene, Oritía,
Amphínome, Melíte, Glauce, Thóe,
Galathea formosa por extremo
E Leucothóe vem c'o seu Palemo.

Ja se mostra Pherusa, e avante passa
Climene porque ja perto a sentíra;
Descobre-se Nisea e Callianassa,
Spio, Actêe, Nimétris e Janira;
De mais longe vem Doris e Janassa,
A quem accompanhou Callianira,
Thalia, Panopea, Iera, Próto,
Ethera, Agave, Idóthoa, Meia, Dóto.

Em calma n'este tempo o mar estava,
E como rio manso parecia,
O vento em seu descanso repousava,
Nenhuma tábua concava surdia:
Oceano, que a frota divisava,
De Lusitanos ser reconhecia,
E por se lhes mostrar ledo e contente
Co'ésta voz faz attenta a humida gente.

« Ó bellissimas nymphas, ó marinhos
Habitadores do crystal salgado,
A ésta armada agora abri caminhos,
Que em calma tem o vento socegado:

É justo festejemos taes vizinhos
Que tanto teem meu nome accreditado;
Por elles sou famoso, e todo o humano
A grandeza celebra do Oceano.

Cesse ja do Erithreu a glória antiga,
E seus tropheus magnificos suspenda,
Nem do Pontico mar louvor se diga,
Que meu direito e pre'minencia offenda.
Outras crescentes, outros estos siga
Esse Mediterraneo se pretenda
Igualar-se comigo; enfree o brio
O Mauritano, o Caspio, o Euxino frio.

Nenhum ceruleo reino se navega
De gente em paz e em guerra tam famosa,
Nenhum com tal corrente cérca e rega
Costa em viages tam maravilhosa;
Nenhum seus braços tam ufano entrega
A cidade tam nobre e populosa,
Que, se Ulysses lhe deu o fundamento
É ja glória de Ulysses e ornamento.

Isto dizendo, os braços vai lançando
Com seu compasso igual pela agua fria
E a nau real c'os hombros inclinando
Escumas levantava e dividia;
Logo vai cadaqual outra afferrando,
Por não ficar detras sem companhia:

O curso era tam destro e diligente,
Que iam surdindo todos igualmente.

O navio do principe tirava
Com graça estranha a linda Galatea,
Que por descuido a vezes se mostrava
Mais alva que o crystal da propria vea;
Os olhos após si todos levava
E corações tras elles senhorea:
Quantos a culpam de ligeira e leve,
Pois tal vista lhes faz assim mais breve!

QUEVEDO, *Afonso Africano.*

ZARA

SUPPLICANDO AO PAE O PERDÃO DOS CAPTIVOS.

Abrem-se as covas horridas e feias,
Tiram-se á luz aquelles innocentes,
Que a rôjo dos grilhões e das cadeias
Se levam como infames delinquentes.
Param na praça; e nas mais altas veias
Se esfria o sangue vendo os diligentes
Ministros e os cutellos affiados,
Fogos ardendo, e vasos preparados.

Mas despois d'este abalo temeroso
Da fraca natureza, logo acode
A sustentar o spirito forçoso
O pêso que um mortal suster não póde.
Respira cadaqual, torna animoso,
E da morte o temor logo sacode,
Offerecendo a vida amada e cara
A Deus, que so para isso lh'a emprestára.

Quando entra Zara n'um ginete ardente,
Que mastigando o freio em branca escuma,

Tanto que o pêso reconhece e sente,
Se embrida e altera mais do que costuma,
Dobrando as mãos a passo continente,
Pelas ventas abertas sopra e fuma:
Todos se alteram logo, e na estranheza
Os olhos poem do trajo e da belleza.

Não usa os atavios vãos do paço,
Despreza as ricas joias tam prezadas;
A manga recolhida a meio braço,
As tranças d'ouro ao vento derramadas,
As rossagantes roupas, que embaraço
Fazem, n'um breve nó todas tomadas;
Lançando aos hombros o arco e a rica aljava,
Com que das feras doma a furia brava.

Tal de Harpálice o traje quando cansa
Os ardentes cavallos na carreira,
Que ao longo do Ebro furioso lança,
Cuja corrente inda é menos ligeira.
Depois que de seu pae favor alcança
A que nasceu do mar, d'ésta maneira
Apparece a seu filho na espessura,
Que errando vai a voltas co'a ventura.

Era Zara o retrato mais perfeito
Que com mão destra fez a natureza,
Se as condicções se véem do altivo peito
E junctamente as partes da belleza.

O mundo com seu nome tem sugeito,
Que inda é maior que toda redondeza,
E se de Christo a fe lhe não faltára,
Póde ser que seu nome aos ceos chegára.

De mil procos ao pae era pedida,
Sem outro premio igual, em casamento,
Mas tudo desprezava, que na vida.
Não ha cousa que lhe encha o pensamento;
E dizem que se tinha offerecida
Á vida singular e casto intento
De Diana e das mais nymphas da terra,
Que pisam tras a caça o valle e a serra.

N'este exercicio alegre, em que se esmera,
O mais do tempo nas montanhas passa
Seguindo os passos d'uma e d'outra fera,
Té que a tiro lhe chega, e alli a traspassa;
Ora emboscada entre alto mato espera
Tendo so para a setta a vista escassa,
Que do arco despedida o cervo prega
Incauto que c'o sangue o campo rega..

Tambem a côço toma o leve gamo,
Tam ligeira tras elle se arremessa
Despois que o enganou c'o vão reclamo,
A quem acode com ligeira pressa:
Agora aponta ao passaro no ramo,
E antes de ser sentida o atravessa;

Ensaio breve, com que a mão se affouta
Para o porco, que fez, dentro na mouta.

Ás vezes enfadada na floresta,
Quando arde a calma, quando o sol se empina,
No regato florído passa a sesta,
E na mão de alabastro a face inclina:
Ora os olhos á fonte clara empresta,
E brincando co'a agua crystallina,
A veia se perturba e se mistura
Porque ella se não turbe co' a figura;

Que a ver a image bella n'agua clara,
O lindo asseio e gracioso riso,
(Se per ventura risse) perigára
Perdendo-se por si como Narciso:
Mas ella é d'ésta glória tanto avara
Que por se não mostrar, turba de aviso
A fonte, que da mesma agua se cia
Lhe fuja co' a figura, pois corria.

Ás vezes co' as donzellas escolhidas,
Que a seguem n'ésta deleitosa pena,
Debaixo do tecido das florídas
Árvores, danças mil airosa ordena:
Espantam-se das silvas as fingidas
Deidades, e tocando a doce avena,
Os passos com som rustico acompanham,
Porém de longe, que chegar estranham.

Ai Zara! e que vida ésta tam segura
Em bosque fresco, de pezares falto,
Onde o maior tumulto é d' agua pura,
Das aves do ar o murmurar mais alto!
Agora que te apartas da espessura,
Logo encontras com pena e sobresalto,
Que n' alma suspiraste quando viste
Tam severo spectaculo e tam triste.

E sendo então alli certificada
Dos termos que seu pae c'os christãos usa,
Ficou c'o sacrificio perturbada
E pela causa d'elle assás confusa,
E manda que não seja executada
A sentença cruel em quanto escusa,
A piedade e compaixão movida,
C'o pae uma miseria tam crescida.

Pararam d'improviso os homicidas
Á lei que lhes posera obedecendo,
E a seu mal grado ás innocentes vidas
O castigo inventado suspendendo;
Que as palavras de Zara encarecidas
Comsigo sempre imperio véem trazendo,
Com que o mais fero e deshumano peito
Em brandura converte e o faz sugeito.

Os condemnados miseros ergueram
Os olhos tristes para aquella banda

E a causa de seu bem reconheceram,
Causa em si grande, e grande no que manda;
Foram para fallar, emmudeceram;
Ella os olhou, e seu tormento abranda,
E como ja remedio lhes deseja,
Parte a buscá-lo porque cedo o veja.

E como o caso compaixão lhe inspira,
Sôbr'outra natural que n'ella mora,
Ao pae e rei, que os braços ja lhe abríra,
Éstas palavras diz, e entre ellas chora:
Se mimosa de vós me não sentíra,
Não ousára tentar se o sou agora
Alcançando, senhor, por magoada,
Perdão para ésta gente condemnada.

Quanto mais que n'um tempo que ameaça
Pelos mesmos Christãos guerra tam crua,
É perigo que a todos embaraça
Terdes contra os de paz espada nua;
Que se a fortuna próspera os abraça,
A vossa crueldade aviva a sua,
E dais a imigo vencedor motivo
Para a ferro metter quanto achar vivo.

Portanto, se algum mimo vos mereço,
Com ésta petição a salvo saia,
E se ha difficuldade, que eu conheço,
A culpa sôbre mim de tudo caia.

— O pae que, inda que fôra de mor preço,
(Segundo de affeição todo desmaia)
Lhe concedêra a cousa que lhe pede,
Para todos perdão logo concede.

QUEVEDO, *Afonso Africano.*

O PRINCIPE D. JOÃO

NOS JARDINS INCANTADOS.

Elle, que ja de longe larga conta
D'um successo tam novo dar deseja,
Assi começa em voz formada e prompta,
Para que alli notorio a todos seja:
Despois que da tormenta a brava affronta
Passámos, quando ja falta quem reja,
(Que vence a tempestade a sciencia e arte,)
Démos acaso n'uma estranha parte.

Sentimos, que inda a vista estes extremos
Não julga, as naus romperem pela areia,
E nosso último fim quasi tememos,
Fingindo alguma praia aspera e feia:
Quando a cerração cega abrir-se vemos,
E o vento bravo o sôpro irado enfreia;
Descobre-se uma praia fresca e leda,
E n'ella toda armada emproada e queda.

Eu, que não conheci a estranha terra,
Dos mais practicos mestres informado

Perguntei que parage o sítio encerra,
E de que gente póde ser pizado:
E n'isto cadaqual se engana, e erra
O que se tem por mais exprimentado;
E porque a praia alegre nos convida,
N'ella desembarcar ninguem duvída.

Pedro, que o mal de nossas almas cura,
A quem o mor segredo descubrimos,
Ou seja acaso, ou elle assi o procura,
Na poppa em alto somno ficar vimos:
Nós entretanto ao longo d'agua pura,
Pizando a branca areia alegres imos,
Buscando um prado que assomava perto,
Pela cór e fragrancia descuberto.

Artificio parece da natura
A cêrca que o resguarda em tudo airosa,
Onde pendendo a branca rosa pura
Está co'a bella pudibunda rosa,
Outra inda no botão cerrada dura,
Para sahir a tempo mais fermosa,
No qual a falta supra da vizinha,
Que murcha cai entre a pungente espinha.

Aqui nos detevemos por espaço,
Colhendo cadaqual a que lhe agrada,
A custo da melhor parte do braço,
Que do furto sahia lastimada:

Logo saltámos dentro; e no regaço
Da floresta de verde tapisada
Diversidade vimos de mil flores,
No fino olor estranhas, e nas côres.

Em flor se mostra alli, por si perdido
O fermoso Narciso incautamente,
E por ter o castigo merecido
Juncto nasce da líquida corrente;
Em flor tambem Hyacinto convertido
Sua historia nas folhas tem presente,
Amaranto em bellissima bonina,
E Adonis, pena eterna da Erycina.

Dispostos per canteiros ordenados
Os bellos cravos a fragrancia spiram,
Todos vermelhos uns, outros mesclados,
Quaes encarnados, quaes brancos se viram,
As violas da côr de enamorados
Quando por seu amor d'alma suspiram,
A franceza hortelan, a salva verde,
A cecem que tocada o cheiro perde.

Ésta fermosa e linda praderia,
A quem jamais nenhuma se igualava
Das que celebra Assyria, e a India cria,
E o rio Hydaspes brandamente lava,
Per dilatado espaço se estendia,
Que n'outra gentil cêrca se acabava

De rasos buxos a nivel nascidos,
Com mil enredos de invenção tecidos.

D'outra parte outro lanço está de murta
Em diversas figuras transformada:
A fermosa Orithya Boreas furta,
Sôbre as ventosas azas vem guardada;
Acolá Páris tem a armada surta,
E a mal regida Helena traz roubada:
Do gostoso princípio ha aqui memoria,
Mas não do desestrado fim da glória.

Lembra-me, que pareĩ n'ésta figura,
E logo fiz discurso alli comigo:
Cegos, disse, de nós! quam pouco dura
Um gôsto vão, quamanho é seu perigo!
Nós tristes enlevados na doçura,
Que, quando vem, o gôsto traz comsigo,
Não vemos que nos deixa o triste encargo
De eterna pena e não soffrido amargo.

Este conceito meu fez evidente
Hero, que alli para seu bem se ensaia;
Ja d'alta tôrre espera o amigo ausente,
Ja tambem desce a recebê-lo á praia:
Estreitamente o abraça, inda presente
Duvída te-lo, e em seus braços desmaia;
Elle morto, do mar bravo arrojado,
E ella sôbr'elle; isto não vi pintado.

Mais por diante, em touro se mostrava
Jupiter, de capellas coroado,
Sobr'elle pelo mar se assegurava
Europa com solícito cuidado:
Ella os pés recolhia e levantava,
Temendo o impetu d'agua occasionado,
Que o collo c'o temor lhe aperta e abraça,
Elle ufano se ri c'o pêso e traça.

Ja d'aguia generosa a fórma toma,
Porêm das unhas o rigor tempéra,
E da fermosa Asterie os brios doma,
Que antes se lhe mostrou dura e severa:
Ja brancas plumas cobre, e cysne assoma,
Não se perturba Leda, nem se altera:
Asópida alli gosa em fogo ardente,
Alli Deioda em célebre serpente.

Defronte um labyrintho se tecia
Curioso na vista, e mais na historia;
Em braços de Dione alli se via,
Marte suberbo assás pola victoria:
Sôbre elles logo a rede, que estendia
O zeloso marido, tam notoria;
Os deuses falsos, d'uma e d'outra parte
Tocam palmas, e rindo estão de Marte.

Per entre tam gostosa novidade
Fomos chegando a um deleitoso pôsto,

Onde plantas de muita variedade
Pomos estão offerecendo ao gôsto:
O cheiro é tal, de tanta suavidade,
O pomo de tal fórma e tez composto,
Que não se atreve a mão que vai colhê-lo,
E torna envergonhada de offendê-lo,

Assi fomos cahindo a um valle ameno,
Per onde uma ribeira crystallina
Regando vai o flórido terreno,
E alvas areias brandamente inclina:
Tam manso leva o curso, e tam sereno,
Que mal para onde vai se determina,
E o tom saudoso d'agua que corria
Motivo era de amor e de alegria.

N'ella quasi inclinada se está vendo
De uma parte a viçosa verde cana,
Frescos salgueiros d'outra estão pendendo
Não ha ripa de rio mais ufana:
Rouxínoes melodia estão fazendo,
Com que a pena maior um triste engana:
Ave triste não vi; nem casta rôla
Alli gemendo seu pezar consola.

Pelo flórido esmalte mil nativas
Fontes saúdosamente estão fervendo,
Éstas de branca areia brotam vivas,
Aquellas viva pedra véem rompendo;

Quaes de pequenos montes fugitivas
Com ligeira corrente vão descendo,
Quaes véem per canos de artificio vário
Em figuras de jaspe ou marmor Pario.

Em jaspe se levanta uma figura,
Á similhança d'árvore crescida,
A cortiça per cima, aspera e dura,
Direita em tronco, em ramos estendida:
No ventre se lhe mostra uma abertura,
Per ella sai uma criança á vida;
Bem conhecêra logo o que advertira
Ser a péllice e filha de Cynira.

Em marmor Pario figurado estava
O moço Hermaphrodito, em cabo lindo,
Que por seu mal na fonte se banhava,
Quanto a nympha appetece descubrindo:
Elle seguramente se mostrava,
Ella do doce furto se está rindo,
E ja mettida n'agua, e desprezada
Com elle n'um so corpo é transformada.

N'outro lanço igualmente parecia
Amor em várias fórmas retratado,
N'uma c'um veo os olhos encubria
Minino e velho ja representado;
N'outra tambem dous rostos dividia,
Um alegre, outro em lagrymas banhado,

Um braço curto tem, outro estendido,
Por manjar gosta um coração partido.

Eu pensando comigo extremo tanto,
De que nunca notícia e fama tive,
Os passos suspendi parado, e em quanto
Todos a mi chegavam, me detive:
Foi causa principal de meu espanto,
Ver como em tal logar gente não vive,
E como estão as cousas tanto ao vivo,
Que com ellas não possa o tempo esquivo.

Não sei, disse, que cuide e que imagine
De cousa para mim tam nova e rara,
Tendo tantas razões a que me incline
Para as difficuldades que declara:
Se ser natural ilha determine,
Quem gosa ésta estranheza? quem prepara
Éstas figuras, e o jardim cultiva?
Éstas fontes apura, e agua deriva?

Se phantastica e van, para que intento,
Que ou ha de ser do inferno, ou do ceo traça?
O ceo não faz igual contentamento,
Com este o inferno so pouco embaraça:
Não falta quem me solte o pensamento,
E facilmente a dúvida desfaça,
Que sítio póde ser sempre encuberto,
E a gente que o habita estará perto.

Eis que subitamente se levantam
Das sombras deleitosas nymphas bellas,
Que tanto derepente nos espantam,
Que ficamos pendendo á vista d'ellas:
Os corações nos peitos se quebrantam,
Tornam-se ao rosto as côres amarellas,
Os corpos tremem; tanto obriga e agrada
Uma belleza tal posta em cilada.

Quaes se nos mostram sem alheio ornato,
N'aquelle natural adôrno e graça,
Que fez a natureza, por mais grato
Que quanto a industria humana inventa e traça;
N'aquelle primo e singular retrato,
Que paraque nas côres satisfaça,
Á purpura as roubou e a branca neve,
Do fino anil as linhas azuis teve.

Quaes com mais artificio se apresentam,
Por se accender de amor mais o cuidado,
E um fino veo de branca seda inventam
Sôbre o crystal quasi ao desdem lançado,
Emcima do hombro esquerdo o alli assentam,
Per baixo do direito vem tomado,
Porque tenham que ver quando desejam,
Que desejar os olhos, quando vejam.

Quaes por garbo melhor, e honesto asseio,
(Que é n'isto grande embuste a differença)

Sôlto das nuves d'ouro o grato enleio,
Cahir as deixam sem remate e trença:
Abertas vão a partes pelo meio
Co'a viração que as tracta sem offensa,
Descubrindo e cubrindo junctamente,
Um bem presente agora, agora ausente.....

Logo em varios deleites occuparam,
Assim os passos como o pensamento;
Éstas alegres jogos começaram
D'invenção nova e d'amoroso intento:
Umas passeam, outras se assentaram
Em prácticas iguaes ao sentimento,
Outras param suspensas e cuidosas
Co'a mão na face, mas em tudo airosas.

Outras no regosijo peregrinas,
Que ardia então a calorosa sesta,
Se vão banhar nas aguas crystallinas,
Com ledo movimento e alegre festa;
Outras das rosas, flores e boninas
Tecem mil ramilhetes na floresta,
Quaes para serem bellas sôbre bellas,
As cabeças adornam de capellas.

Isto bastava a encher-lhe as esperanças
De lhes rendermos alma em sacrificio;
Mas outras sôbre a fresca relva em danças
Curiosas, intendem no artificio

Assi de braços, como de mudanças,
Quebros de corpo, férvido exercicio;
Quaes igualmente coros dividindo,
Os passos vão com musica seguindo.

Louvores excellentes canta um côro,
Do moço cego junctamente alado,
Que a tantos causa foi de amargo chôro,
Nas maõs com arco, e com aljava ao lado:
Outro o podêr da mãe e antiguo foro
Que nos peitos humanos tem ganhado,
E como celebrada em tempos era,
De Cypro, Idalio, Paphos e Cythera.

O primeiro que a vista incauto empresta,
Logo tras ella o coração perdido,
Foi Bernardo, e os affeitos manifesta
C'um grito que de todos foi ouvido:
Ah! diz, quam deleitosa parte é ésta,
Que terreno entre todos escolhido,
Que aventuras, que gôso aqui se ordena,
A quem sente de amor a doce pena!

Feliz seja mil vezes a tormenta,
Causa de um bem jamais imaginado,
Bem dizem: que quem males exp'rimenta,
Lhe espera um fim ditoso, e alegre estado:
Bem se enganava o que comsigo assenta
Contra nós ter-se o inferno conjurado,

Pois aqui nos guiou, e quando seja,
Mais presto a paga viu do que deseja.

Igual empresa é esta, igual fortuna,
Que a que vamos buscando incertamente,
Por uma leve glória que importuna
Espritos vãos á louca e cega gente:
E pois em parte estamos opportuna
Para doce repouso, e differente
De quantos ha per outras, descansemos,
E do intento de Arzilla não curemos.

Isto dizia o nescio, e não sabía
Cego ja c'os deleites, e offuscado,
Que estes o inferno astuto offerecia,
Inda por mor perigo que o passado:
E quem n'elles emprêgo aqui fazia
De outros maiores ha de ser privado,
Com que Deus abeterno so convida
A quem desprezar soube estes da vida.

N'isto arrimada a um tronco de viçosa
Hera enlaçado, vimos que tocava
Um laúd, uma nympha tam fermosa,
Que entre todas as mais se avantajava;
E c'uma voz tam branda e amorosa,
Que os ares parecia que inflammava,
Interrompendo a vezes a harmonia
Do saúdoso instrumento, assi dizia;

Se a vida é breve, e o tempo avaro foje,
Nada se leva, tudo ca nos fica,
Quem ha tam descuidado que se enoje
Estando a terra de prazeres rica?
O siso é lançar mão dos gostos hoje,
Que amanhan vem a morte, e as mãos applica
A quanto não gosou a idade verde,
E so se então conhece o que se perde.

Em quanto ferve o sangue e o vigor dura,
As paixões e appetites teem viveza,
Gosemos o melhor da fermosura,
Que deu para se dar a natureza:
Que peito ha tam isento de brandura,
Que não conheça o dom de uma belleza?
Quem póde resistir a um doce e brando
Quebrar de olhos, que as almas vai roubando?

Entre tudo o que ca no mundo agrada,
Ésta sorte so coube á fermosura:
Ser cousa mais querida e mais amada,
Por quem tudo se arrisca e se aventura:
Venus de apaixonados celebrada,
Seu nome e fama eternizar procura;
E com razão se fez tal conta d'ella,
Que tudo merecia por ser bella.

Bem ouvistes o caso dos Troianos,
(Inda hoje entre nós vive ésta memoria)

O porfiado cêrco de dez annos,
Que deu motivo á celebrada historia:
Os destorsos, incendios, mortes, damnos,
Em que emfim se desfez aquella glória;
Todo mundo revolto: e tudo ordena
Uma amorosa pretenção de Helena.

A Corintho levae o pensamento,
Onde o nome de Lais bem se conhece,
Cuidado singular, commum tormento
De quem tanta belleza olhar merece;
O mais altivo e nobre entendimento
A liberdade d'alma lhe offerece:
Demosthenes o diga, em letras claro,
Não de desejos, mas do preço avaro.

Que forte foi no mundo conhecido,
Que foro á fermosura não pagasse?
Tendo que por covarde fosse tido
Se contra ella valente se mostrasse:
Vêde Marte feroz enbravescido
Quantos combates amorosos passe,
E ja c'o furto deleitoso ufano,
Não faz caso das redes de Vulcano.

Vede Hercules famoso, cujos braços,
Que a leões ferocissimos domaram,
E teveram por riso os ameaços
Das serpentes Lerneas que mataram,

De sorte nos suavissimos abraços
Da bellissima Omphale s'enredaram,
Que domador de feras não parece,
Mas como branda cera s'enternece.

E vós a quem ventura trouxe a parte,
Onde os deleites ha que se desejam,
Bens a ôlho escolhei, que não reparte
Avara mão, mas todos vos sobejam:
Eu fico que d'aqui vos não aparte
Lembrança d'outros que maiores sejam,
Se uma vez os gostais: que vos detendes,
Se quanto amar se póde á vista tendes?

Isto dizendo com passeio airoso,
Pelo sombrio bosque se escondia
C'um fingimento e furto cautelloso,
Como que em parte, cara se vendiá:
Ja representa um pejo vergonhoso,
Ja se facilitava e promettia,
Se a não seguem, se pára e vai detendo;
E se a seguem, se apressa e vai correndo.

Ja no pé de alabastro e bella planta
Se magôa de industria e se confrange,
Ora meio cahida se levanta,
E finge que o temor cego a constrange:
Ja-se trespassa toda, ja se espanta,
Como que alguem co'a mão a toca e abrange:

Que invenções e melindres similhantes
São feitiços das almas inconstantes.

N'isto ja perto d'ella ia Bernardo,
Costumado a que n'ésta empreza insista:
O peito me passou pungente dardo
De exemplo perigoso tanto á vista;
Um pensamento cégo diz que tardo;
Outro me diz me vença e lhe resista.
N'um mesmo instante fujo, e logo sigo,
Reprovo, e approvo logo meu perigo.....

Em quanto assi me vejo indifferente,
N'estes embates e balanços varios,
Olhei como se havia a minha gente,
Nova em conflictos tanto extraordinarios.
Vejo em todos um pallido accidente,
A paixão mesma, effeitos não contrarios,
E notei que respeito me guardavam,
E meu primeiro trânsito esperavam.

Estavamos assi quasi rendidos
Da vista e voz suave da sereia,
Que a todos trastornou logo os sentidos,
Que o mais forte de nós mal se refreia:
Quando tras uns suspiros e gemidos
D'alma soltos de sentimento cheia,
Grandes brados alli perto soaram,
Que de novo outra vez nos alteraram.

Os olhos para aquella parte démos,
D'onde para nós vinha o tom pesado,
Per pouco espaço assi nos detevemos,
Quando chegou a nós Pedro apressado:
Devida reverencia lhe fizemos,
Mas elle co' a paixão de seu cuidado,
O coração de zêlo ardente fragoa,
Rompeu n'éstas razões d'espanto e mágoa:

Filhos, como de mi vos apartastes
Tanto sem tino para tantos damnos?
Que jôgo em minha ausencia exprimentastes,
Deixando-vos levar de taes enganos?
Sentistes-me adormido, e me deixastes!
O somno é pêso de cansados annos,
E n'elle cai o que melhor vigía;
Mas quem de mi se aparta mal se guía.

Podéreis trabalhar por despertar me,
Éstas ciladas eu as descubríra;
Mas inda a tempo o ceo quiz ajudar-me,
Que sem favores seus inda dormíra:
Uma luz nova veio alumear-me
Do arco celeste, que vigor me inspira,
Vêde que sorte, vêde que ventura,
Um mar pequeno em mim outro affigura!

Despertei logo, e vendo as naus sem gente,
Os males receei que vejo agora:

Tornae, filhos, em vós, que não consente
Em taes desejos quem a Christo adora:
Se a vida é breve, se ligeiramente
Corre o tempo, nem sempre ca se mora,
Por um gôsto tam breve não se impida
Um gôsto eterno de uma eterna vida.

E se tanto a belleza vos sugeita,
Que sempre estraga a idade fugitiva,
Cujo sugeito o mais curioso engeita
Qual flor, que enxovalhou a mão esquiva.
D'outra mais estremada e mais perfeita
Tornae a liberdade e alma captiva,
Amor, amor d'aquella fermosura,
Que nunca o tempo acaba e sempre dura.

Ésta, como princípio nunca teve,
E fim por natureza desconhece,
Tambem nunca tributo ao tempo deve,
Por ser um ser que sempre permanece:
Ésta so debuxando ao vivo esteve
Tudo o que bello e grato nos parece,
E se por ella so nos não perdemos,
É porque menos cremos do que vemos.....

Em quanto ferve o sangue, e a verde idade
Acha paixões com quem anda em batalha,
Sabei vencer e usar d'ésta verdade,
Que amanhan vem a morte, e tudo atalha:

Ninguem póde alcançar felicidade
Se contra os appetites não trabalha;
E pois sem mi viestes ao perigo,
D'elle agora sabei fugir comigo.

Isto dizendo, logo as costas vira,
Nós após elle quasi envergonhados,
O proprio pejo e asco nos retira
Dos gostos vãos alli representados:
Qual das nymphas tras nós chora e suspira,
Qual mil queixumes diz enamorados;
Mas voz, que ja soára docemente,
Silvo agora parece de serpente.

So Bernardo enlevado em seu deleite,
Indaque a Pedro lastimar-se ouvia,
Por um vão parecer e falso affeite
Deixava o que melhor lhe parecia:
Esteve duvidoso se regeite,
Se va seguindo nossa companhia;
Mas affagos e mimos lisongeiros,
Enganam desenganos verdadeiros.

Eu vi quasi voltar, estando attento,
O triste moço ja deliberado
A dar de mão a seu contentamento,
Para perpétuo amargo alli provado:
E logo, como quem segue outro intento,
C'os olhos para tras ficar parado,

Que a maga Cyrce, que seu damno traça,
Com mágoas amorosas o embaraça.

Mas nós com pressa tal nos embarcámos,
Como quem de leões bravos fugia,
As velas sôbre os mastos levantámos
Com branda viração que então corria:
Não longe do logar nos apartámos,
(E por longe nenhum se julgaria)
Quando o echo ouvimos de mortaes extremos,
E Bernardo na praia conhecemos.

«Amigos, diz, e as vozes accompanha,
C'os braços e contínuo movimento,
Como assi me deixais em terra estranha,
Sem mostrardes um leve sentimento?
Que pois minha cegueira foi tamanha,
Que me deixei levar de um pensamento
Causado de uma vista, a vós convinha
Desatardes o nó que me retinha.

Confesso que o conselho vivo, ardente,
Com que Pedro vos torna ao proprio centro,
Ás portas me bateu forçosamente
D'ést'alma triste, que cerrei per dentro:
Mas agora que ja vejo presente
Meu damno, em mim de novo outra vez entro,
Agora reconheço arrependido,
Porque apparencias vans andei perdido.

Bem vejo quam custosa a quem vai fóra
De tal perigo a volta lhe seria,
Porém julgae, se em vós piedade mora,
Quanto esse não voltar me custaria.»
Quiz mandar socorrê-lo sem demora,
Quando tudo o que agora apparecia
Tanto ao vivo, cuberto d'agua vimos,
E com temor e espanto nos partimos.

Quevedo, *Afonso Africano.*

A NOITE

SUSPENDE O ASSALTO DE ARZILLA. ZAPHYRA PROCURA O CORPO DE HALI NO CAMPO DA BATALHA.

E logo a noite do aposento escuro
Sahiu, as negras azas estendendo,
E breves tregoas poz no assalto duro,
Que todos foram logo recebendo:
Ums deixam parte do ganhado muro,
E livremente ao campo vêem descendo;
Outros em tam geral desconfiança
Inda não creem a timida esperança.

Bem como Idalias aves, que escondidas
Por medo do dragão que no ar sentiram
Que anda esperando as innocentes vidas...
Se ja cahir para outra parte o viram,
Inda temem comtudo as homicidas
Unhas, inda de todo não respiram,
E se a sahir do abrigo se aventuram
Inda olham para tras, nem se asseguram.

Esperava Zaphyra que cubrisse
(Triste esperança!...) a sombra grande a terra,

Para que ella remedio descubrisse
Á grande dor que dentro n'alma encerra;
Que tanto que do amante a morte visse,
Pazes faria logo a tanta guerra
Co'a morte sua!... E vendo a noite, chama
Záyda sempre a seus gostos util ama.

E diz-lhe que quer ver a sepultura
De seu esposo... E logo determina:
A furto sai, e ao campo se aventura,
Na feição, traje, modo peregrina:
Com a mesma miseria se assegura,
Que ésta a vezes melhor o ânimo affina,
E como tem o maior bem perdido,
Que perda ha na qual possa ter sentido!

Despois que la se viu co'a morta gente,
Uma tocha accendeu de que se ajuda;
Começa a revolvê-la diligente,
E d'um lado par' outro a vira e muda...
Inda a muitos doer-se e gemer sente;
Algum diz que lhe valha e que lhe acuda...
Mas ella passa avante, té que a sorte
A poz juncto da sua amada morte.

Não conheçeu... Mas ao passar diante,
Parece que per ella alguem puxava.
Logo se perturbou no mesmo instante,
Sem mais podêr mudar-se d'onde estava...

Fez volta, e acha passado o caro amante
Per um troço de lança que apontava;
Sôbr'elle se lançou, e muda abraça
Esse tronco... par'ella inda com graça.

E logo em ternas lagrymas banhada,
C'um suspiro que d'alma arrancou triste,
N'estes queixumes sólta a voz cansada,
Que cansado a seu mal o sprito assiste:
« Ésta era, Hali! ésta era a desejada
Hora em que tam entregue consentiste,
Quando ser meu esposo promettias?
Éstas eram as vodas e alegrias?...

N'isto parou aquelle amor perfeito?
N'isto aquella esperança que me davas?
Tudo vejo per terra ja desfeito,
Salvo a fe a que vivo me obrigavas!...
Morto te guardarei este direito,
E com zêlo maior do que esperavas.
Mas se estás vivo, amor!... Ai que respira...
Despertar quer do somno em que cahira...

Somno é isto, meu bem! não morte crua,
Que ser tam atrevida não podia....
Possivel é que tal vida possua?
Não é; porque ja viva não sería.
Vive corpo sem alma?... Não; da sua
Ésta vida que tenho dependia?

Ah consequencia van!... Todo está frio...
Eu sou a que me engano e desvario!

De ti posso queixar-me, doce amigo!
Pela vida que, incauto, aventuraste:
Pois imaginar posso que o perigo,
Polo em que me deixavas, so buscaste!
Em balança puzeste amor comigo,
E d'outra parte a glória... Mas achaste
De mor preço e valor a glória leve,
Que quanto sempre amor com todos teve!

Não sei quem te moveu (A sorte minha!)
Seguir as leis do rigoroso Marte,
Pois á brandura e partes não convinha
Que a natureza em ti larga reparte.
Se militar querias, tambem tinha
O glorioso amor seu estandarte:
Ja te disse eu, e ésta memoira encerra
O peito: — « Sigue amor! outros a guerra!... »

Entre todos c'o dedo eras notado,
Lindos moços de Arzilla, em galhardia;
Polido em traje, cortezão, dotado
De aviso, de primor e cortezia;
Gentil, de damas unico cuidado,
O sangue do melhor que Africa cria
A verde idade a graça accrescentava,
Que indignamente em armas se empregava!

E se tanto porêm poude comtigo
O desejo que so na morte pára,
Ao campo me leváras do inimigo;
Eu armado varão representára,
Ao lado te seguíra, e no perigo
Os golpes com fervor te desviára;
E quando desviá-los não pudera,
Eu propria a recebê-los me oppuzera.

E se comtudo, achando-me presente
Ao triste e lastimoso sacrificio,
Cahíras morto; como, estando ausente,
D'esposa e amante fiel fizera officio?
Um leito n'estes braços differente
Teveras... Amoroso beneficio
Te fizera na chaga; eu t'a appertára,
E com lagrymas minhas a lavára!...

Ao menos esses olhos, que eram lume
D'estes cançados meus, em mim pregáras;
Faltando a voz, que a vezes se consume
Co'a pena, per acenos me falláras:
Podendo, últimas mandas, per costume,
Deras, e as minhas últimas leváras...
Últimas mandas minhas... não da vida,
Porêm da morte a meu amor devida!...

Vivi contente em quanto vida teve...
Em quanto, digo, amor, vida tevestes.

Vivi contente, que este tempo breve
Para tractar comvosco vós m'o déstes!
Mas agora é razão que a morte leve
Os despojos d'uma alma onde fezestes
Vosso thesouro... pois levou d'essa alma
Os despojos a morte, em grande palma!»

N'estes queixumes pára, e por vingança,
De seus cabellos corta o rico vello,
E a Záyda diz: — «Co'as damas (certa usança)
D'esse ornato parti, que ja foi bello!
Direis a cadaqual que a esperança
Maior é van... e pende de um cabello!
Mas descuidada andei; que me detenho,
Se acompanhar meu bem na morte venho?....

Mas érro no que sigo! que approveita
Dar vozes por uma alma?... Desconhece!...
Minha alma ha de ir buscá-la...
. . . .
Mas como ha de sahir? Aqui me acceita
Este ferro de lança que apparece... »
Mais dissera... Mas ja no peito abria
Franco logar per onde a alma sahia.»

Quevedo, *Afonso Africano.*

D. JOÃO PRIMEIRO

ELEITO E ACCLAMADO NAS CÔRTES DE COÍMBRA.

Passa Obidos alegre e bem murada,
Alcobaça fructifera e viçosa,
Leiria doce, alegre e desejada,
E Montemor antiga e bellicosa:
E uma clara manhan bella e dourada
Descobre a terra altiva e graciosa,
Coroada de palmas, hera e louro,
Que é de Minerva e Phebo o mor thesouro.

Eis atravessa o campo tam famoso
Que de Hercules o nome inda sustenta,
E as altas tôrres ve que o vagaroso
Mondego em seu remanso representa;
Oh quam alegre o mestre valeroso
Da deleitosa vista se contenta,
Aonde as aguas os montes e a verdura
Menos parecem montes que pintura!

A corrente serena e graciosa,
Os alegres outeiros levantados,

Os limites da praia tam formosa
Com salgueiraes espessos assombrados,
A cidade tam nobre e populosa
Descubrindo do alto o rio, os prados,
Aos olhos parecia estar diante,
Qual no esmaltado annel claro diamante.

Com alvorôço as gentes, e alegria
A vagarosa ponte atravessavam,
A ver aquella illustre companhia,
Em cuja mostra os peitos se alegravam:
Em bandos os mininos, e em porfia
Ante o cavallo ao mestre se ajuntavam
Entoando contentes por seus modos:
Viva o nosso bom rei! cantando todos.

Elle suspenso, os seus alvoroçados,
Manda chamar do reino os seus maiores,
Condes, bispos, abbades e letrados,
E dos povos communs procuradores;
E inda que em parecer muito apartados,
Rostos e corações de varias côres,
Intentos e tenções de muitas sortes,
Sôbre elegerem rei fizerão côrtes.

Com grandes alegrias recebido
Como depois em grande estremo amado,
Per eleição dos povos escolhido
Pelos grandes do reino levantado,

De mestre em rei, João foi convertido,
Pelos homens pedido e per Deus dado,
Cujo nome immortal, cuja memoria,
Não póde escurecer nenhuma historia.

Ja do cargo real mais cuidadoso,
Porque seu reino e nome se sustente,
Faz condestabre o forte e valeroso
Dom Nuno Alvres Pereira emcontinente.
Menos se altera o capitão famoso
Do que se alegra a Lusitana gente,
De ver o pêso e ser de toda a guerra
N'aquelle zelador da patria terra.

R. Lobo, *Condestabre*.

NUN'ALV'RES PEREIRA

NO SEIO DE SUA FAMILIA.

Alviçaras lhe pede um messageiro,
Antes de entrar n'aquella terra altiva,
Que o nome do logar tomou primeiro
D'onde o do patrio reino se deriva;
E diz com rosto alegre e prazenteiro,
Que a consorte leal que era captiva,
E a fermosa Beatriz em liberdade
O esperam com glória na cidade....

Recebeu ésta nova o cavalleiro
Com o coração saltando de alegria,
Signal d'aquelle amor tam verdadeiro
Que no seu casto peito se escòndia;
Promessas grandes fez ao messageiro,
E ja menos da empresa que trazia,
Que de ver taes penhores cubiçoso,
Lhe parece o cavallo vagaroso.

Chegou, e aquelles braços valerosos
(Então cheios de amor e de brandura),
Em apertados laços e amorosos,
C'os da bella consorte alli mistura,

Cujos olhos serenos graciosos,
Queixosos tantos tempos da ventura,
De lagrymas contentes estão cheios,
Ja com mais alvoroços que arreceios.

A bella filha entre elles abraçada,
Que era dos corações doce liança,
Qual vide entre dous olmos enredada
Que orna o mesmo logar aonde descança;
Tambem fallava alegre e aggravada,
Mistprando entre os gostos a lembrança,
De antigas saúdades e queixumes,
De esquivanças, descuidos e ciumes.

O curto dia, a noite vagarosa,
As horas e os momentos recontavam
Lianor uma ausencia tam penosa,
Em que tantas razões atormentavam;
Elle da guerra dura e trabalhosa,
Dos cuidados que a ésta accrescentavam
As lembranças do bem que tinha ausente;
Que este é o que entre os males mais se sente.

Alli um dia e outro se deteve,
Que este Marte de Amor ficou vencido,
Estando n'este tempo doce e breve
Das suas armas ja como esquecido;
E depois que a ventura viu que esteve
Mal pago de um destêrro tam comprido,

Faz que o descanço deixe, e pela terra
Caixas manda tocar, e ordenar guerra.

Ah gostos sempre á vida fugitivos,
Escassos se chegais de pouca dura,
Buscados per trabalhos excessivos,
Achados por descuido ou por ventura;
A quem vos ama mais sois mais esquivos,
Captivos de quem menos vos procura,
Mostrando claramente aos humanos,
Que não sois para bens, mas para enganos!

Quam mal imaginava que vos tinha
Aquelle casto peito firme, ousado,
Que aos perigos do mar armado vinha,
So de vossas lembranças desarmado;
Vêde quam pouco espaço se detinha
Esse ligeiro bem no mesmo estado,
Que a obrigação da honra o tempo apressa
Quando amor entre as armas se atravessa.

R. Lobo, *Condestabre.*

BATALHA

DE ALJUBARROTA.

C'o som medonho os montes se abalaram,
O Tejo se turbou e o Guadiana,
Pavorosas as serras se inclinaram,
Tremeu a terra antiga Lusitana;
Os cavallos de Apollo se encresparam,
E elle negou o rósto á vista humana,
E retumbando o echo ao vão dos montes,
Fez responder gran' tempo os herisontes.

Torna-se o ar de settas logo escuro,
Nuvens de negro po ao ceo subindo,
As pedras resoando no aço duro,
E as lanças de arremêsso vão zenindo:
Cerram-se as alas junctas, fica um muro
De lanças campo e campo dividindo,
Tudo em desiguaes vozes arrebenta,
Estrondo confusão, grita e tormenta.

Foram do som horrisono espantados
Muitos da primeira ala Lusitana

De alguns tiros aos nossos desusados,
Que vinham na vanguarda Castelhana;
Que até aquelles bons tempos celebrados,
Nos não monstrava a vil malicia humana,
Que com estrondo e fumo que faziam
Aos nossos fôrças e armas suspendiam.

Mas ja de Nuno a rigorosa espada
Com golpes sem medida, sem defeza
Fazendo entre os imigos larga estrada,
Abre caminho á gente Portugueza;
Valles fazendo vai de gente armada
Com desusada e estranha fortaleza,
Para uma e outra parte os golpes dobra,
E atrás d'elle a vanguarda esfôrço cobra.

Dom João Afonso, o valeroso conde
Que ante todos moveu com furia estranha,
Na patria gente a fera lança esconde,
E em gritos vem dizendo: «Viva Hespanha!»
Da outra parte Nun'alv'res lhe responde
Que faz tremer com golpes a campanha:
«Portugal, Portugal» e á voz, que lança,
Com a furia da espada se abalança.

Oh golpes n'ésta idade tam mal cridos,
Que os montes de Colippo em echo vão
Tiveram grande espaço repetidos,
E o Lis, que as crespas aguas teve então:

Uns cahem té os hombros divididos,
D'outros partido o corpo cobre o chão,
Partem-se arnezes, grevas e celadas,
Qual se foram de massa fabricadas.

Voavam pelo ar confusamente,
Rochas de lanças, malhas, settas duras,
Faíscando das armas, reluzente,
Linguas de fogo palidas e escuras:
Qual impellido vai, qual livremente
Atropellando os corpos e armaduras
Até parar n'aquelle estrago horrendo,
Que o grande dom Nun'alvr'es vai fazendo.

Nadando em sangue alheio, e carregado
De virotes de lanças e farpões,
Como o leão de Lybia magoado,
Bramindo vai cortando os esquadrões:
Um ribeiro de sangue corta o prado,
Tingem-se n'elle as plumas e pendões,
Lanças, braços, cabeças, pernas corta;
So lhe pára diante a gente morta.

Com um grande tropel de cavalleiros
De Alcantara o mestre alli soccorre,
Rompendo em Nuno as lanças os guerreiros,
Como o mar quebra as ondas na alta tôrre,
De um golpe a seus pés chama os dous primeiros,
E entre elles estirado o mestre morre,

Partido o elmo em dous c'uma ferida,
Donde exhalada em sangue lança a vida.

D'estes golpes mortaes como aturdidos,
E da sombra luzente de aço fino,
Pisando corpos mortos sem sentidos,
Ja voltam os de atrás perdendo o tino;
Alli a grita, as vozes e alaridos
Dos que guiava á morte o seu destino
O campo, o ceo e os montes atroavam,
E as espadas ardentes se encontravam.

N'este tempo dom Pedro o de Vilhana
Com a furia das gentes que trazia
Vai rompendo a vanguarda Lusitana;
Para onde o Mem Rodrigues se estendia,
Alli se esforça a gente Castelhana,
Que em bando sôbre as alas recrecia,
Mas de um crespo furor arrebatados,
Se involvem na batalha os namorados.

Mem Rodrigues ensopa a dura lança,
Rui Mendes, o irmão, emprega a sua,
Vasco Martins de Mello não descança,
Que elle so faz batalha fera e crua:
Aonde do braço seu o golpe alcança,
Deixa o sangue banhando a carne nua;
E é tanta a gente armada com que intende,
Que nenhum golpe em balde se despende.

De ca move Antão Vasques, que batendo
Qual javali furioso os dentes vinha,
«San'Jorge!» aos seus, «san'Jorge!» vem dizendo,
E a sua espada ás outras encaminha;
Per lanças, per espadas vai rompendo,
Nenhum dos seus tras elle se detinha,
Para onde o valeroso e bom Pereira
Arvora entre os imigos a bandeira.

Os valentes Inglezes, que desejam
Mostrar de seu valor toda a bondade,
Com esfôrço immortal por nós pelejam,
Que bem mostram nas obras a vontade:
Os contrarios Franceses os invejam,
Que, aindaque os anima e persuade
Número desigual de armadas gentes,
Desmaiam vendo os poucos tam valentes.

Tinha de negro sangue feito um lago
Que em ja defunctos corpos faz reprêza,
Fazendo áquella parte grande estrago
Na gente amedrentada sem defeza;
Quando o mestre feroz de Santiago
Entra com nova fôrça n'ésta empreza:
Oh Deus! que então se via em grande apêrto
Nuno, que o ceo de lanças ve cuberto.

Andava o fero e Lusitano Marte
Entre nuvens de lanças e farpões,

Correndo a uma parte e outra parte,
Sustentando na vista os esquadrões;
Aqui e alli ferindo se reparte,
Iguala os cavalleiros e peões:
Mas na confusa gente que recrece
Ja nem aos seus guerreiros apparece.

Mas o rei portuguez, que n'ella attenta
Em quem so tinha a patria sustentada,
Ante os seus animosos se apresenta
C'uma facha na mão dura e pesada;
E qual o sol na furia da tormenta
Alegra a gente nautica inflada,
Que sorver-se no abysmo viu mil vezes,
Tal o rei se mostrou aos Portuguezes.

«A elles, Lusitanos esforçados,
Que eu sou rei vosso, e vosso companheiro,
A elles (vai dizendo em grandes brados):
Vamos desenganar este estrangeiro.»
Tras elle os Portuguezes animados
Seguindo o seu farol tam verdadeiro,
As fôrças renovando, os braços movem
Contra as gentes sem conto, que alli chovem.

Levaram com este impetu furioso
Do campo um grande espaço os esquadrões,
Qual costuma no hinverno rigoroso
Romper valles o Tejo e marachões,

Ja involtos no combate perigoso,
Desamparava o sangue os corações.
Vendo aos nossos e ao rei que sem receio
Ferindo ousadamente anda no meio.

Dom João Afonso Telo, o conde ousado,
Vendo os seus ja de volta e de vencida,
Do logar que esperou desesperado,
Honrando a morte certa deixa a vida;
Ante elle corre ja desenganado
Outro que á morte ousado se convida
Por não ver triumphar de aquella empreza
O defensor da patria portugueza.

Este é dom Pedro, o fero capitão
Por imigo da patria menos dino
De ser do grande Nuno caro irmão,
Que pelo esfôrço seu tam peregrino;
O qual vendo que anima os seus em vão,
Porque á morte os entrega o seu destino;
Tendo por affrontosa a vida cara,
Entre os contrarios fere, e não repara.

Té que uma grossa lança assás ligeira
Sem se ver donde fôra despedida,
Derriba em terra o misero Pereira,
Que c'o novo mestrado perde a vida.
N'aquella fatal hora derradeira
O viu o irmão, porém não homicida,

E por segredo occulto ou suspeitado
Não foi seu corpo mais no campo achado.

Alli morre dom Pedro, o de Vilhana;
De Santiago o mestre se retira
Despois que seu podêr o desengana;
Sandoval um e outro alli suspira;
Desordenada a gente Castelhana,
Uma anteposta á outra, as costas víra,
De volta os nossos n'ella vão ferindo,
Uns san' Jorge gritando, outros fugindo.

Morre toda a nobreza de Castella
Mui valerosamente pelejando,
Marechal, almirante e mestres d'ella,
Condes de Haro, Mayorga e Vilhalpando,
A flor de Hespanha valerosa e bella.
Fôra termo infinito ir recontando
Os que por conquistar a terra estranha
Deixaram; o melhor de toda Hespanha!

Os contrarios ginetes, que occorriam
Á retaguarda ja desemparada,
Contra os nossos com íra arremetiam,
Que eram gente plebea e desarmada,
E indaque ousadamente a defendiam
Pedem soccorro em voz desconcertada.
O rei voltando o rosto áquella banda
A soccorrer-lhe o condestabre manda.

Nuno movendo o passo , vagaroso
C'o o gran' pêso das armas magoadas ,
Tintas no sangue alheio cubiçoso ,
E de farpões e settas semeadas ,
Ja guiando ao passo perigoso ,
Empeçando nas lanças derramadas ;
Qual o touro feroz agarrochado ,
No campo , aonde correu , desamparado.

E porque ve que á pressa vai tardando ,
Esforça a voz e o passo ; porêm n'isto
Passou per juncto alli galopeando ,
O commendador mor da cruz de Christo ;
Pero Botelho illustre e venerando ,
Que o perigo dos nossos tinha visto ,
Chama ao Pereira , do cavallo dece ,
E pela redea o leva , e lh'o offerece.

A cortezan offerta lhe recusa
O capitão famoso ; e o Botelho
Vendo que nem o acceita , nem o escusa ,
Per fôrça , cortezia e per conselho
O faz encavalgar sem outra escusa ;
E o que é de cortezia claro espelho
Parte corrido en ver que aquelle o vença
No em que elle a tantos fez mais differença.

Oh famosa bondade , oh cortezia ,
So dina de altos homens valerosos ,

Que em outro peito illustre não cabia;
Aonde houvesse desejos invejosos!
A pé fica o Botelho, que podia
Assim fazer inveja aos mais famosos,
Porque outro cavalleiro a tempo accuda
Aos que gritando pedem sua ajuda.

«Que é isto (entra dizendo o destemido)
Valerosos soldados Lusitanos?
Voltae; que o campo temos ja vencido;
Dêmos fim a estes poucos Castelhanos.»
Logo um juncto a seus pés deixou partido,
E aos outros mostra esquivos desenganos;
E aos que vencidos ja voltavam costas
Cortam com golpes feros e repostas.

Qual o destro sabujo encarniçado
No javali cruel que está grunhindo,
Os que á vista até'li lhe andam ladrando,
E a qualquer focinhada vão fugindo,
Ja de uma parte e outra vão pegando,
Os dentes entre as cerdas imprimindo
E por instincto proprio o sangue bebem,
Sem sentir as feridas que recebem.

D'ésta maneira os nossos se misturam
Atrás do capitão, que fere e brada;
Porêm ja muito pouco os golpes duram,
Que os imigos lhe fazem larga estrada;

Feridas dando vai que não se curam,
Nuno que não descança a sua espada:
E, com a gente imiga que se espalha,
Se declara á victoria da batalha.

O castelhano rei, pallido e triste,
Vendo a sua bandeira estar por terra,
E que é ja pouca a gente que resiste,
E muita a que fugindo os passos erra,
Mortos os capitães em que consiste
O reparo da gente e fim da guerra,
Animo, sangue, falla e côr perdida,
N'um ligeiro cavallo salva a vida.

Per campinas, per montes e espessura,
D'alguns dos seus somente acompanhado,
Pela sombra da noite negra escura,
C'o rosto baixo, triste e descorado
Vai chorando o successo sem ventura,
De Hespanha largos annos lamentado,
Convertendo-se em penas e em receio
O magnanimo esfôrço com que veio.

Quam pouco monta a fraca fôrça humana,
Se o podêr lhe não vem da mão divina,
Como se esforça en vão, como se engana
Quem sem favor do ceo se determina!
A gente mais suberba e mas ufana
Mais perto está do estrago e da ruína;

Que quando Deus contra ella uma hora inspira,
Tem o sol, abre o mar, e as settas vira.

Quanto, ó poucos e ousados Portuguezes,
Agora mais ingratos e esquecidos,
Deveis ao justo ceo que tantas vezes
Fostes d'elle em batalhas soccorridos!
Quantos sceptros, pendões, lanças e arnezes
Por ella a vossos pés vistes rendidos,
Vencendo a multidão barbara estranha;
Que hoje contado alguns teem por patranha.

Viram de Ourique os campos celebrados
O barbarico número estrangeiro,
E depois na victoria estar prostrados
Cinco reis infieis ao rei primeiro;
Quando entre o temor vão de seus soldados
Viu o rei Portuguez ao verdadeiro
Rei que as armas lhe deu sanctas, divinas,
Que aos trinta dinheiros teem nas Quinas.

Viu la n'aquella idade o Tejo ameno
Seus campos d'outra côr sanguinea, triste:
E tu que do impio sangue sarraceno
Tingir-se, ó Santarem, teu muro viste
Quando um podêr de gentes tam pequeno,
Com tanta fe no ceo se arma e resiste
Contra número immenso de infieis,
Vencendo o rei cercado a treze reis.

Vio o Mondego, o Tejo, o Guadiana
Ouviram serra e montes d'arredor
Contra a furia da gente mahometana
Dom Gonçalo de Maya, o *lidador*,
Na idade que ja a vida desengana,
De dous reis tam potentes vencedor,
Mostrando o ceo que as fôrças que lhe dera
Ninguem sem valor seu vencer podéra.

Não valeram ao rei famoso Hispano
Armas, gentes, e esquadras desiguaes
Contra o valor do forte Lusitano,
Que em Deus, que so tem tudo, tinha o mais.
Desbaratado foge o menor damno
E entre humidos suspiros tristes ais
Volta os olhos atrás para o que deixa,
De si, dos seus, da sorte em vão se queixa.

Eis quando á redea sôlta um cavalleiro,
Tintas em sangue as armas aboladas,
Sem lança, sem pendão, sem companheiro,
A sobrevista e plumas derribadas,
Passa entre os seus, qual raio que ligeiro
Per entre as nuvens corta descuidadas,
Do rei afferra, e com medonho aballo
Com elle traz a terra o bom cavallo.

Com nova furia a gente amedrentada
Em favor de seu rei, n'um pensamento

Cercam ao que levando a forte espada
Segue seu temerario atrevimento :
Porêm a multidão da gente armada
Golpes, lanças, virotes cento a cento,
Morto o cavallo, o trazem vivo a terra
Aonde de novo intenta fera guerra.

Dando medonhos golpes não descança,
Couraças, malha e corpos dividia,
E sem curar da vida ou da esperança,
Honrar somente a morte pretendia.
A gente encarniçada na vingança
Uma sôbre outra em golpes recrescia,
Até que, o sangue, alento e côr perdida,
Com temor de tal corpo foge a vida.

Alli morto estirado e palpitando
Aonde o sangue em borbulhas se derrama,
A temor fica os vivos obrigando,
E a eterna lembrança a vaga fama,
Quando a caso um peão desenlaçando
O elmo ja partido, os outros chama;
Manda o rei (que inda o teme) conhecê-lo;
Vasco Martins, o bravo, era de Mello.

Fizera este atrevido um juramento
Digno d'aquelle esprito temerario
De prender no combate (fero intento!)
Ou pôr ao menos mãos no rei contrário,

E depois da batalha e vencimento,
Em que um valor mostrou transordinario,
Não encontrando o rei, ousado e forte
O vem buscar, e n'elle a propria morte.

Alli espanta a fama quando a vida
Entre inimigas lanças despediu
Por cousa tam vanmente promettida,
Que a preço tam custoso se cumpriu.
Segue o rei o caminho, que o convida
O receio do encontro que alli viu:
E em quanto triste vai, como apressado,
O campo vamos ver desbaratado.

Cansado de ferir, e a facha dura
Ja de sanguinea côr, e as armas fortes
Manchadas de mortifera pintura,
C'o triumpho immortal de tantas mortes
O Lusitano rei sôbre a verdura
Descansa, e d'alli olha as várias sortes
Dos mortos pelo campo, e menos vivos,
E dos que entre os soldados vão captivos.

De longe vem para elle o gran' Pereira
Que com passo quieto e vagaroso
Ao ceo levanta as mãos, alça a viseira
Grato, humilde, contente, victorioso.
Eis do contrário rei mostra a bandeira
Antão Vasques de Almada, o valeroso,

Vestido sôbre as armas vem com ella:
O rei e o condestabre se ergue a ve-la.

Ambos com natural contentamento,
E Antão Vaz dando saltos de alegria
Faziam mais formoso o vencimento,
Que assim per todo o campo se estendia;
Mas, porque se converte em desattento
Mil vezes o prazer na phantasia,
Tocar trombeta manda o condestabre
Quando Thetis ao sol ja as portas abre.

Cavalga levemente, e vai seguindo
Com mui grande tropel de gente armada
As gentes que espalhadas vão fugindo
Per charneca, montanha, campo, estrada,
Per toda a parte terra descobrindo
De vencidos guerreiros semeada,
Té o logar que agora a fama nota
C'o nome da batalha, Aljubarrota.

Aonde dos ja vencidos Castelhanos
Muitos, fugindo á morte, pereceram
Entre pastores rudos e serranos,
Que antes do condestabre os receberam.
Que os que por menos annos ou mais annos
Logar para a batalha não teveram
E as mulheres armadas livremente
Matavam nas estradas muita gente.

Inda é do vulgar povo engrandecida
A forneira valente e celebrada
Que com a pa tirou a sete a vida,
Que a deviam trazer mui mal guardada.
Quem não acabará gente vencida
Se contra ella a pa serve de espada!
Celebre-se a mulher, louve-se a terra
Aonde se fez com pas tam fina guerra.

A noite vinha os ceos escurecendo,
O sol ja se escondia atrás dos montes,
Iam-se as nuvens brancas desfazendo,
Coravam-se de roxo os horizontes,
Iam-se as feras e aves recolhendo,
Soavam ja ao longe as claras fontes,
Quando do largo alcance, que seguíra,
C'os seus o condestabre se retira.

O Lusitano rei, que assim tomára
Um ligeiro cavallo da outra parte
Quando d'elle o Pereira se apartára,
No campo representa um novo Marte;
Os fugitivos segue, os seus repara
Com destreza, prudencia, aviso e arte,
E entre a gente contrária ja sem guia
Um cavalleiro viu que a pé fugia:

Sem elmo, e o arnez ja destroçado,
O escudo em mil partes dividido,

Que pela cruz com que ia atravessado
Foi do rei valeroso conhecido:
« Diogo Alvares Pereira », em alto brado
« Não fujaes « lhe bradava » sem sentido,
Que agora amigo em mim tereis, melhor
Do que vós ja me fostes servidor. »

Voltou atrás o rosto o cavalleiro
De po, sangue e suor cuberto e cheio,
E vendo o rei piedoso e verdadeiro,
Inda que com vergonha e com receio
Confessando o seu êrro de primeiro,
Cruzando os fortes braços, se lhe veio
E com o sangue e lagrymas nos olhos
Perdão lhe está pedindo de giolhos.

Alli o deixa o rei n'aquella estancia,
Na guarda dos peões, feros soldados,
Entre presos de menos importancia,
Que o mesmo rei lhes tinha encommendados,
E em quanto com destreza e vigilancia
Recolhe os seus guerreiros espalhados,
Os barbaros peões sem mais respeito
Provam a furia vil contra um sugeito.

Que em o vendo entre si sem resistencia,
E ausente o rei tam forte como humano,
Dão a seu êrro antigo penitencia
Polo signal que tinha castelhano:

Com uma sem-razão, fera inclemencia
Foi morto a lanças vis o Lusitano
Que com espada, lança e braço forte
A tantos na batalha dera a morte.

O campo recolhido sabiamente,
Voltando dom Nun'alv'res com gran' preza,
Cansado do trabalho, mas contente
O sol da patria terra portugueza,
No arraial põe guardas diligente,
Fazendo contra a sorte fortaleza,
Que mil vezes mudavel vira o rosto
Em tragodia trocando o maior gôsto.

Alli c'os passatempos costumados
Tres dias teve o rei de grande glória,
Dividindo os despojos aos soldados,
E gosando os descansos da victoria.
N'aquelles largos campos celebrados,
A que hoje inda engrandece ésta memoria,
E aonde o caminhante alegre e ledo
Apontando os logares vai c'o dedo.

R. Lobo, *Condestabre.*

HELENA

DESPOIS DA DESTRUIÇÃO DE TROIA.

Arde a Neptunia Troia ja rendida
Ao cavallo fatal e grega espada,
Em cinza, em fumo, em sombra convertida,
Que a glória humana é fumo, é sombra, é nada:
Ja tractavam os Gregos da partida,
Carregando o despôjo á grande armada:
E entre tam rica e soberana preza
Era a formosa Helena a mor riqueza.

Ja co'a causa e desculpa do troiano
Excidio que na cinza inda fumava,
Soltando a redea ás naus, o soberano
Agamenon as ânchoras levava:
Da negra antena despregando o panno,
Que indo prenhe do vento que soprava,
O porto deixa, o alto mar cortando;
Vão-se as praias e os montes affastando.

O destrôço fatal de Troia viam
Das naus que o Hellesponto atravessavam

Os Gregos, quando a vista suspendiam
Nas terras que ja apenas divisavam.
So nas partes mais altas pareciam
Uns vestigios das tôrres que ficavam,
Adonde a vista o mais que determina
É medir a grandeza co'a ruína.

Amphiteatros, máchinas e muros
Pyramides, colossos levantados,
Obeliscos que mostram star seguros
Contra a fôrça dos tempos e dos fados,
Jazem sem fama em cinza vil, escuros,
Das idades por fabula postrados;
Que o tempo os bronzes e columnas parte,
E os podêres da morte iguala Marte.

De bandeiras e flamulas ornaram
A victoriosa armada que partia;
E as proas para Ténedo inclinaram,
Que um bosque sôbre as ondas parecia:
Que alli vão despedir-se concertaram,
Onde a ánchora pesada o sal fería;
Sôbre ella quando o fere, se dilata
O mar azul em circulos de prata.

Ambos de Atreu os filhos valerosos
(Antes que um va a Esparta, outro a Missena)
Queriam despedir-se, desejosos
Que alli possa alegrar-se a bella Helena:

Com elles sai ao campo, e os seus fermosos
Olhos, de que reparte glória e pena
Amor que assaltear d'elles aprende,
Pelo flórido campo e praia estende.

De ve-la o mesmo ceo se namorava,
E o ar no do seu rosto se accendia,
O mar, quando ella as conchas lhe furtava,
Parece que a beijar-lhe os pés corria.
Quem as divinas graças que mostrava,
Contar quizer, mais facil lhe sería
Contar as flores do lascivo maio,
E do sol os cabellos raio a raio.

Pela testa sem ordem desparzido
Sôlto o cabello voa livremente,
Onde sai a aqueixar-se de opprimido
De uma cinta de pedras refulgente.
No hombro soa o arco do brunido
Marfim; no lado a aljava está pendente:
Com menos graça ao bosque entrar costuma
A bella deusa que nasceu da escuma.

G. P. de Castro, *Ulyssea.*

COMBATE

DE ACHILES E HEITOR.

Entre o rigor das armas retirado
Comsigo Achiles se considerava
As mortes com que cobre Marte irado,
As praias que c'o sangue o Xanto lava:
Ou porque de Briseida privado
Agamenon o tem, que mais amava,
Ou porque se entretem na doce pena
Que a vista lhe causou de Policena.

A morte sente do fiel amigo
Achiles, e de dor e de ira insano
Ja deseja metter-se no perigo
Para de sangue se fartar troiano:
Ja desprezando estava o ocio antigo,
Vendo que causar póde maior damno
Qualquer tardança; o peito e a celada
Adapta, ao lado cinge a forte espada.

Ja de Thethys o filho valeroso
Junta ao carro os cavallos, que no raso

Campo levam com curso inpetuoso,
Balyo, Capystro e Xanto, com Pedaso,
O Hespero imitando temeroso
Quando incendido corre pelo Occaso;
Levando a invicta espada e braço forte
C'o último castigo o horror da morte.

Os Troianos o vêem com grande espanto
De fortes membros, de virtude rara;
E qualquer que ousa ve-lo o teme tanto
Que o campo e proprias armas desempara.
Mudada leva a côr o claro Xanto
De muito sangue, e impedido pára
Dos que a morte da espada não quizeram
E nadando nas ondas a beberam.

Como a langosta sordida passando
Um lago, ou rio, de voar cansada
Uma sobre outra morre, e vai formando
Para a que vem detrás segura estrada:
Assi os Troianos, por fugir nadando
De Achiles, que os seguia, a forte espada,
Entravam no Escamandro, e na corrente
Uns morrem, outros passam junctamente.

Nas veias congelado o medo frio,
As armas os Troianos recusavam,
Esquecido o valor e antigo brio,
Para salvar a vida as costas davam.

Heitor Achiles chama a desafio :
Um contra o outro as lanças arrojavam,
Achiles, Marte grego, e da outra parte
O valeroso Heitor, troiano Marte.

Erguia Heitor o braço d'onde a lança
(Que era uma faia) despedida dece ,
Que , ameaçando tudo quando alcança ,
Raio na mão de Jupiter parece,
Cortando os ares vem, té que descança
No escudo , com que Achiles se offerece
Ao gòlpe : a lança fere , e não podendo
Passar, do que fizera está tremendo.

De Heitor , o grego , o peito rutilante
Reconhece que a Pátroclo vestíra ;
Embravece co' a dor de o ver diante,
E da vista arrojava raios de íra :
A um tigre ferido similhante
Que a vária pelle eriça e fogo espira ,
Quando do silvo ou setta pròvocado
Nas lanças entra de fereza armado.

Na mão a grossa lança sopesando
Todo en corage e em furor se accende,
Que do escudo uma parte penetrando
Ja n'elle presa inutilmente pende :
As espadas nos punhos apertando
Cadaqual desce, a seu contrário attende ,

Que topar-se vieram fronte a fronte,
Qual se um monte topára n'outro monte.

Nem quando impera Jove soberano,
Com tal furor os Cyclopes valentes
Nas negras ferrarias de Vulcano
Lhe forjam raios lucidos e ardentes,
Como o capitão grego e o troiano
As espadas levantam refulgentes,
Ferindo os elmos onde tremolavam
As plumas, de que o campo semeavam.

Qual dous leões famintos sôbre a preza
Do veado que morto teem diante,
Cheia a boca de sangue e de braveza,
Cada qual mais cruel, mais arrogante,
A esura vista em puro fogo accesa,
Dando um rugido e outro penetrante,
Se abraçam, rasgam, té que o mais ferido
Sem descobrir fraqueza, cai rendido.

Assi os monstros da guerra arremetiam;
Do alto abaixo olhando se buscavam
N'uma parte apontavam, outra feriam,
E as mais vezes o golpe executavam.
Agora as armas com engano abriam,
E n'ellas junctamente se serravam,
Tentando-se per uma e outra parte,
Oppondo a arte á fôrça, e a fôrça á arte.

Próva o valente Heitor toda a destreza,
Que em vão ferir Achiles pretendia;
Acha n'ella, e nas armas a defeza,
Que a toda espada e fórças resistia:
Bem como a ignea pedra ardente accesa
Dos golpes do fuzil, ja o ar se via
Das ardentes faíscas abrazado,
Que resurtem do escudo temperado.

Heitor a fria morte ve defronte,
Que na espada inimiga anda escondida;
Em negro sangue de uma e d'outra fonte
Vai pouco a pouco destilando a vida;
A armadura mais forte que fez Bronte
Per mil partes estava dividida;
O apêrto a que a vida é ja chegada,
Com mil bocas o diz a propria espada.

Conhece-se ferido, e que o fervente
Sangue ja as fortes armas lhe banhava;
Contra Achiles corria impaciente,
Que a vida e o perigo desprezava,
Gyrava a um lado e a outro a espada ardente,
Co'a voz, que sólta, aos montes abalava,
Que um trovão parecia a voz pesada
Tras elle um raio o fulminar da espada.

Sentia a coxa esquerda mal ferida,
O escudo lança atrás, a espada afferra,

Que sôbre Achiles cai grave e temida.
Com que ambos os giolhos poz per terra.
Bravo se ergue da affronta recebida
Aperta os dentes, co'inimigo serra,
Nos braços o levanta, e entre os braços
Se dão ambos durissimos abraços.

Nem da setta belligera feridos
O usso fero ou javali arrogante
Fazem soar tam grave a seus bramidos
A grutta ou a caverna mais distante,
Con quanta fôrça os capitães temidos
Para affrontarse os peitos poem diante;
A seus brados os montes responderam,
E feridos da planta estremeceram.

Como se Péleo e Olympo se topassem
De duras rochas fronte e peito armados
E na tosca aspereza se abraçassem
C'os braços de seus troncos carregados,
E em fontes, de apertados, rebentassem:
Assi estes vivos montes abraçados
Se apertam; onde Heitor qual vivo monte
Brotava sangue de uma e d'outra fonte.

Importa-lhe ajudar-se de destreza
Na palestra em que o corpo exercitava,
Tenta co'a fôrça Achiles na fraqueza
Das pernas que um estende, outro encurvava,

Fazendo vacilar a fortaleza
Das columnas que Alcides respeitava ;
E Achiles affrontado do perigo
A destreza temia do inimigo.

O braço cada qual irado estende ,
E c'o inimigo se ata em laço estreito ;
Uma vez se soltava , outra se prende
Torcendo os braços , chegam peito a peito ;
No ar o grego o grande Heitor suspende
Despois que várias próvas teve feito ,
Grande parte do campo assim descorre...
. . . .

De não vencer corrido e affrontado ,
O corpo robustissimo cingia ,
E o grave pêso n'um e n'outro lado
Vacillando mostrava que cahia ;
Porêm todo pendente e reclinado ,
Com novo esfôrço e nova valentia
Em pé ficava , quando a terra inclina
Despois de ameaçar fatal ruína.

Como Antheon o duro Heitor ficava
Depois de ter tocada a amiga terra ,
De novas forças e vigor se armava
Para seguir a começada guerra :
Maravilhado Achiles se mostrava
Vendo o valor que no alto peito encerra ;

Que seu grande vigor o desengana
Que não é seu esfôrço cousa humana.

Viu começar o sol este duelo,
E ja então inclinava a luz phebeia;
Sem sangue se acha Heitor, que de perdê-lo
Roixa tornada tinha a branca areia:
Achiles que na mão tinha o cabello
De que a fortuna a escura fronte arreia,
Bravo e furioso instava, com intento
Que não tomasse Heitor um breve alento.

Achiles, que se ve mais alentado,
Estreitamente aperta Heitor comsigo,
Mette o giolho esquerdo ao dextro lado
Carregando nos peitos do inimigo,
Que sem podêr suster-se, cai forçado
Sem descuidar-se em seu valor antigo,
Que nos braços o aperta tam vehemente
Que ambos a terra medem junctamente.

Heitor, a quem o peito a dura lima
Da dor grave em mil partes dividia,
Tendo de Achiles o gran' pêso em cima,
A quem ja contrastar tam mal podia,
Mostrando que inda assim menos o estima,
D'um lado n'outro o corpo revolvia,
Que sem temer contrário tam temido,
Vencido, quer não parecer vencido.

Ve no ar levantado o braço forte ,
E apertado um punhal na dextra erguida ,
Do alto ao rosto ve descer a morte
Indo esconder-se o ferro na ferida :
Gosando Achiles mais ditosa sorte ,
Os laços corta d'ésta illustre vida ,
Tendo outra vez no ar a adaga fera
Como que a alma por feri-la espera.

Triumpha a morte e Marte do arrogante
Despôjo que no campo se estendia :
A espada jaz , e o escudo rutilante
Que Grecia toda com razão temia ;
O Ilion poderoso e triumphante
N'elle a glória contempla que perdia , .
Cuja alta fama quando o ceo tocava
N'ésta viva columna descançava.

Achiles vencedor quasi vencido
O escudo embraça , que ja mal sustenta :
Toma a espada das fôrças impedido ,
E a planta move vagarosa e lenta ,
De cançado dos golpes e opprimido :
Estar com pouca fòrça representa
E com tremante passo , a mão pesada
Vai fazendo bordão da propria espada.

G. P. de Castro , *Ulyssea.*

CALYPSO E ULYSSES.

Abrindo vinha o ceo nocturno e frio
Do rei da luz a bella embaixadora
E mudando em aljofar o rocio,
Urnas de ouro derrama a roixa Aurora :
A branda testa as perolas em fio
Toucavam, com que mais ao sol namora,
E com o veo das nuvens que a cercava
Do rosto as frias gottas enxugava.

Festejando a princeza do Oriente,
Que sai as nuvens lucidas pizando,
Os filhos do ar com penna diligente,
Vinham o ceo e a terra namorando;
Que com farpada lingua docemente
Não aprendida musica espalhando,
Quando nas leves azas se levantam
A alma suspendem, e o sentido encantam.

Tras d'ella os abrazados horizontes
Com ardente pincel o sol bordava,
E a altiva testa dos suberbos montes
De raios de ouro e prata coroava :

As plantas, rios, flores, prados, fontes,
Cadaum com lingua muda ao sol fallava,
Como que agradecia a gran' belleza,
Com que enfeitava o sol a natureza.

Mostrava a terra verde as bellas flores
Vestidas com tal graça e alegria
De mais finas e mais suaves côres,
Que estar-se rindo o prado parecia:
O vento c'os primeiros resplandores
Entre as folhas calado então dormia,
E as fontes, que passando murmuravam,
A suave repouso convidavam.

Sai Górgoris dos seus acompanhado
Para onde o forte Ulysses o esperava;
Que corre a recebê-lo alvoroçado,
A quem no rosto o coração mostrava:
Porque o monte é de feras povoado,
Por alegrar a Ulysses ordenava
Uma caça real e montaria,
Com que fatigue a selva, e gaste o dia.

Ja de atavios ricos adornadas
As eguas remendadas se apercebem
Que no campo do Tejo são criadas,
Seus fenos pacem, suas correntes bebem:
Que de Boreas e de Euro cubiçadas
De seu fecundo espirito concebem,

Dando aos filhos por este nascimento
A ligeireza do paterno vento.

Górgoris para a caça apercebido
Das insignias do campo se guarnece;
Carrega ao hombro, de ouro arco brunido,
E a aljava rica sôbre o lado dece,
No cordão de ouro e seda retorcido
A esmaltada bozina resplandece;
Curta lança na mão que foi mais vezes
Terror mortal dos javalis montezes.

Entre os mais um libré leva famoso,
Branco de negras malhas todo cheio,
De largos peitos, rosto portentoso,
Que tem a formosura em ser tam feio:
Ja cuberto de aço luminoso,
Lustroso, forte e engraçado arreio,
No pescoço um collar que com pungentes
Pontas affronta as feras mais valentes.

Mostra-se logo Astrea, e a formosa
Calypso ao monte, que se alegra em ve-las,
Qual na noite serena e luminosa
Se accende o claro ceo de luzes bellas:
Ulysses, que na luz pura e ditosa
Das duas suavissimas estrellas
Se ve abrazar, ja de sua dor contente
Contava á causa d'ella o mal que sente.......

Calypso o ouve, e como se envergonha,
Não responde, e nas faces se cubria
De uma côr abrazada de vergonha,
Com que inda mais formosa parecia:
Bebendo está suavissima peçonha
Nas amorosas queixas que lhe ouvia:
Quando este gôsto alegre lhe interrompem
Bozinas, que soando os ares rompem.

As vozes dos monteiros o ar feriam,
Com que os echos nos montes se dobravam;
Presos nas trellas os librés gemiam,
Que a sahir e afferrarse apparelhavam.
Ja de uma brenha altissima sahiam
Dous javalis que o monte atravessavam,
De monstruosos corpos, que fugindo
Co'as meias luas vão o mato abrindo.

Um d'elles corre o monte, não soffrendo
Dos monteiros as vozes e o ruido;
Per um valle cortava discorrendo
Onde possa escapar sem ser sentido.
Calypso topa; o palafrem temendo
A brava fera, pelo monte erguido
Corre espantado; e Ulysses não descança
Té nas entranhas lhe esconder a lança.

Quando tornava alegre e victorioso,
E Calypso buscava na espessura,

A uma e outra parte temeroso
Discorria com vista mal segura,
Cahida emfim a encontra, e do formoso
Rosto eclipsada a viva formosura;
Pallido chega, que sem alma vinha
Buscando o corpo que por alma tinha.

Com voz saudosa e de suspiros cheia
As mãos lhe beija, e docemente chora:
« Quiz-se fazer formosa a morte feia
Com vossa formosura, alta senhora:»
Lhe diz Ulysses, e da branda veia
De uma fonte a rocia, e como aurora
Que abre o Oriente, então Calypso abria
O sol da vista d'onde nasce o dia.

Assim com ella entrava desmaiada
Per uma pobre casa de pastores,
Onde por molle cama, e regalada
Tem brandas pelles e punicias flores:
Da tarde grande parte era passada
Em saúdosas lagrymas e amores,
Onde mais testemunhas não se achavam,
Que arroios que do caso murmuravam.

Nos montes e apartados arvoredos
Muitos nocturnos passaros voaram,
E nas concavidades dos penedos
Vozes de aves infaustas se escutaram:

Sem cothurno e sem facha a estes segredos
Assistiu Hymeneu, e não faltaram
Gemidos de animaes que o ar abrindo
Foram tristes agouros repetindo.

Em seus braços Calypso as horas passa,
Que da prizão suave se contenta.
Um amoroso laço ambos enlaça,
Ambos uma alma anima, ambos sustenta:
Na bella vista e peregrina graça
Em quanto elle seus olhos apacenta,
Practicando co'a alma a alma estava,
E o coração c'o coração fallava.

G. P. de Castro, *Ulyssea.*

CALYPSO

ABANDONADA DE ULYSSES.

Calypso em tanto a Ulysses victorioso
Com seu filho nos braços se off'recia,
Qual despois da tormenta o sol formoso
Traz nos braços da aurora o novo dia.
N'elles a espera Ulysses amoroso,
E um retrato da mãe no filho via:
Menos graça que os dous alli tivera
C'o bello filho a deusa de Cythera.

Da cidade a muralha levantada
Vai-se aperfeiçoando e vai crescendo;
A que o Tejo com veia socegada
Obedece, mais brando alli correndo:
Sôbre uma e outra porta torreada
Vão ameias ás nuvens excedendo.
Quer Ulysses partir-se, e se recrea
Em trabalhar nos muros de Ulyssea.

Calypso que o suspeita, tristemente
De visões e de sonhos perseguida,

Em lagrymas destila a dor que sente
Qual cai da serra a neve derretida..........

Vendo Ulysses que o muro se acabava,
E o tempo de partir se vem chegando,
As saudades c'os olhos lhe contava,
Da sua grave dor effeito brando.
Qual Vesuvio seu peito se abrazava
Com suspiros os ares inflammando;
Falla a Calypso, e mal fallar podia
Que as palavras co'as lagrymas rompia.....

De ouvi-lo está Calypso amortecida,
Maltractando seu rosto e sua belleza,
Chorando diz: « Por que me deixa vida
Quem leva o gôsto d'ella, e me despreza!
Bem suspeitada foi, mal merecida
Ésta pesada dor que tanto pesa.
Oh morte! donde estás? tu me soccorre,
Que quem ama so acerta quando morre! »....

Toma-lhe então a mão para beijá-la,
Sem mais dizer, que sua doce mágoa
Lhe interrompe as palavras quando falla,
Enchendo a alma de fogo e os olhos d'agua.
Diz muito mais Ulysses no que cala,
Mais accendem suas lagrymas a frágoa
De amor: Calypso chora, e tem nos braços
Os filhos seus que d'alma são pedaços.......

Descendo á praia, o lenho fugitivo
Calypso vendo alli, suspira e chora,
Segue a morta esperança um pranto vivo,
Que a mesma causa de seu mal adora:
Mas os suspiros leva o vento esquivo;
As lagrymas, que sáem dos olhos fóra,
O mar surdo bebia, em cujo extremo
Se apresta a ingrata vela e ingrato remo.

Eclipsada da vista a formosura,
Seu propio rosto fere impaciente,
Esparze o ouro da madeixa pura,
E o peito bate com furor vehemente;
A voz sólta gritando, que procura
Que mova a quem amava a dor que sente.
E o mar quando nas praias se quebrava
Parece que do caso murmurava.

«Vai-te (dizia) Grego, e com mais pennas
Euro veloz o ar e o mar abrindo
Dê favoravel curso a essas antenas,
E próspero te va sempre seguindo!
Eu entre a dor e males que me ordenas,
Teu nome e minhas mágoas repetindo,
Queixando-me estarei ao ceo e estrellas
Contando os males meus que são mais que ellas.

Deixa-me, ingrato Grego, a crua espada
Do meu paternal sangue ja tingida,

Para que morra ao menos consolada
Se em seus fios cortar o d'ésta vida.
Devias de intender que era escusada
Pois bastava ésta dor para homicida;
Procuraste matar-me d'ésta sorte,
Fazendo eterna e immortal a morte.

Oh mar, oh ceo, que as glórias fugitivas
Vistes do meu primeiro pensamento,
A vós co'a voz de lagrymas esquivas
Se queixa dando vozes meu tormento!
Vós, penedos, que testimunhas vivas
Sois das horas de meu contentamento,
Montes, onde espalhei saudades tristes,
Bosques que meus segredos encubristes!

A vós em vão me queixo, e o mar irado
E irado vento em vão mover procuro.
Mas surdo e surdo vento, que alterando
Açouta este rochedo aspero e duro!
Aqui do debil laço desatado
Meu esprito, este mar, e este ar mais puro
Ha de turbar... Oh ingrato!...» (lhe dizia)
E o echo: Oh ingrato, oh ingrato! repetia.

Uma montanha e serra inhabitada
Se erguia ao ar, em cuja corpulenta
Espalda a cerviz dura, de encurvada,
Mostra que o chrystallino ceo sustenta.

De pungentes espinhos corada
A fereza das pedras se accrescenta,
Que pendentes do alto estão mostrando
Que sôbre o mar se vão precipitando.

Abaixo ferve o mar, em cuja boca
Se ouvem disformes brados e gemidos,
Com que batendo a levantada roca
Vai gastando os penedos carcomidos;
Gruttas escuras abre, donde troca
Em noite o dia, e n'ellas escondidos
Marinhos monstros e nocturnas aves
Sahem meneando o ar com azas graves.

Por se arrojar Calypso está subida
Onde a serra mais livre ao ar se estende,
Cobardemente ousada e atrevida,
Duvída, e ja a si mesma se repre'nde:
« Que temo (diz) pois é castigo a vida
A um triste? » E ja no ar c'os filhos pende.
O Tejo a recebê-los vai sahindo,
Os puros braços de crystal abrindo.

Um dos filhos que leva lhe tomaram;
Com dous cahiu do precipicio horrendo,
Que no fundo do pego, onde pararam,
Se vão em duras pedras convertendo.
Ja de penedos firmes levantaram
A negra fronte, donde o mar batendo

Sôbre o rôlo das ondas que quebranta,
Espumoso nos ares se levanta.

Com largos braços seus de branca areia
Calypso abraça os filhos transformados,
Que nas ondas do Tejo, que os rodeia,
Mostram seus duros corpos levantados,
E misturando o sal co'a doce veia
Do rio, os bravos máres empolados
Alteram com mor fôrça e maior furia,
Como em lembrança da passada injúria.

Teem nas portas do Tejo levantada
A testa altiva e fera, ameaçando
As naus que buscam pòrto e doce entrada:
De branca escuma as ondas coroando,
Alli o mar com roucas ondas brada
Nos penedos altissimos quebrando,
Que ruinas maritimas preparam
E o nome de Cachopos conservaram.

G. P. de Castro, *Ulyssea.*

DESCRIPÇÃO DO AVERNO.

Falla de Asmodeu no conselho dos espiritos infernaes.

Está na entrada da tartarea porta
Precipicio de medo e horror cheio,
Onde os fios vitaes Atropos corta,
Onde é confusão tudo, tudo enleio:
D'alli, donde a esperança fica morta,
E habita o sobresalto c'o receio,
Corre um valle, per onde desce a gente
Perdida para o reino descontente.

Per aquelle vazio o Averno alento
Pestifero respira, misturado
C'os gemidos das almas que em tormento
Blasphemam do rigor do ceo irado:
Confunde grosso fumo o negro assento
Que nunca raios viu do sol dourado,
Donde se ouvem rugir feras impias,
E nos ares gritar torpes harpyas.

Ouvem-se alli do Cérbero latrante
Os triplicados, horridos latidos,

Com os brados do velho navegante
Que á barca chama as almas dos perdidos.
Fama é que per alli desceu o amante
A quem Pluto e Prosérpina, vencidos
Do doce canto, a amada concederam
Que seus olhos segunda vez perderam.

E o que susteve os cercos crystallinos
Quando Atlas fiou d'elle o pêso puro,
E aquelle que á gentil filha de Minos
Ingratissimo foi sôbre perjuro;
E outros que vãos seguindo desatinos
Quizeram penetrar o centro escuro:
Tambem o infernal rei co'a doce amada
Tantos tempos da mãe em vão chorada.

D'aquelle sitio horrivel e espantoso,
Aquem teito é disforme, immenso monte,
Com brado horrendo o anjo tenebroso
Os ministros chamou de Phlegetonte:
Não quiz passar o negro estreito undoso,
Podendo-lhes servir azas de ponte,
Que aos protervos desejos em que ardia,
Um ponto eternidades parecia.

Logo do abysmo os negros moradores
Que na ambição primeira conspiraram,
Enchendo o ar de horrorissimos clamores,
Ante o mesmo furor se apresentaram.

Que monstros de íra e de discordia auctores!
Que de medonhas fórmas se ajuntaram
De Chymeras, Pytões e Minotauros,
Hydras, Esphynges, Dragos e Centauros!

Viam-se alli na multidão diffusa
Briareus de cem braços descompostos,
Serpentinas cabeças de Medusa
E de feios Cyclópes féros rostos:
Emfim viam-se alli cópia confusa
De diversos aspeitos e suppostos,
Cujos feios extremos de bruteza
Desconhecia a mesma natureza.

A multidão suberba ja esperava
Que o capitão do Erébó relevasse
O caso que dor tanta lhe causava,
E em seu fatal serviço os occupasse.
Quando elle, que té então calado estava
Para que o caso em mais se reputasse,
Bramou, gemeu o carcere fumante,
Tremeu a terra, descompoz-se Atlante.

Horrivel gravidade ao fero aspeito,
Gemendo triste ajunta, e exhalando
Infausto fogo do ahrazado peito,
A lingua assi vibrou, vociferando:
« Tartareos anjos dignos de respeito,
Que depois do gran' caso miserando,

Soffreis injusta pena, despenhados
Do Olympo, para quem fostes creados.

Em logar nosso, aquelle que governa
La de cima do claro firmamento
Estrellas, sol e lua, e ca na interna
Escuridão do reino do tormento,
Formando o homem vil, ja da superna
Região lhe deu o crystallino assento
Que n'um tempo occupou o senhor vosso:
Nunca tam grande dor esquecer posso!

Presente agora tenho na lembrança
Quando do nada o homem foi creado,
Que com ingrata e douda confiança
Comeu do fruito que lhe foi vedado.
Em logar de querer d'elle vingança,
Ordenou como fosse resgatado,
Quando por justa pena merecia
Não ver, nem gosar mais da côr do dia.

Emfim por elle o filho á morte entrega;
E o filho com morrer triumphou da morte,
E descendo triumphante á região cega
As portas quebrantou do muro forte,
Abriu nossas prisões: que a tanto chega
A gran' miseria nossa, oh triste sorte!
Levando as almas, que em podèr tivemos,
A occupar as cadeiras que perdemos.

Os seus logo por elle tanto obraram,
Offerecendo a vida com fe tanta,
Que pelo mundo todo derramaram
Aquella lei que nossas leis quebranta.
Depois aquelles reis que os imitaram
As armas tomam com piedade sancta,
E perseguindo os nossos, vão fazendo
Que tudo fique a Christo obedecendo.

Entre estes (que isto so lembrar-vos quero)
Animoso, do reino Lusitano
(Que ja cobrar em nenhum tempo espero)
Deitou Afonso ao povo mahometano.
Não contente com isto o bando fero
De Luso, assalta o Calpe tingitano,
E fazendo per vezes dura guerra
Gran' parte occupa da africana terra.

Correu ousado inquietando a costa
Que întractavel faz quasi o sol ardente;
Que dos perigos e trabalhos gosta
Esta sempre invencivel, fera gente.
Traspassou Gama a zona contraposta
Dobrando o promontorio em que o tridente
Se rompe; e minhas fôrças resistindo,
Tomou pôrto entre a foz do Gange e do Indo.

Logo o invicto Cabral, com nova armada,
Descobriu nova terra, e em nosso aggravo

Lhe poz nome; e tornando á destinada
Viagem, fim lhe deu suberbo e bravo.
Gente em Calecut deixa baptizada...
Ai de mim! de que serve dar-me gavo
De ordenar a Correa a dura morte,
Se elle morrendo melhorou de sorte.

Este famoso foi o que primeiro
Por Christo derramou n'essa indiana
Terra seu sangue: oh forte cavalleiro,
A meu pezar te louva a lingua insana.
Vingaram em Cochim o alto guerreiro,
Alcançando victoria soberana,
Os fortes Albuquerques, fortaleza
Fabricando por fim da illustre empreza.

Alli o forte Pacheco se eterniza
Sustentando incansavel o adquirido;
Depois Almeida, que as estrellas piza,
Se fez do Rume e Malavar temido;
Morto o filho, que fama solemniza
De sabio, de invencivel, de atrevido;
Ja vistes que a vingança involta em pranto
Foi de Asia e Europa horrendo espanto.

No bravo Cunha um raio ardente vistes
Que deixou as cidades abrazadas
Que a vossas leis sujeitas possuístes,
De que apenas ha cinzas derramadas.

De Ormuz e Goa ja os successos tristes
Se contam nas regiões mais apartadas;
E tanto de Albuquerque o nome crece
Que por grande no mundo se conhece.

Este que o livre mar veio infestando,
De la onde morre o sol té onde nace
Os nossos simulacros derrubando
Com affronta fatal da infernal face;
Agora outro não visto mar cortando
Para que o novo mal nos ameace,
Vai, sem haver quem tanto orgulho dome,
Em Malaca plantar de Christo o nome.

Quem duvída, passando la ésta gente
Ver acabado o nosso antigo imperio
Que ha tantos annos dura em todo o Oriente,
E rico de almas faz nosso hemispherio;
E que o povo malaio oppresso intente
Seguir com pezar nosso e vituperio
A romana piedade, a lei de Christo:
Ja tudo soffrereis se soffreis isto.

Que se adiante passa, singulares
Victorias temo, do infernal respeito
Eterna affronta; e ja temo que altares
Levantem a seu Deus, a meu despeito;
Domadores das terras e dos máres,
Não so em Malaca, Indo e Perseu streito

Mas na China, Catai, Japão estranho
Lei nova introduzindo em sacro banho.

Mas pois não póde ser nunca acabado
Nos peitos vossos o valor antigo,
Que ja mostrastes quando acompanhado
De vós cobrei o ceo por inimigo;
Seja este atrevimento castigado
Sahi, furias fataes, vinde comigo;
Contra elles mar e ventos se embraveçam
E desfeitas suas naus, todas pereçam.

Tu Belsebut, que os ventos com tremenda
Violencia moves contra mar e terra,
E Leviathão no mar serpente horrenda
Em quem tanto furor o abysmo encerra,
Vosso valor no mundo hoje se estenda.
As ondas ás estrellas movam guerra;
Tudo sua naturéza mude, e logo
Chovam mares os ceos e as nuvens fogo.

Vinguemos n'estes parte dos primeiros
Aggravos que sentis ha tantos annos,
N'estes que hoje orgulhósos e guerreiros
Fazer se intentam quasi soberanos.»
Disse Asmodeu; e nunca tam ligeiros
Causando em terra e mar mortes e damnos
Romperam feros ventos desatados
Como entam os espiritos damnados.

Não aguardam suberbos, impacientes
As últimas palavras; mas rompendo
Os ares, as moradas descontentes
Deixaram, mar e terra revolvendo:
Per donde quer que passam insolentes
Tudo vão arruinando e desfazendo:
Condensam nuvens e desatam ventos
Abalando da terra os fundamentos.

Sá de Menezes, *Malaca conquistada.*

GLAURA

PROCURANDO NO CAMPO DE BATALHA O CORPO DE BATRAO SEU ESPOSO.

Entre os mortos, da morte e ceo queixosa
O cadaver amado infelizmente
Busca a que foi de Batrão amada esposa!...
Mas entre a multidão da morta gente
E confusão da noite tenebrosa,
O cuidado amoroso vão ficára
Se a bella face Cynthia não mostrára.

Com a ância que a dôr causa, levantando
As chorosas estrellas ás estrellas,
Rogos e vãos queixumes misturando,
Assim roga, e assim aos ceos manda querellas:
« Eternas luzés! que passaes brilhando
Per celestes caminhos, margens bellas!
Males de amor e morte ja sentistes...
Mostrae quem morto adoro aos olhos tristes!

Dae-me morto o que vivo me tirastes,
E piedosas de mim sereis chamadas!...

Bastem os males ja que me causastes,
Tanto tempo em meu damno conjuradas!
Assim no claro assento que occupastes
Nunca sejais de nuvens eclipsadas!
Deixae que chegue a dar-lhe sepultura,
E o golpe em mim ex'cute a Parca dura!...

E tu que com tres rostos resplandeces
No ceo, na terra, e la no escuro Averno!
Tu que as plantas animas, e enriqueces
O mar profundo com vigor interno;
Os raios com que as cousas favoreces,
Communicando teu valor eterno,
Estende, e mostra-me entre tantos, onde
A escura sombra o morto bem me esconde!...»

Acaso, qual se rogos a obrigaram,
A face Delia descobriu serena...
Primèiro os altos montes se mostraram,
Logo a cidade involta em sangue e pena.
Entre os que valerosos acabaram,
Como d'aquelle imperio a sorte ordena,
Conhece Glaura o ja perdido esposo,
Exemplo de valor pouco ditoso!

No amado peito a setta vai cravada...
Desmaia o coração á dôr rendido:
Cahe mais morta emfim que desmaiada
Sôbre o que tanto amou, morto marido.

Quasi da alma fugaz desemparada,
A falta lh'a deteve do sentido,
Tendo suspensa a dor; e do accidente
Mortal torna, respira, attenta e sente.

Fere o grito no tecto crystallino...
Um soldado ignorante ao vulto tira,
Que, por ordem secreta do Destino,
O lastimoso grito descobríra!
A setta fere o peito alabastrino
Que para tanto mal amor feríra...
Ais a infelice ao ceo manda queixosos,
Bemque sejam mortaes, inda amorosos.

E como póde, a debil voz levanta,
Dizendo: — «Oh! vencedora gente forte!
Ja comigo piedosa... E ja, com tanta
Íra, causa cruel de minha morte:
Se entre marcial furor piedade sancta
Tem logar, e permitte minha sorte,
Pois me nega o podêr a morte dura,
Em Sião a meu Batrão dae sepultura!...

Albuquerque as estancias visitando,
Áquella parte chega ao ponto que ella
A lástima as estrellas provocando,
Da que seu mal causára se querella.
Elle do lamentar debil e brando
Se compadece, e manda recolhê-la;

Abrem do estreito alojamento a porta,
E a triste acham entre viva e morta.

Faltando o sangue que ja tem perdido,
Inclinava a cabeça á dor penosa,
Qual no ramo do tronco dividido
Languida e triste pende murcha rosa!
Etol, a quem mais doe o succedido,
O primeiro a levanta; a rigorosa
Ferida inquire com piedoso intento...
Ella o sabio conhece e toma alento.

Esforçando a voz fraca. — « Differente
Successo ja me promettestes!... » (disse):
— « Feliz tu, se a piedade omnipotente
Hoje obrar (lhe responde) o que eu predisse!
Oh! se estivesse na divina mente
Que o raio do divino amor ferisse,
E désse luz a essa alma que hoje cega,
Ja quasi a ponto de perder-se chega!

Oh Glaura! emendarás erros passados,
Confessando um so Deus, immenso, eterno,
Que de nada nos fez, e os adornados
Ceos de estrellas, mar, terra... e horrendo inferno:
Este nos redemiu, que desherdados
Nos fez do homem primeiro o mau govérno!
E por ser justo e pio, a offensa dura
Pagou, sendo creador, pola creatura.

Pola perdida ovelha suspirava,
E de a trazer aos hombros se deleita:
Na vinha, paga igual a todos dava,
Que tambem ao que chega tarde, acceita.
Pede agua que da culpa as almas lava,
E prescita serás, ó alma eleita:
Pede! confia! crê!... serás ditosa,
Serás do eterno esposo eterna esposa.»

Assim dizendo, em fe lhe accende o peito:
O que não ve ja crê... tantos lhe inspira
O ceo auxilios; e c'um pio effeito,
Pola agua que é de vida, ja suspira.
Levam-na em braços, e lhe ordenam leito
Conforme ao sítio que instrumentos de íra
Occupam; e applicar hervas começa
Elicio que de Apollo a arte professa.

Ella ja da esperança e da fe cheia,
Que o ceo lhe infunde, disse:—«Antes que aggrave
A morte o que é mortal, esta alma feia
Purifique a agua sancta, e a culpa lave!...»
Ja n'este tempo a vista se encandeia,
E o rosto cobre rosea côr suave...
C'os sacros ritos e agua, o sacerdote
Lhe dá, de Christo esposa, o eterno dote.

Elicio em tanto ja das hervas prova
A occulta fôrça, ja arrancar procura

Co'a douta mão o ferro... e a dôr renova
Sempre que arrancar prova a setta dura,
Em quanto hervas applica, hervas reprova,
E quantos ha segredos na arte apura...
Dos membros bellos bella alma espedida...
Elle arte e tempo perde... ella acha a vida.

Contempla triste o capitão valente
A trasladada ao ceo morta belleza;
E, bemque grave, compassivo sente
O acerbo caso, mas a sorte préza.
Manda que guardem em logar decente
O corpo frio, que honras ja despreza,
Até com pompa funebre e piedosa
Dar ao nobre cadaver tumba honrosa. »

Sa de Menezes, *Malaca conquistada.*

MOÊMA.

É fama então que a multidão formosa
Das damas que Diogo pertendiam,
Vendo avançar-se a nau na via undosa,
E que a esperença de o alcançar perdiam;
Entre as ondas com ância furiosa
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta agua, que fluctua vaga,
O ardor que o peito tem banhado, apaga.

Copiosa multidão da nau franceza
Corre a ver o espectaculo assombrada,
E ignorando a occasião da estranha empreza
Pasma da turba feminil que nada:
Uma que ás mais precede em gentileza
Não vinha menos bella do que irada;
Era Moêma que de inveja geme
E ja vizinha á nau, se apega ao leme.

« Barbaro (a bella diz) tigre e não homem!...
Porêm o tigre, por cruel que brame,
Acha fôrças amor, que emfim o domem,
Só a ti não domou por mais que eu te ame.

Furias, raios, coriscos que o ar consomem
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...
Ah que o corisco es tu... raio... penhasco!

Bem puderas cruel ter sido esquivo
Quando eu a fe rendia ao teu engano,
Nem me offendêras a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano:
Porêm deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano
Fugiste-me traidor, e d'ésta sorte
Paga meu fino amor tam crua morte?

Tam dura ingratidão menos sentíra
E esse fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triumphar não víra
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguíra
Se não temêra de chamar senhora
A vil Paraguaçú que, sem que o creia,
Sôbre ser-me inferior, é nescia e feia.

Emfim tens coração de ver-me afflicta
Fluctuar moribunda entre éstas ondas,
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai somente com que aos meus respondas
Barbaro, se ésta fe teu peito irrita
(Disse vendo-o fugir) ah não te escondas,

Dispara sôbre mim teu cruel raio!... »
E indo a dizer o mais, cai n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo,
Com mão ja sem vigór soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo.
Mas na onda do mar que irado freme
Tornando a apparecer, desde o profundo:
« Ah Diogo cruel! » disse com mágoa,
E sem mais vista ser sorveu-se n'agua.,

Choraram da Bahia as nymphas bellas,
Que nadando a Moêma acompanhavam,
E vendo que sem dor, navegam, d'ellas,
Á branca praia com furor tornavam:
Nem póde o claro heroe sem pena ve-las
Com tantas próvas que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moêma
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

Durao, *Caramurú.*

LINDOYA.

Incultas vargeas per espaço immenso
Enfadonhas e estereis accompanham
Ambas as margens de um profundo rio.
Todas éstas vastissimas campinas
Cobrem palustres e tecidas cannas,
E leves juncos do calor tostados,
Prompta materia de voraz incêndio.
O Indio habitador de quando em quando
Com estranha cultura entrega ao fogo
Muitas leguas de campo : o incêndio dura
Em quanto dura e o favorece o vento.
Da herva que renasce se apascenta
O immenso gado que dos montes desce :
E renovando incendios, d'ésta sorte
A arte emenda a natureza ; e podem
Ter sempre nedeo o gado, eo campo verde.

Mas agora sabendo per espias
As nossas marchas, conservavam sempre
Sêccas as torradissimas campinas,
Nem consentiam, por fazer-nos guerra,
Que a chamma bemfeitora e a cinza fria
Fertilizasse o arido terreno.

O cavallo atélli forte e brioso,
E costumado a não ter mais sustento
N'aquelles climas, do que a verde relva
Da mimosa campina, desfallece;
Nem mais, se o seu senhor o affaga, encurva
Os pés, e cava o chão co'as mãos, e o valle
Rinchando atroa, e açouta o ar co'as clinas.

Era alta noute, e carrancudo e triste
Negava o ceo involto em pobre manto
A luz ao mundo; murmurar se ouvia
Ao longe o rio, e menear-se o vento.
Respirava descanço a natureza:
So na outra margem não podia emtanto
O inquieto Cacambo achar socêgo.
No perturbado, interrompido somno
(Talvez fosse illusão) se lhe apresenta
A triste imagem de Cepé despido,
Pintado o rosto do temor da morte,
Banhado em negro sangue que corria
Do peito aberto, e nos pisados braços
Inda os signaes da misera cahida;
Sem adôrno a cabeça, e aos pés calcada
A rôta aljava e as descompostas pennas.
Quanto diverso do Cepé valente
Que no meio dos nossos espalhava
De po, de sangue e de suor cuberto,
O espanto, a morte!—E diz-lhe em tristes vozes:
« Foge, foge, Cacambo! E tu descanças

Tendo tam perto os inimigos? Torna,
Torna aos teus bosques; e nas patrias gruttas
Tua fráqueza e desventura encobre.
Ou se acaso inda vivem no teu peito
Os desejos de glória, ao duro passo
Resiste valoroso. Ah! tu que podes,
E tu que podes, põe as mãos no peito
Á fortuna de Europa: agora é tempo,
Que descuidados da outra parte dormem.
Involve em fogo e fumo o campo; e paguem
O meu sangue e o teu sangue. Assim dizendo,
Se perdeu entre as nuvens, sacudindo
Sôbre as tendas no ar fumante tocha,
E assignala com chammas o caminho.

Acorda o Indio valoroso, e salta.
Longe da curva rede. . . . .
O arco e as settas arrebata, e fere
O chão c'o pé; quer sôbre o largo rio
Ir peito a peito contrastar co'a morte.
Tem diante dos olhos a figura
Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.
Pendura a um verde tronco as várias pennas
E o arco e as settas e a sonora aljava;
E onde mais manso e mais quieto o rio
Se estende e espraia sôbre a ruiva areia
Pensativo e turbado entra: com agua
Ja per cima do peito, as mãos e os olhos
Levanta ao ceo que elle não via, e ás ondas

O corpo entrega. Ja sabía emtanto
A nova empresa na limosa grutta
O patrio rio, e dando um geito á urna,
Fez que as aguas corressem mais serenas;
E o Indio afortunado a praia opposta
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
Da margem guarnecida, e mansamente
Pelo silencio vai da noite escura
Buscando a parte d'onde vinha o vento:
La, como é uso do paiz, roçando
Dous lenhos entre si, desperta a chamma
Que ja se ateia nas ligeiras palhas,
E velozmente se propaga. Ao vento
Deixa Cacambo o resto e foge a tempo
Da perigosa luz: porém na margem
Do rio quando a chamma abrasadora
Começa a allumear a noite escura.....
Fiando a vida aos animosos braços
De um alto precipicio ás negras ondas
Outra vez se lançou, e foi d'um salto
Ao fundo rio a visitar a areia.
Debalde gritam, e debalde ás margens
Corre a gente appressada. Elle entre tanto
Sacode as pernas e os nervosos braços,
Rompe as escumas assoprando, e a um tempo
Suspendido nas mãos, volvendo o rosto
Via nas aguas trémulas a imagem
Do arrebatado incêndio e se alegrava.
Não de outra sorte o cauteloso Ulysses

Vaidoso da ruína que causára
Viu abrasar de Troia os altos muros,
E a perjura cidade involta em fumo
Encostar-se no chão, e pouco a pouco
Desmaiar sôbre as cinzas. . . . .

Tanto se apressa que na quarta aurora
Per veredas occultas, viu de longe
A doce patria è os conhecidos montes
E o templo que tocava o ceo co'as grimpas.
Mas não sabía que a fortuna emtanto
Lhe preparava a última ruína.
Quanto sería mais ditoso! quanto
Melhor lhe fôra o acabar a vida
Na frente do inimigo em campo aberto,
Ou sôbre os restos de abrasadas tendas,
Obra de seu valor! Tinha Cacambo
Real esposa, a senhoril Lindoya,
De costumes suavissimos e honestos
Em verdes annos: com ditosos laços
Amor os tinha unido; mas apenas
Unido os tinha, quando ao som primeiro
Das trombetas lh'o arrebatou dos laços
A glória enganadora. Ou foi que Balda *
Ingenhoso e subtil quiz desfazer-se
Da presença importuna e perigosa
Do Indio generoso; e desde aquella

* Um dos jesuitas directores das reducçoes.

Saúdosa manhan que a despedida
Presenciou dos dous amantes, nunca
Consentiu outra vez tornasse aos braços
Da formosa Lindoya, e descubria
Sempre novos pretextos de demora.
Tornar não esperado, e victorioso
Foi todo o seu delicto. Não consente
O cauteloso Balda que Lindoya
Chegue a fallar ao seu esposo; manda
Que uma escura prisão o esconda e aparte
Da luz do sol. Nem os reaes parentes,
Nem dos amigos a piedade, e o pranto
Da enternecida esposa abranda o peito
Do obstinado juiz: até que á fôrça
De desgostos, de mágoa e de saudade,
Per meio de um licor desconhecido
Que lhe deu compassivo o sancto padre,
Jaz o illustre Cacambo, — entre os gentios
Unico que na paz e em dura guerra
De virtude e valor deu claro exemplo.

Chorado occultamente, e sem as honras
De regio funeral, desconhecida
Pouca terra os honrados ossos cobre...

Crueis ministros, encumbri ao menos
A funesta notícia. Ai! que ja sabe
A assustada amantissima Lindoya
O successo infeliz. Quem a soccorre!

Que aborrecida de viver procura
Todos os meios de encontrar a morte;
Nem quer que o esposo longamente a espere
No reino escuro aonde se não ama.....

Salvas as tropas do nocturno incendio
Aos povos se avizinha o grande Andrade *
Depois de afugentar os Indios fortes
Que a subida dos montes defendiam,
E rotos muitas vezes e espalhados
Os Tapes cavalleiros que arremeçam
Duas causas de morte em uma lança,
E em largo gyro todo o campo escrevem.....

Pizaram finalmente os altos riscos
De esclavada montanha que os infernos
C'o pêso opprime, e a testa altiva esconde
Na região que não perturba o vento.
Qual ve quem foge á terra pouco a pouco
Ir crescendo o horisonte que se encurva
Até que com os ceos o mar confina,
Nem tem á vista mais que o mar e as ondas:
Assim quem olha do escarpado cume
Não ve mais do que o ceo; que o mais lh'o encobre
A tarda e fria nevoa escura e densa.
Mas quando o sol de la do eterno e fixo
Purpureo encôsto do dourado assento

* O general portuguez.

Co'a creadora mão desfaz e corre
O veo cinzento de ondeadas nuvens,
Que alegre scena para os olhos! Podem
D'aquella altura, per espaço immenso,
Ver as longas campinas retalhadas
De tremulos ribeiros, claras fontes,
E lagos crystallinos, onde molha
As leves azas o lascivo vento;
Engraçados outeiros, fundos valles,
E arvoredos copados e confusos,
Verde theatro onde se admira quanto
Produziu a superflua natureza.
A terra soffredora de cultura
Mostra o rasgado seio; e as várias plantas,
Dando as mãos entre si, tecem compridas
Ruas per onde a vista saúdosa
Se estende e perde. O vagaroso gado
Mal se move no campo; e se divisam
Per entre as sombras da verdura, ao longe
As casas branquejando, e os altos templos.

Ajuntavam-se os Indios entretanto
No logar mais vizinho, onde o bom padre
Queria dar Lindoya por esposa
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o pôsto
E a régia auctoridade de Cacambo.
Estão patentes as douradas portas
Do grande templo; e na vizinha praça
Se vão dispondo de uma e de outra banda

As vistosas esquadras differentes.

Co'a chata frente de urucú tingida
Vinha o Indio Kobbé disforme e feio,
Que sustenta nas mãos pesada maça,
Com que abate no campo os inimigos,
Como abate a seara o rijo vento.
Traz comsigo os selvages da montanha,
Que comem os seus mortos, nem consentem
Que jamais lhes esconda a dura terra
No seu avaro seio o frio corpo
Do doce pae ou suspirado amigo.

Foi o segundo que de si fez mostra
O mancebo Pindó que succedêra
A Cepé no logar: inda em memoria
Do não vingado irmão, que tanto amava,
Leva negros pennachos na cabeça:
São vermelhas as outras pennas todas,
Côr que Cepé usara sempre em guerra.
Vão com elle os seus Tapes que se affrontam,
E que teem por injúria morrer velhos.

Segue-se Caitutú de regio sangue
E de Lindoya irmão. Não muito fortes
São os que elle conduz, mas são tam destros
No exercicio da frecha, que arrebatam
Ao verde papagaio o curvo bico
Voando pelo ar. Nem de seus tiros

O peixe prateado está seguro
No fundo do ribeiro. Vinham logo
Alegres Guanarís de amavel gesto.
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga:
Pennas de côr do ceo trazem vestidas
Com cintas amarellas. — E Baldetta
Desvanecido a bella esquadra ordena
No seu jardim * : até o meio a lança
Pintada de vermelho, e a testa e o corpo
Todo cuberto de amarellas plumas;
Pendente a rica espada de Cacambo;
E pelos peitos a travez lançada
Per cima do hombro esquerdo a verde faxa
De donde ao lado apposto a aljava desce.

N'um cavallo da côr da noite escura
Entrou na grande praça derradeiro
Tatú-Guaçú feroz, e vem guiando
Tropel confuso de cavalleria
Que combate desordenamente.
Trazem lanças nas mãos, e lhes defendem
Pelles de monstros os seguros peitos.....

. . . . Não faltava
Para se dar princípio á estranha festa
Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam
Todas de brancas pennas revestidas

* Cavallo de Baldetta.

Festões de flores as gentis donzellas.
Cançados de esperar, ao seu retiro
Vão muitos impacientes a buscá-la.
Estes dá crespa Tanajura aprendem
Que entrára no jardim triste e chorosa
Sem consentir que alguem a acompanhasse.

Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo
E a irman per entre as sombras do arvoredo
Busca co'a vista e teme de encontrá-la.

Entram emfim na mais remota e interna
Parte de antigo bosque escuro e negro;
Onde aopé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte que murmura
Curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
Cançada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.

La reclinada como que dormia
Na branda relva e nas mimosas flores;
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um funebre cypreste que espalhava
Melancholica sombra. Mais de perto,
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços; e lhe lambe o seio.

Fogem de a ver assim sobresaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem de chamá-la, e temem
Que desperte assustada e irrite o monstro,
E fuja e apresse no fugir a morte.
Porêm o destro Caitutú, que treme
Do perigo da irman, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a íra e o temor. Emfim sacode
O arco, e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa; e a boca e os dentes
Deixou cravados no vizinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos gyros
Se enrosca no cypreste e verte involto
Em negro sangue o livido veneno.

Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão que ao despertá-la
Conhece — com que dor! — no frio rosto
Os signaes do veneno, e ve ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
Cheios de morte, e muda aquella lingua
Que ao surdo vento e aos echos tantas vezes
Contou a larga historia de seus males.

Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira grutta
De sua mão ja trémula gravado
O alheio crime e a voluntaria morte.....
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei quê de magoado e triste
Que os corações mais duros enternece:
Tanto era bella no seu rosto a morte!

J. Basilio da [illegible] *Uraguay*.

MORTE DE LUIS XVI.

Calaram todos esperando attentos
O que diria Smit, que um pouco abstracto,
Baixos os olhos, como quem do rógo
Mal s'approuve, medita so comsigo.

Musa d'Home[illegible]e mendigo e cego
Trocando a u[illegible]nsado versos d'oiro,
Inda assim sett[illegible] esplendidas cidades
A honra se d[illegible]taram do teu berço!
Soccorre, [illegible] outro, que igual fado,
Porêm não igual merito sentindo,
Em duplicadas trevas mal gorgeia,
Não visto ou escutado; e que, sorvido
Esse trago final, talvez a patria,
Que o ser lh' ha dado, que lh'o deu denegue!
Tu que da mixta, Grega e Troa insania,
Intestina desorde', e briga externa,
Palpando apenas o complexo fio
Tecer assim soubeste, ora prestando
De Laertes ao filho argentea lingua,
Ora dando ao de Thetis peito d'aço:
Traze aos olhos (aos olhos que so conto)
Da minha retentiva, causa e effeitos
De vertigem maior, maior estrago...

Impondes-me, ó princezas, um preceito
(Assim rompe o Bretão) que so provindo
Do labio imperioso que m'o ordena,
Cumpri-lo eu deveria! com que esfôrço
Recordar poderei os quadros feios,
De que fui deploravel testemunha,
E a cujo aspecto espavorida a alma
Inda'gora recúa? ou de que modo,
Sem que suspeita a lingua então pareça,
Por isso que enredado me vi n'elles,
Eu factos exporei tam horrorosos?
Mas as mesmas nocturnas sentinellas,
Por quem vós me citastes, esses astros;
Vivos olhos d'um Deus que nunca dorme,
Eu invoco; inda mais, eu os conjuro
Que para sempre sua luz esquivem
A quanto falso eu diga, ou falso invente,
Seja contra quem for, Tyrio ou Troiano,
Exista, ou não exista, poisque todos,
Tratarei igualmente; sem que poupe
Inda os proprios estranhos, que tiverem
Em vez de o suffocarem, promovido
O fogo interno da cruel revolta.....

O rei, que pola grei mil fol'gos dera,
De cujo eximio affecto a seus vassallos
Eu fizera modêlo, se os tivesse;
Que em saber e prudencia digno exemplo
Deve ser d'imperantes, obrigado

Eis que se viu a novos sacrificios;
Ora ao Germão comprando a paz do Belga
Que o Escalda entre os dous romper buscava,
Ora da Hollanda ingrata obstando á liga
Com o Insulano, e Prusso; e emfim mantendo
Sua alta mediação na progressiva
Discordia que os tres Cezares armára:
Mas não pôde elle mesmo então poupar-se,
Á nova guerra c'o Inglez potente;
E ja, postoque em vão, á Hespanha unido,
Per agua e terra, ao emulo cercando,
Derribá-lo procura do rochedo,
Que defende Heliot; ou ja ferindo
Com proa aguda o Indico Occidente. . . .
Fomenta o golpe, que ao leão dos máres
Um dos braços mutila, mas que cedo
Talvez custe a garganta ao proprio Gallo !...

Sim, princezas, em Bóston s'affiaram
Os punhaes, que depois a Gallia atulham
De sangue e de cadaveres; foi Paine
Foi Franklin que (talvez mal intendidos)
A materia formaram para as longas
Controversias que logo retumbaram
Per tribunas, per clubs; e la somente,
Foi la que de Raldolpho espedaçando
A c'roa, e repartindo-lhe os fragmentos
Pelas doze colonias rebeladas,
Uma briosa e nobre juventude,

Digna de discutir em melhor causa,
Apprendeu a pisar aos pés seu throno;
La foi so, que Bouillé, e La-Fayete,
Ambos valentes, destemidos ambos
S'avezaram a ver de sangue frio
Um rei de seus direitos esbulhado,
D'ignominias cuberto, escravo e preso.

America, ó America! escusado
Era um fio de novas desventuras,
Para que eu te pragueje, e ao que primeiro
Sôbre ti arribou ousada quilha!
Em toda a era, desde então que golpes
Á Europa has fulminado! não sem causa
Os pios ceos per evos t'esconderam
Ao demais mundo, que depois d'olhar-te
Perdeu socêgo! a trôco d'essa fulva
Areia luzidia, oiro chamada,
Que tanto nos deprava como enfeita!
Se reúnir podessemos o estrago,
Que custado nos tens, per um mar novo
De rubro sangue a ti se navegára,
Ou a pé firme longa estrada d'ossos
Podéra conduzir-nos a teus lares!

Sangrada assim, de fôrças inanida,
Froxo o commércio, exhausto o numerario,
Substancia e sangue seu, cansado o fisco,
Inhabeis as finanças, e impotentes

A remirem a dívida do estado,
E mesmo a compensarem ao que digno
Da patria se volvia; exuberante
Ja então o flagello dos impostos
Sôbre um povo esgotado, a antiga França
Dentro em si ponderada, ou de si fóra,
Da França dos penultimos Luises
Mostrava ser apenas o esqueleto!
Debalde o rei a fim d'aliviá-la
Subido ao Throno, do usual tributo
A tinha exonerado; em vão baníra
A pezada *corvea*, e mil abusos
No câmbio introduzidos mitigára:
Bemque a urgencia aos olhos seus trouxesse
O ter de reformar a extincta esquadra
Entregue ao teu cuidado, ó gran' Sartines!
E acudir a uma tropa desprovida;
Que apezar da commum calamidade,
E *déficit* geral, sua alma excelsa
Guardasse esses magnanimos projectos
D'ella proprios! quaes foram, serão sempre,
Esse raro museu, jardim mais raro
Que de seu nome honrou, e em que vegeta,
Como em compendio, o que produz natura;
Essa maravilhosa, vasta ponte
Sôbre o caes de París, que a fez mais bella,
Mais sadia; esses carceres med onhos,
Pouso do crime, e ás vezes da innocencia,
Que ampliou, accresceu, e d'onde expulsa

A tortura se viu, e a fôrça iniqua
D'accusar-se a si proprio, ou dar-se o homem
A culpas que não teve! essas medidas
De novo auxílio á misera indigencia
Em pios hospitaes, nos quatro extremos
Da gran' cidade, que tam mal lhe paga.
Esse monte, ou collosso de piedade,
Barreira, ou dique ás sofregas torrentes
D'uma usura espraiada; essas tam sábias
Officinas d'augusta providencia
Contra a mendicidade, a inercia, o ocio;
Esse caudal emfim d'amparo, abrigo
Ás sciencias e ás artes, que subia
Ao nivel do seu throno, e a quem prezava
O talento não so, mas inda o uso:
Grandeza e mão real, que não limita
Somente aos seus, qual tu a exprimentaste,
Ó La-Perouse, ao ir em gyro ao mundo,
Que de seu camarim, qual o apontára
Danville, o rei geographo te aponta;
Mas que aos mesmos estranhos se distende,
Como a ti, Cook, ao vir do mundo em gyro,
Fazendo premiar-te, e decretando
Que o teu baixel os seus baixeis respeitem.

Porêm não so aos que inda a vital aura
Desfructam, honra o rei; a sua excelsa
Munificencia aos tumulos descia,
D'onde ao dia revoca illustres manes,

Que o merito exaltou, e a quem renova
Essa especie de vida que dar podem
Os cinzeis, os buris! como em teu busto
Respiras hoje, ó La-Fontaine, ó Fabro,
Catinat, Bossuet, Pascal, Cartésio!
Tal do alto Henrique o neto se portava
A bem d'um povo, que é délicias suas,
Sem que o vexe; d'um povo que idolátra,
Com quem ri se elle ri, chora se chora!
Em cujo sacrificio o rei so parco,
Avaro so comsigo, mesa e pompa
De sua excelsa casa reduzíra
Ao tenue fausto de qualquer privado;
Nem tu sóbre teus bosques mais o viste,
Gentil Fontáinebleau, gentil Compiegne.
Mas que importam medidas salutares,
Filhas do serio accôrdo, estimuladas
Pelo exemplo d'avita longa estirpe,
Ao lado d'um rei pae, a quem o herdeiro
Busca sempre exceder em glória, em brio;
Se ministros, ou fatuos, ou protervos,
Inculcados talvez por vão capricho,
Tudo véem transtornar, inverter tudo!
Por mais que juncto de qualquer monarcha
Se finja um genio tutelar, que vigil
Os olhos lhe dirigà, e as mãos; não passam
De duas suas mãos, de dous seus olhos;
E precisa de quem o ajude ao cárrego
De sua immensa, amplissima tarefa!

Muito havia, que a raça s'extinguíra
Dos Sullys, dos Colberts, dos Mazarinos,
Nem da massa infermenta do possivel.....
Se tinham desenvolto a pró do mundo
Esses raros talentos, ou prodigios
D'estado, de politica, de senso
Em prespicaz, illustre diplomácia,
D'antigo ou de moderno gabinete
Que contra o dolo e maximas do Corso
Depois viu Anglia aos centos, aos milhares...

Os que a Luis a voz commum dictára,
Os Germains, os Calomnes, os Vergenes
Hombros não tinham para o pêso enorme
Da mole vasta em crise tam funesta!
Poisque nem todos increpar eu ouso
De ruins intenções, de má vontade.

Luménia e Necker, nada mais fazendo
Que patentear a úlcera do estado
Demais rasgada do recente imposto
D'esse papel sellado, e d'essa dura
Subvenção terrorial, rasgada em dòbro
Por esses mil emprestimos forçados,
Novo roubo politico, e por isso
Muito mais detestavel, mais acerbo!
E em logar d'applicar-lhe cura idonea,
Tempo baldando em tribunaes superfluos,
Cuidaram so d'inuteis baliados,

De solemnes conselhos de justiça,
D'extinctos parlamentos, revivendo,
De vans côrtes plenarias, de notaveis
Expulsos, convocados; e deixando
Arfar á tôa sobre um mar furioso,
D'um baixo em outro baixo, entre procellas
Sem leme, sem agulha a nau do imperio,
Deram com ella emfim sôbre esse escolho,
Ou terrivel cachopo, não tocado
Havia ja dous seculos, que o nome
Recobrou com o orgulho de assembleia,
Ou d'estados-geraes, nos quaes outr'ora
Se víra soçobrar immersa ao fundo;
Porque donde o primeiro então surgíra,
Ahi feneça o ultimo Capeto!

Dia quinto de maio assignalado,
Oh! se nunca raiasses no horisonte
De Gallia infausta! — Como a luz cançada
Da moribunda alampada, que esperta
Em todo o seu fulgor, e logo expira;
Ou bem como essas victimas c'roadas
De grinaldas, que o passo magestoso,
Tendem per si ao proprio sacrificio;
Tal n'esse dia, ó França, assim te viste
N'um ponto resumindo quanta pompa,
Quanto esplendor por evos te aggregaram
Teu mimoso paiz colonias tuas,
Afim d'ires primeiro ao sacro templo

O soccorro implorar da summa graça,
Para pouco depois tudo manchares,
Tornares tudo em furia, em sangue, em lucto!
Pompa, esplendor, que desiguaes brilhando
Nas primas duas ordens, n'esse longo
Manto real de joías recamado,
C'os satellites seus bordados d'ouro;
E logo n'essas mytras refulgentes,
E roçagante purpura argentina,
Na terceira ateou esse vorace
Ciume inveterado, com que sempre
O menos farto olhou para o mais rico.

Ja sentado era o rei no throno excelso,
Juncto da sacra esposa, e a terna prole
Ao lado, c'os mais principes do sangue,
Menos tu, Orleans, que á classe tua
Degradado te havias, desertando
Para onde a alma baixa te convida,
Quando um raio de luz inesperada
Rompendo d'improviso o dia obscuro,
Que mandado dos ceos em despedida
Parecia descer sôbre o monarcha,
A fronte lh'illumina a um tempo, e a lingua,
Que assim diz: «Povo amigo; que ao meu throno
Subirei, se bastar um throno a um povo!
Vinde pois, ajudae-me soccorrei-me,
Com a vossa a formar minha ventura;
Quanto esperar d'um rei póde o vassallo

Ceder tudo ao vassallc o rei promette! »
Palavras talvez nunca proferidas
Per outro algum monarcha; e que lavrando
Nos corações, os mais empedernidos,
Poderam afogar per algum tempo
Quaesquer sementes de cizania ou d'odio,
Plantando em seu logar amor, doçura,
Sôlta em acclamações, applausos, gritos
De viva-o-rei! com que per longo espaço
Versalhes resoou, com que indagora
Resoaría, s'echo mais terrivel
D'alarido feroz o não viesse
Em breve sufocar: como aos gorgeios.
Da grata philomella em brando outomno
Faz logo emmudecer sanhudo hinverno
Com seus rebombos do trovão medonho!...

Não que eu profira, que na côrte espuria,
Ao primo seu nascer de ferro armada,
E uns tragando-se aos outros, como os dentes
Per Cadmo semeados, não se vissem
Um recto e muitos rectos: mas seu voto,
Á maneira da pedra em golpho immenso,
Se perdia absorvido; e s'escaparam
De serem tristes victimas do novo
Devastante instrumento; asylo estranho
Necessario lhes foi, qual o fizeram
Os Meuniers, os Reignaults, os Tolendales.
Eis que empunhado o sceptro seu de bronze

A dynasta assembleia mais suberba
Da representação que obteve em dôbro,
E por cabeça, orige' a mor tumulto,
A mor desorde', em nada concordando,
Concordar parecia tam somente
Em seu odio jurado á monarchia!
E em logar de solícita empregar-se
Nas urgencias do estado, e nos subsidios
Que convocado a tinham, so cuidava
De vans chymeras, d'árvores sem fructo,
D'aerias igualdades (confundindo
Direitos do homem c'os do bruto inerte,
San liberdade, e van libertinage,)
De cocares, de topes tricolores,
De frios formularios, d'etiquetas...
E arrogando-se ja constituinte,
Executiva ja, legisladora,
Inviolavel, uma, indivisivel,
Omnipotente! em mais não tinha a mira,
Que arrasar, demolir dos alicerces
Um throno em tantos evos consagrado!...

Ja então por desgraça essa nobreza,
D'um grande chefe seu decapitada,
Corrupta ja em muitos de seus membros,
Off'recia mais facil a conquista.
D'uma parte Orleans facinoroso
Com o oiro, lingua sua; e d'outra parte
Com a lingua, oiro seu, Mirabeau destro,

Um fuzilando, e outro trovejando,
Haviam feito a muitos perveter-se
D'essa aura popular que os deslumbrava;
E os que com melhor senso conheceram
Do novo grilhão aureo o jugo infame,
Repulsados da tropa e da marinha,
Ou livres emigrando, a longes climas
Foram levar, a trôco da fortuna
E dos perdidos bens, remida a face
Do vergão deslustroso que expelliram...

Ja perdido o decoro á magestade,
Desde então desvairou na Gallia o siso,
E mais dique não houve que podesse
Atalhar nas familias a discordia.

Foi um d'estes infaustos, negros dias,
Em que alli succedeu, segundo é fama,
A aventura dos quatro malfadados,
Por este mesmo nome conhecida.
Doce, meigo casal, que no seu bairro
Passava por modelo do mais nobre,
Puro amor conjugal, dous filhos tinha
Sem outra alguma prole, adultos ambos,
Que do fraterno amor eram não menos
O mais perfeito espelho; uma vontade,
Um so gôsto regía os quatro peitos,
Que parece animar uma so alma!
Loduvico era o pae, que encanescêra

Nos arraiaes de Marte, onde ganhára
Vigor e intrepidez que inda não perde,
E que do primogenito formava
O seu maior prazer, como primicias
D'um consorcio mimoso : era Philippa
Da mãe o nome, activa e resoluta
Quanto o sexo o permitte, e que outro tempo,
Em mais florente idade ao bom marido
Seguíra sôbre as horridas campanhas;
Umas vezes tomando-lhe em seus hombros
O pesado fardel na longa estrada,
E marchas trabalhosas; outras vezes
Dispondo-lhe a escopeta e o rijo sabre;
E do filho menor suas delicias
Fazia então qual último seu fructo.

N'um parco esteio licito, e poupado
Dos soldos seus, vivia o par contente,
Juncto da cara prole, que ao serviço
Das armas d'igual modo se propunha...
Ditosa condição, ditosa gente! *
Inda agora ditosa, se o demonio
D'atroz revolução lhe não viesse
Quebrar ésta harmonia, e derramar-lhes
Seu azebre, seu fel e seu veneno!...

De novellas se apraz a mocidade,
Que por officio, ao solido, ao maduro
Hade sempre antepor o falso e o futil,

* Verso de Camoes.

Com tanto que brilhante. Illudido,
Hallucinado o jovene mais tenro
D'esses nomes, á moda alli talhados,
Apparatosos, vãos, de fraternismo,
De liberdade, e d'outros mil phantasmas
Da nova seita, d'ella se namora,
E a loquela adoptando-lhe e a divisa,
Em casa vai entrar ornada a testa
Do laço tricolor que ja grassava:
O mais velho que o ve, o increpa, o exprobra,
E lh'estranha a p'rigosa novidade;
Porêm de balde; que altercando em furia
Um e outro mais e mais, emfim vieram
Das palavras ás mãos, das mãos ao sangue,
Pois raivoso, e cholerico o mancebo
A espada arranca, e subito investindo
Ao grato irmão, o peito lhe atravessa
Aos olhos mesmo, e mesmo sôbre os braços
Da mãe que contra o golpe em vão se empenha!..
O moribundo cai, e o moço estulto
Sai deixando o galero, e o ferro tinto.

A noite s'avançava, quando chega
O provecto ancião, que escorregando
No fresco sangue, esbarra sôbre o corpo
Do filho amado: eis se ergue, attenta observa,
E reconhece o tepido cadaver!
A mãe lhe narra o caso lastimoso;
Horroriza-se o pae, e a si chamando

Todo o prisco furor de seus combates,
Protesta castigar o feito enorme,
E quer sahir : debalde a mãe pretende
Os passos suspender-lhe, e fatigada
Dos inuteis esforços desfallece
Sôbre vizinho assento. O pae presiste
No firme intuito seu, á pressa toma
Chapeo e espada, o instrumento e a causa
Do crime. . . . .

Volve a si entretanto a mãe piedosa,
E ao consorte não ve; mais nada attende;
As vestes femininas troca logo
Polas do filho morto; depois busca,
Para que se lh'acate mais respeito,
Pequena arma de fogo, que o marido
Por caução conservava sempre prompta
Contra insulto qualquer; e louca e cega
Voa a fim de estorvar o novo crime.

Peado do delicto e do remorso,
Vagava incerto o nescio fratricida;
E não muito distante o pae o encontra.
« Malvado! (elle lhe grita) que protervo
Contra teu proprio irmão armou teu braço? »
— « Não, ó meu pae! (o filho lhe responde)
O irmão eu não matei, matei o imigo
Da patria, opposto á púbica ventura. »
— « Que ventura! (lhe torna o velho ancioso)

Ou patria á natureza prevalece? »
— « Natureza não ha, ou sangue, ou carne,
Que se não deva á patria em sacrificio »
(Lhe volve o filho). — « Bem: (o pae replíca
Delirando em rancor) poisque essa patria,
Dos homens creação, é preferivel
Á producção dos ceos, á carne e ao sangue,
Fechando eu olhos a essa natureza,
A patria vou livrar tambem d'um impio,
D'um barbaro assassino: morre, ingrato! »
E sôbre o coração lhe crava o ferro
Inda morno talvez do sangue amigo.

Treme, arqueja, recua, bambaleia
O moço infausto; e o pae se lhe approxima,
Póde ser que a valer-lhe pezaroso,
Quando perto de si, não proferindo
Um e outro voz alguma que os descubra,
Subito encara, armado de pistola,
Másculo vulto estranho, que em distancia
Sem que os oiça, luzir so víra o ferro
Das trevas apezar, e que enganado
Do tope refulgente, que o bom velho
Não usára jamais, um novo golpe
Frustrar queria ao moribundo ignoto:
O pae em nova cholera se abrasa,
Suppondo ser do filho algum sectario;
Ao vulto investe, e lhe traspassa o ventre,
Mal presumindo o triste que traspassa

O ventre em que gerára os mortos filhos!...

Mas ai! tanto o não faz a proprio salvo,
Que ferida a mulher ao mesmo tempo
Lhe não descarregasse sôbre a testa
O tubo acceso. — «Morto estou (diz elle).»
— «E eu morta (ella então diz).» A cujos echos
Conhecendo-se um e outro, bemque tarde:
« Oh Philippa!» (elle grita) « Oh Loduvico!»
(Grita ella) e sem dizerem mais palavra
Cai um, cai outro juncto ao filho em terra...
Ah! que arrastando a custo os membros lassos'
Inda um se abraça ao outro, e alli misturam,
(Até os separar de todo a morte)
Suas almas, seus osculos, seu sangue!

Um profundo gemido, que resoa
Em toda a comitiva, por um tanto
Desafogar deixando a mágoa justa,
Obriga ao alto orador a breve pausa:
E porque essas nocturnas, sans espias
Do tráfico, ou discurso, ou somno humano
(Perennes olhos do potente Jove),
Ja da longa vigia fatigadas,
Á similhança do homem, pareciam
Amollecer tambem, e ao grande Phebo
D'algum modo pediam que as rendesse;
Contra a suave briza matutina,
Que aviva mais, real gentil copeiro,

Mestre em manipular subtis licores
Que o corpo vigorisam, a alma espertam,
Per si proprio ministra á roda illustre.....
Quente mixto aromatico; e primeiro
Ao sublime Bretão, que segue logo:

«Antes que o fio, ó inclytas princezas,
Eu retome de minha teia longa,
Preciso é obviar breve reparo,
Que julgo suscitar-se em vosso espirito:
Como é crivel, direis talvez comvosco,
Que o mesmo povo, que demente ou ébrio
Viu pouco antes á custa de seu sangue,
Rios de sangue, de fazenda e d'honra,
Concutir, baquear, jazer o solio
Que o brilho e a duração aos proprios astros
Se disputava; involta em mil ruínas
Com o melhor dos reis a prole innocua,
Como se original a culpa fosse;
Socegado e risonho visse logo
Desfazer a sua obra homem protervo,
Ignobil forasteiro, e n'esse throno,
Qu'outra vez arranjou, sentar-se altivo,
E d'elle moldar outros para toda
A sua jerarquia, nem que o proprio
Seu merito, se merito elle conta,
Dom sobrenatural ou commum graça
Fosse nos seus?... Porêm se vós, princezas,
Escutado lhe houvesseis dolo, embustes,

Chymericas virtudes, falsos dotes,
A seu modo, e a seu geito propagados
Por seus feios apostolos malignos;
Se visto lhe tivesseis a nefanda,
Enorme hypocrisia, mais cruenta,
Mil vezes mais nociva e mais temivel
Que os barbaros fuzis e que as baionetas
De seus grandes exercitos sanhudos;
Vós mesmas vos verieis enredadas
Na fraude e na esperança que illudiram
Não so Gallia, mas quasi o orbe inteiro...

Está meu pasmo, e minha maravilha
Em que inda a sangue frio, em tempos doces,
E quasi de repente um povo egregio,
Um povo alimentado em sans escholas,
Elle todo insanisse, não restando
Uma voz imperiosa, que se erguesse
Prognosticando a tumida borrasca
Que se ia suscitar e perder tudo!
Um povo, que por seu discernimento
Nas artes, na moral, por suas luzes,
Umas nacionaes, outras estranhas,
Parecia dar leis á Europa e ao mundo;
Um povo, onde ferviam sem limite
Os Lavoisiers de paes medrando em filhos,
Os Baillys, os Merciers, os Eglantines.

. . . . Tu, De Lille,

Que preservado pela musa ingenua
Livre eras do contagio; tu que o sangue
Não vias enchorrar, mas que sentíras
Ranger emtôrno a guilhotina enorme,
Ah! porque refinando a doce lyra
Não serenaste os animos discordes?
E tu, ó erudito, ó bom Philinto,
Tu que ao som de teus magicos harpejos
Havias tantas vezes para ouvi-los
O curso suspendido ao douto Sena,
Oh! agora que o vias delirando,
Porque do teu sal attico instructivo
Não o increpaste, e ver-lhe não fizeste
Como s'acata em Lysia um rei sagrado?

Não de repente, e não a sangue frio
Oh principe extremado (Smit prosegue),
Tantos e taes talentos insaniram!
Commum, pura intenção a muitos d'elles
Involveu na cathastrophe terrivel:
Como porêm succede vezes muitas
Enfermar o que vai tractar d'enfermo,
E deixá-lo talvez immune e salvo
Do mal que lh'absorveu; assim na Gallia
O contagio grassou em tempo breve.
Salto não fez jamais a natureza,
Que sempre obra tranquilla: d'igual modo
Que sôbre a corpo physico a doença
Se diffunde per graus; as mesmas crises

Segue ella no politico chamado.
A tristeza, o fastio communmente
São os preludios da feroz molestia,
A quem para atalhar talvez bastára
Branda, simples dieta; mas desejo
De terminar á pressa o grave damno;
Que ganhára por tempos surda fòrça,
Faz que o egro infeliz ao primo insulto
A mão deite de medicos inhabeis,
Pòstoque d'outra parte doutos, destros,
Que imprudentes, em vez de rechaçá-lo,
O morbo auxiliando, pouco e pouco
A desordem promovem d'onde brota
Ja nova enfermidade, a quem cumpria
Accudir desprezando-se a primeira:
Eis que tudo s'embrulha, eis se confunde
Symptoma, com symptoma; frio á febre,
Febre ao frio desmente; ao são corrompe
Humor infecto, e dentro em pouco espaço
Tudo é dissolução. . . . .

Escripto era nos ceos o sacrificio
De Luis; e um minuto, um so instante
Não podia encurtar-lhe, ou distender-lhe
A dura execução!... Em quanto ao longe
Uma ebria junta, um povo embriagado.
Os pezames se dão da régia presa,
Que lhes tem escapado; o bom monarcha
Que deixar seus estados não deseja,

E que em suas fronteiras so procura
(Em Montmedi se diz) alguma praça
Que lhe seja guarida a taes insultos;
Mal que chega a Mené, que um torpe espia...
O conhece, o delata, o denuncia,
E o cunduz a Varennes, sob pretexto
D'averiguar escrupulos movidos
Sôbre seu passaporte. Outro malvado,
Proscripto em terra, em ceos, chamado Sausse,
A proterva cidade alli regía :
« Senhor! (lhe diz o rei) não me demores;
Un commerciante eu sou bem conhecido,
(Ah! de salvar seus dias traficava,
E não mente o monarcha!) que com minha
Familia busco as raias d'este reino
Sôbre justo negócio, onde nociva
Se me póde volver qualquer delonga... »
Afim que tudo alli se conspirasse
Contra Luis, o mesmo Luis proprio,
Para um retrato seu, que tinha acaso,
O faz então olhar; o rei se assusta,
E d'est'arte lhe torna : « Se conheces
Que aquelle eu sou, que sou o teu monarcha,
O teu rei, oriundo de reis tantos,
Dos ceos sancido; eu supplice te rogo
Que ao teu monarcha, que ao teu rei tu valhas :
Livra-me dos punhaes, e d'esses tigres,
Que em minha capital meu sangue anhelam!
Ou tu mesmo, em logar de consentires

Que o teu rei n'um patibulo pereça,
Toma com tuas mãos uma baioneta,
E d'ella o atravessa... dize logo,
Que t'enganaste, e t'illudiu teu zêlo,
Pensando assassinar um vagabundo,
Que aleivoso e sacrilego dizia
Ser teu monarcha!... ou se talvez te doem
Teu rei, tua raínha, com seus filhos,
E deixas proseguir nossa viagem,
Tu a meu lado irás affoito, immune
Sob a minha tutela; do meu reino
O primeiro serás ante meus olhos,
E ésta tua cidade a mais famosa,
Mais opulenta! apar d'esse retrato
O teu collocarei, que um se não veja
Sem ver-se o outro, que jamais se falle
Do teu rei sem de ti fallar-se a um tempo. »

Éstas com outras preces interpunha
O monarcha ao vassallo; mas debalde
Que a nada d'isto o bruto se movia. *

Eis que a raínha, pela mão tomando
O mimoso Delphim, curva com elle
Aos pés do monstro, em lagrymas se funde;
Mas em vão; Sausse é mais que pedra, é ferro
Chapeado de bronze pela turba

* Verso de Camoes.

Que mais e mais a instantes se lh'aggrega!...

Qual o salteador, ou bandoleiro,
Que primeiro vagou em erma estrada,
Onde roubou, feriu; e á frente logo
D'ascorosa quadrilha em rica aldeia
Sacerdotes matou, saqueia altares,
O sacrario profana, abraza o templo!
Té que preso depois per digna escolta,
Tolhido de grilhões co' a vil cohorte,
Tende ao supplicio seu pelos logares
Onde travou o barbaro delicto,
Exposto á irrisão, ao odio e ás chufas
D'um sexo e d'outro, velhos e meninos:
Tal cercado de mais de cem mil lobos,
E milhanos crueis, o rancho debil
De pombas e cordeiros, sem mais culpa
Que a de fugir á morte, e sem mais guarda
Que tres soldados de renome eterno,
De Valory, Moutier e de Muldane,
A passo lento, que melhor o inculque,
Tostado pelo sol em quadra infecta:
Per entre imprecações é conduzido
Á sua capital, e a seu palacio,
Seu palacio, e seu carcere não menos!...

. . . . D'ésta crise infausta
É donde eu dato o último suspiro
Da monarchia, e o folego primeiro

D'essa fatal republica, que um chôrro
De sangue foi depois, como d'intriga
Será sempre um caudal! Eis constrangido
É o rei a acceitar a monstruosa
Nova constituição, que inda o vão nome
De rei lhe deixa, o nome so, mais nada.....

Sim, de nome mudou, de membros muda
O duro tribunal, que de assemblea
Foi convenção; mas não mudou d'estylo,
Não de cruas entranhas, poisque todos,
Uns e outros feitos são da massa azeda
Que Pethiões formou, formou Santerres!...

Enraivada matilha late, espuma,
E se arroja ao palacio; o rei espera
C'o valor que lhe é proprio, e co'a brandura,
Que famintos leões desarmaria,
Pois ah! inda não era vinda a hora,
Em que s'immole a hostia; mas é tempo,
Como sempre o tem sido, d'ultrajá-la!
Um malvado pertende que se cubra
Do seu rubro barrete; o rei se cobre.
Outro mais insolente, que lh'entrega
Sordido vaso de licor grosseiro,
Quer que brinde á nação; brinda o monarcha,
Que a mão d'um granadeiro então colloca
Sôbre seu peito, porque sinta e veja
Se, fóra do usual, n'elle palpita

O firme coração! No se c ontenta
A bruta sanha sem que o fira n'alma,
Que na raínha o fira; a grandes echos
Ella se chama, e busca; eis que por ella
A formosa Isabel se offrece aos monstros,
Que cegos lhe remettem; ha quem diga
Não ser a mesma: « Oh! não (lhe grita a bella)
Não os desenganeis, ah! com meu sangue
Deixae-os saciar!... » bravura heroica,
Que sobejára a sublimar seu sexo,
Seu nome eternizar, subi-lo aos astros.....

Em quanto pouco e pouco s'esvaecem
Terrores d'ésta convulção maligna,
Fermentava em seu centro essa montanha
De mais cruel Vesuvio, ou Ethna novo,
Cujos materiaes, á similhança
D'um tartareo dragão, Danton combina;
E cujas fendas Orleans raivoso,
Porque não s'evapore intempestiva,
Onde é que as via, atafulhava d'oiro,
Que logo se converte em pez, betume,
Salitre, enxophre, afim que mais s'inflamme
E do vulc o rebente a lava inteira,
Que pouco logo arrasta apos o throno,
Ingenho, artes, razão, philosophia,
Vetustas Togas, capitães provectos;
E per conselho de Thuvot maldicto
Templos vai alluir, prostrar palacios,

Monumentos, padrões, estatuas, bustos,
Digno premio ao valor, premio á virtude;
Como foi a do grande Henrique eterno,
E as vossas, oh tres ultimos Luises,
Condemnados no bronze por accordam
D'impia sentença a resurgir em peças
Que infundam novo horror! Nem a vós mesmos,
Vosso repouso, oh tumulos sagrados,
D'escusa servirá; qual tu, Turenne.....
Mandado inda outra vez brotar em ferro,
Que da França amedronta os inimigos.

Eis toca o ponto da explo so terrivel;
E á maneira que eu vi com estes olhos
De sua madre extravasando o Nilo,
Mais e mais infartar, e despenhar-se
Das roucas catadupas, tudo emtôrno
Desarraigando, troncos e penedos,
O feio turbilhão que na levada
Derruba quanto encontra até volvê-los
Per suas sette bocas ao mar fundo:
Assim d'um lado, e d'outro desfilando
Em torpe alluvião a gente iniqua,
Busca os paços reaes, levando á frente
Santerre e Petion, que mitigá-la
So devem, e a borrasca so promovem.....

Dobra e cresce o tumulto; os ventos berram
D'um lado e d'outro; d'uma parte e d'outra

Fuzila, trôa! os paços são cercados
E atropellada a guarnição que tinha.
Ja do gran' Carroussel a praça inunda
Em bronze, em ferro; os tigres s'alvorotam,
Se congratulam, e co'a presa á vista
Garras affia aquelle, este se lambe...
Ferve a tormenta; a senha so se aguarda
Para o diluvio; e se inda a vida existe,
É porque irresoluta pende a morte
Onde se volva a completar primeiro
Seu officio e seu gôsto! Lavra em tanto,
Geral seu precursor, um frio interno
Com que tudo enregela, iniquo, e justo.
Tremeu a bom Luis; tremeu não menos
Essa *impia* Convenção, vendo a carrança
Da voraz tempestade que ella mesma
Excitou, e a ser propria de remorso
Um pouco da sua obra lhe pezára.
So não tremeste, esmalte das raínhas,
Oh divina Antonieta; que teu sexo
Tu então transcendes-te, e teu caracter!
« Senhor, (diz ella ao rei a quem off'rece
Dura pistola) pega-lhe, e teu seja
O signal da batalha; es o monarcha,
E onde é que estás ser deves o primeiro
Em tudo; busca, escolhe um alvo dignó
D'um teu golpe, e a morte aqui t'espera,
D'algum modo, ó senhor, morre vingado! »
Mas sangue o rei não quer, que seu não seja...

Chegado á curia insana o rei piedoso,
Que trezentos Suissos traz comsigo,
E outros tantos feroçes granadeiros,
Podendo inda á maneira d'Alexandre,
D'um so golpe romper, cortar d'um jacto
Esse novo nó Gordio; elle se occupa
De brandura perder, de frustrar geito,
Em discutir, em disputar com monstros!
A guarda que trouxera então despede;
Á que em palacio tem de novo ordena
Que não resista, manda fazer alto
Ao resto que marchava de Ruele;
E contra corações forrados d'aço
Elle se deixa estar munido apenas
De razão, d'innocencia, de palavras!...
Alli tres dias é, que são tres evos
Por sua intensidade d'ignominias,
E d'ultrajes, sem calculo, sem conto,
E tam so numerados pelos golpes
Do ferro, que entretendo, ao longe, ao perto
Degola, abate, prostra, despedaça;
E pelos ais dos que escapando ao ferro,
Insufficiente ao cômputo das hostias,
Vivos devora o fogo, engole o rio!...

Eis que ao templo fatal levado é logo
Per Petion sem lei, em companhia
De Manuel sem Deus, que em sua estrada
Ver-lhe fazem na praça de Vendome

Rotos, apesinhados, desparzidos
Pela barbarie os miseros destroços
Do vencedor dos Guises, dos Mayennes!

Recluso sôbre o novo seu palacio
O bom monarcha, o mesmo foi soltar-se
Quanto descaramento, arrôjo quanto
Pensar-se póde; e especie d'honras novas,
Ou d'obsequios não ha, que não lhe rendam
Seus briosos vassallos! alli ouve,
Porque o firam no sangue, e n'amisade,
De Polignac o barbaro assassinio,
C'o do velho Brissac, e a morte indigna
D'innocentes prelados, bispos sanctos.
Mas não basta aos crueis, que lh'atormentem
Seus ouvidos; convem quebrar seus olhos,
Torcer-lhos, deprimir-lhos, arrancar-lhos,
Expondo a elles sôbre poste infame,
Oh ceos! como o direi! da virtuosa
Alambále a cabeça; a cuja vista,
E enorme atrocidade, a ella adjuncta;
Inda o mesmo Astaroth se horrorizára!...

Um templo vasto era prizão folgada
Para um reo de taes crimes: bem que crimes
Que apenas existiam na toldada
Mente de seus preversos delatores!
E transferido é logo o rei sagrado
Ao recinto da tôrre d'esse mesmo

Templo execrando :... eis largo fôsso em roda
Vivo o quer separar do franco aos vivos
Commércio humano; pois os mais que o tractam,
São so feras, são monstros! a luz mesma
Dos ceos, patentes ao mais rude escravo,
Se lhe tolhe, e a favor d'escassa fresta
Mal lhe dão que respire um ar corrupto.
Sette portas de bronze, e outros tantos
Postigos, de que pende massa enorme
De ferrôlho tenaz, mais o resguardam ;
Arrepiam-se as carnes, e o cabello *
D'ouvir-lhes o estridor, de o vulto olhar-lhes!
La privados lhe são os utensilios
Nescessarios á vida : mesmo aquelles
Que mais perto o vigiam, no teem arma;
E o comer proprio alli se lhe examina,
Afim de que entre tantos sceleradôs
Um talvez não se encontre, que piedoso
A morte lh'antecipe!... É d'ésta horrenda
Masmorra, onde Chambom, recente *maire*,
Vem conduzi-lo á barra criminosa,
Que busca interrogá-lo sôbre culpas
Que ella so cometteu : e alli, sustido
Per algum anjo interno, inda resfolga,
Respira inda o magnanimo monarcha,
Respondendo a questões, que em próva sua
So teem por documentos fraude e dolo;

* Verso de Camoes.

Cuja refutação e longo exame,
Se lh'aprazam somente per dous dias!

Mas em seu exterior sem gala, ou pompa,
Sem nada mais de rei, que a voz e alma!
Ao ver-lhe a face macerada, e o roixo
Labio mudo, seu traje mais que simples,
C'o a longa barba intonsa, parecêra
Um d'esses infelices, que seu êrro,
Ou alheia omissão, per tempos largos
Subterrado escondeu; mas que de resto
Á luz volve de barbara enxovia!
Ao ouvir-lhe a phrase magestosa, e augusta,
Julgar-se-hia algum d'esses venerandos
Inspirados dos ceos, que após d'austera
Penitencia em deserto, ou lapa obscura
Olhou a primitiva, annunciando
Alta serie d'incognitos futuros!...

Desde a manhan viera, e alli retido
Até a tarde longa, em quanto chega
O duro conductor, não o monarcha
De vinte milhões d'almas, que nutríra,
Mas a debil cansada natureza
Solicíta, oh! requer fatia breve
D'humilde pão, que possa confortá-la!...

Debalde o velho illustre Malesherbes,
D'oitenta annos o gêlo saccudindo,

Toma um fresco vigor em defendê-lo;
Nem com mais fructo o jovene de Sése
Chama a si a provecta madureza
D'outro Cicero novo, que faria
Revogar a sentença a novo Cesar!...
Mas em logar de Cesar, feios brutos,
Brutos por condição, mais que por nome,
Alli so ha, e torpes conspirados,
Que d'um lado Orleans, co'a venenosa
Lente sua escandece, e d'outra parte
Accende Robespierre, esse perverso,
Successor em maldade comoem sangue,
Do infame Damiens, porque o assassinio
Que o avô verificar no avô não póde,
O neto o verifique sôbre o neto!

Ah! chega finalmente a crise enorme
De proferir-se a barbara sentença!
Forçada lei d'um tribunal forçado,
Nullo abuso illegal, inconsequente
Nos seus mesmos principios, per effeito
D'uma arrastada e falsa maioria
Onde um voto se compra, outro s'inverte,
(Qual o teu, Valasé, qual o de muitos!)
Manda que expire o rei; é d'elle o crime
Vontades d'elles! . . . .

Mas onde, onde haverão peitos de bronze
Que ossam intimar-lhe a atroz sentença?...'

Nada em que mais abunde a curia infame!
Garat e Hebert são d'ella os conductores :
Constante o rei os ouve inalteravel...
E mais não pede, do que so dous dias
De dilação, a fim de preparar-se
A responder em tribunal mais justo,
Onde um dia eu, e vós responderemos!
Porêm o curto prazo, concedido
Ao reo mais depravado, ao rei se nega;
E lhe annunciam, que a manhan seguinte
A postrema será que o sol lhe raie!

Seu esp'rito depura, e o fortalece
C'o mysterioso pão, que n'outro tempo
Partiu per seus amados o escolhido,
E que na grave ceia consagrado
(Segundo a veneranda crença sua)
Perdeu o antigo ser, e Deus foi logo!...

D'ést'arte preparado, assim disposto
Mais não resta, que ver em despedida
Sua augusta familia :... ah com que côres
Pintar-vos poderei, pois mando é vosso,
Sem que falhe o pincel, os tristes lances
D'uma scena a mais tragica? Immatura,
Crua separação d'esposo e esposa
Os mais ternos! Um laço, que nefando
Golpe duro cortou, mas que outro golpe
Reúnir ádepressa sôbre o mesmo

Jazigo, em cal involto, e raza a campa,
Sem orador que o fado lhes enfeite,
Sem pranto que lhes honre a sepultura.

Depois que o rei á tôrre se passára,
Atélli não lhe fôra concedido
Sem testimunhas ver sua familia;
E ao vê-lo agora so, inesperado,
Tranquillo o rosto, e proprio da grandeza
De seu peito immutavel, suppõe ella
Talvez os seus trabalhos terminados;
Ah! terminados sim, mas duro ferro
Terminá-los devia! e mal que escuta
A pena capital, que lh'era imposta,
É um grito geral o accolhimento
Da funesta notícia; um grito informe,
Que nas feias abobadas-retumba,
E que enfiando as breves gelozias
Vai longe divulgar a mágoa acerba!
Apos vária attitude, gestos varios,
Que a seu arbitrio a livre dor motiva,
Póde o terno Delphim poupar-se aos guardas
E voa até aos pateos, van clemencia
Implorando d'um povo, que raizes
Tem sôbre o coração, e tronco é duro;
Ah! misero menino! inda os teus mesmos
Dias não serão longos! D'outra parte
S'escapa Elisabetha em vão buscando
Levar seus ais, seus rogos a uma juncta

Petrificada, que nem ve, nem ouve;
E que fera, insensivel pouco logo
Irmãos no berço irmanará na tumba!

A raínha entretanto, que em delirio
Fería a nivea fronte contra as portas
Do pavaroso carcere, é chamada
Pelo rei, que n'um extasi d'espasmo
Atélli a cathastrophe medíra;
Volve ella á voz amada, por effeito
D'um socegado, subito transporte,
Que pareceu milagre: « Rei, e esposo,
(Assim lhe torna) unido ao teu meu peito,
De longos annos, que julguei minutos,
Uma lei houve em ambos, um so gôsto;
E agora que me dás tam nobre exemplo
Do valor de tua alma incomparavel,
Deveria Antonieta desmentir-se!...
Oh! não, não! tanto ao rei, como ao vassallo
Contados são os dias n'esse livro
D'eternos caracteres; transgredir-lhe
Ninguem póde um so dia o fixo prazo:
Vai completar-se o teu; o meu não tarda!
Quando porêm transpor-lhe o termo curto
Permittido nos fosse (o que sería
Por mais, ou menos anno) alêm do prigo
D'aggregar-mos mor côinputo d'angústias
Quem sabe se, no apêgo d'uma sempre
Vida incerta, illudir-nos poderiam

Para bem rematá-la o fausto e a pompa,
Que nada tem c'o home' á dor sugeito,
No burel, ou na purpura?... Oh! baldemos,
Sim, frustremos a um povo encarniçádo,
Tornando-o a nosso bem um rancor louco,
Ja que está n'isso a unica vingança,
Que sem crime nos resta!... Eu pois comtigo
Desde ja me conformo aos fados nossos,
Sem que d'elles me fique alguma queixa
Mais que a de não mandarem, que a um tempo
Eu possa acompanhar-te... Ah troca, troca
Um precario diadema por um sceptro,
Onde os punhaes do mundo alçar não podem!...»

E com isto a Luis os braços deita
N'um longo amplexo, soffocados ambos
D'um pranto, que não quiz a natureza
Deixa-lo supprimir por vãos esforços
D'arte van, ou d'aéreos raciocinios!

Inda eram abraçados, quando ruge
Sôbre os gonzos com rispido arruído
A ferrea grade; e entra a chusma horrenda
Que tragar deve a victima innocente!
Retiram-lhe a raínha; e em leda face
Desce o monarcha, e sobe logo ao coche...

Eis ja se arrosta o cadafalso iniquo;

Alli lhe prende as mãos, as mãos sem culpa
Carnifice maglino; alli lhe corta
Verdugo enraivecido os seus cabellos,
Que, apos outro malvado erguer aos ares
A frente dona sua, irão vender-se
Em público pregão a um povo insano!

« Filho de san' Luis! ide com elle
Gosar da palma que vos é disposta. »
Como por uma inspiração divina
Lhe exclamou Adjuvort. Sobe o monarcha
A passo magestoso, nem que fosse
Para um triumpho seu! chega-se ao lado
Do sinistro theatro, e em despedida
Busca inda protestar em branda phrase
Á ingrata nação seu nimio affecto
Mas Santerre, maldicto commandante
D'uma tropa maldicta, faz que um rufo
Rebombe emtôrno, a cujo som medonho
Toma o rei seu assento, a vida entrega
Aos nefandos, crueis executores!...

Mais caridosa, mais sensivel que elles,
Hesita um pouco a máchina terrivel;
Até que emfim se descarrega o golpe!...
Ás sacrilegas mãos d'algoz protervo
Luis perde a cabeça veneranda.....
Geme a virtude em sacrificio horrendo!...

Aqui Sydnei chegava, quando emtôrno
Um lugubre gemido, d'esde muito
Suffocado, o silencio alli quebrando,
Interrompe o orador, que mais não ousa.

SANTOS E SILVA, *Braziliada.*

O ALCAÇAR DA MORTE.

Eis repentino o sol no ethereo assento
Mostra dos ceos a cupula azulada:
Obra d'ingenho Luso, ergue o instrumento
Alemquer, com que mede ao sol a estrada;
O gran' genio astronomico fallece,
E o mar que corta absorto desconhece.

Em quanto se affadiga, equoréo bando
Das alcyoneas aves lhe resoa
Juncto ao bordo da nau, e o ar rasgando,
Viu que buscava a terra erguida á proa:
Balsamico vapor suave e brando
Sôbre as asas dos zephyros revoa;
Ceilão dest'arte ao longe o nauta sente
Pelo espargido cheiro em cópia ingente.

Começam montes de chegar-se umbrosos,
Que pelas nuvens vão metendo a fronte,
E a dilatar-se os valles deleitosos;
D'aqui d'alli rompendo argentea fonte:
E, quando o sol de raios luminosos
Do mais alto dos ceos enche o horisonte,

A fertil terra se descobre toda,
Parece que do mar banhada em roda...

Qual ja fôra o jardim delicioso,
Habitação de humana creatura,
Antes que o pomo infausto e luctuoso
Dos abysmos chamasse a morte escura:
Tal se descobre desde o pego undoso
Da terra ignota a magica pintura;
Mostra no verde chão, no azul da esphera,
Ser estação contínua a primavera.

Batia prigniçoso o mar na areia,
Em leve espuma d'ella se escoava;
De um largo rio crystallina veia
Se mostra, e sem fragor no mar entrava:
Um vergel innaccesso á luz phebeia
As encurvadas margens lhe assombrava,
Onde aves, que voando os ares fendem,
Entre as folhas c'o canto os ventos prendem.

De toda a parte os livres horisontes
D'auri-rosadas nuvens se guarnecem;
No longo fio de não rudes montes
(Painel suberbo!) os olhos desfallecem:
Rebentam-lhes da falda argenteas fontes,
Que os umbriferos valles humedecem;
Fórma o matiz das peregrinas flores
Ao longe uma so côr de immensas côres.

O viço e côr dos lindos campos era,
Qual do Ganges esmalta os ferteis prados,
S'intenso brilha o sol, o ardor modera
Nos vapores da terra ao ar levados,
E se torna suavissima a atmosphera,
Com perfumes de balsamo exhalados:
Tal a incognita terra, que apparece,
Aos Lusos como extaticos s'off'rece.

Lançam logo um batel nas ondas frias,
E aventureiro intrepido Velloso
Quer explorar as solidões sombrias,
Que pelas margens vêem do rio undoso:
Não teme expor da vida os frageis dias,
Nos mais difficeis transes animoso;
Ao lado seu o interprete não falta,
Com elle explorador na terra salta.

Não muitos passos dão na ignota areia,
Eis que se embrenham logo em selva escura,
Onde da clara alampada phebeia
Entrava frouxamente a chamma pura:
De palmares umbriferos se arreia
Aquella estranha, lugubre espessura;
Triste a copa dos cedros corpulentos
Suturnos echos reproduz dos ventos.

Rompem n'um valle ameno e dilatado,
Andando um pouco os Lusos caminhantes;

Era de fórma circular, fechado
Em roda está de teixos verdejantes;
No mais remoto fundo um levantado
Templo se ve de marmores brilhantes;
Que levantára egypcia architectura
Per onde vai do Nilo a lympha impura.

Seis columnas o portico sustentam,
Entre uma e outra em pedestaes erguidas,
Bronzeas estatuas vêem, que representam
Divindades télli desconhecidas,
Que temor, que esperanças alimentam,
Nas gentes d'Asia em sombras involvidas:
Extaticos os Lusos se suspendem,
De estranhas scenas taes nenhuma intendem.

Volve-se a tudo á vista, e se arrebata
No augusto templo collossal; e tudo
Da phantasia o término dilata;
Quanto c'os olhos se descobre é mudo:
De humanos pés se julga a terra intacta.
Eis de aspecto nem barbaro, nem rudo,
Subito um velho aos Lusos se apresenta,
Que assombro, e não pavor n'alma lhe augmenta.

Trajado vem de negra vestidura,
Que desde o collo aos pés fluctua ondeada;
Tem rosto venerando, a côr escura,
Rugosa a frente, a barba dilatada:

A nobre, não vulgar, alta estatura
Do tempo ao pêso tras como encurvada;
Tem nas robustas mãos nodosa vara,
E, mal descobre os Lusitanos, pára.

Não se perturba o generoso peito
Do Portuguez c'o vulto inopinado,
Co'a triste côr da veste, e turvo aspeito,
De um modo estranho, livido, escarnado:
Rompe o velho o silencio, e com respeito
Em doce tom de voz grave e pousado:
«Quem sois, lhes diz, mortaes que vejo e admiro
N'este do mundo incognito retiro?»

Da Arabiga linguage o noto accento
Pasma de ouvir. «Nós somos (um responde)
D'esse imperio que o sol no firmamento
Na Europa último ve quando s'esconde.
Pelos campos do tumido elemento
Buscando vimos os paizes, onde
No berço a aurora aos homens apparece,
Onde a Asia mais s'eleva e mais florece.

Involtos pelo mar no manto escuro
De um, como noite espesso, nevoeiro,
Da vista nos fugiu brilhante e puro,
Baliza em pólo austral, vivo cruzeiro:
Té que o veo sepulcral, medonho, impuro
Rompeu do mundo avivador luzeiro;

Ésta, incognita a nós, terra tocámos,
E aqui dos homens o vestigio achámos.

Tu nos descobre que paiz é este,
Se dista muito o lucido Oriente;
Que terra é ésta que s'enfeita e veste
De viva primavera em ceó clemente?
Se a habita um povo que soccorros preste
A quem batido vem do mar tumente;
Quem sejas tu; que portentoso templo
É este que elevar-se ao ar contemplo? »

« Estais (lhe diz o velho) em dilatada
Ilha, que cérca o Indico Oceano;
D'essa riqueza e mérces abastada,
Por quem se affana tanto o peito humano :
É ésta augusta máchina sagrada
Dos ceos, da terra e mar ao soberano;
E d'outra vida em solida esperança,
Dos nossos reis a cinza aqui descança.

Alcaçar é da morte : eu consagrado
Seu sacerdote sou n'este profundo
Prophetico silencio, e separado
Da estrepitosa confusão do mundo :
Da eternidade nos umbraes lançado,
A solidão me apraz, so me é jucundo
Da morte e do sepulcro o pensamento,
D'elle me anímo, d'elle me apascento.

Do tracto humano longe, e mui distante
Existo aqui da côrte populosa;
Vinde admirar na máchina prestante
Sentada a morte em cinza luctuosa.
Sobe os degraus de mármore brilhante,
C'os Lusos entra a porta sumptuosa,
E no recinto vêem d'ambos os lados,
Os mausoleos de pórphido lavrados.

Sôbre leões de brônze alto s'erguiam
Funestas urnas de inscripções coalhadas;
Emtôrno aureas alampadas que ardiam,
D'alli affastam sombras carregadas:
Com desusado assombro os Lusos viam
Em jaspe oriental as entalhadas
Effigies de reis barbaros; sustinham
Na dextra a espada, e diademas tinham.

No centro bem do templo, e levantado
Mais que os outros, um tumulo se ostenta;
De mais suberbos symbolos ornado,
Aos enlevados Lusos se apresenta:
De alabastro finissimo lavrado
Feminil busto a magestade augmenta,
E diz que illustre cinza alli se encerra,
(Se é nobreza o que é cinza!) e escura terra.

« Que despojos mortaes no seio occulta
(Velloso exclama) a triste sepultura,

Que entre os suberbos mausoleos avulta
Mais na funerea pompa e na esculptura? »
« Este o podêr dos seculos insulta
Tropheo de amor, e tymbre da ternura,
(Lhe diz o velho; e se lhe enfia o rosto,
Onde se pinta a imagem do desgôsto.)

Aqui s'esconde misera donzella,
(Torna em soluços) que a mesquinha sorte
Fez entre todas por extremo bella;
Deu-lhe a belleza um throno, e deu-lhe a morte:
A seu berço fulgiu maligna estrella;
Do que hoje é nosso rei ja foi consorte,
E a mesma augusta mão que a eleva tanto,
Á morte a quiz votar, e a nós ao pranto.

Desde a origem do imperio é lei guardada,
Que esposa veda ao regio dominante,
Que possa ao throno alçar-se, e ser chamada
Sôbre estes povos árbitra e reinante:
Lindára, tanto por seu mal amada,
Tanto soube prender o incauto amante,
Que elle da lei fundamental se absolve,
E erguer ao solio a misera resolve.

Chega o termo fatal; fausto, e grandeza
Se contemplava em tudo, em tudo havia:
Subia ao throno; toda a natureza,
Vendo-a no solio, é subito sombria:

Eu vi n'um veo de funebre tristeza
A nossos olhos esconder-se o dia;
Eu tudo em lucto vi, tudo em desmaio,
E vi sem nuvens fuzilar um raio.

Lindára muda a côr, treme a s'espanta,
E cuida o rei que o ceo se mostra irado,
Que manda o raio porque a lei quebranta,
Que não permitte esposa ao regio estado:
Do magestoso throno se levanta,
Como da morte horrifica assombrado;
Mais e mais cresce a sombra horrenda e feia,
O ceo fuzila, a terra balanceia.

Com tam tristes signaes espavorido,
Cuida escutar a voz de eterno arcano;
(Do fanatismo barbaro opprimido,
Seu mesmo mal abraça o peito humano;)
Julga que o ceo se aplaca, enfurecido,
A golpes, qual não dera um tigre hircano:
Sem se abalar da natureza ao grito,
Julga virtude heroíca um delicto.

Assim confuso, trémulo e suspenso,
Co'a malfadada esposa premanece;
Mais se carrega o ar sombrio e denso,
Que subito relampago esclarece:
Rompe o lume trisulco o espaço immenso,
Lambe-lhe o sceptro e purpura, e fenece:

Elle a chamma fatal vendo apagada,
N'um ponto arranca a fulminante espada;

E clama : « Eu quiz no throno a formosura,
Qual nunca a natureza a humanos dera;
Não foi cego capricho da ventura
Quem Lindára conduz do throno á esphera;
Mas oiço a voz do ceo na sombra escura
Que me intíma do imperio a lei severa;
Sacrifique-se á lei de amor a chamma;
Que do estado o dever mais alto clama.

Eu sei cortar d'amor o laço estreito... »
E abaixa a espada triumphante em guerra;
Todo no eburneo, delicado peito
O ferro infausto e deshumano enterra :
So ficam lirios no formoso aspeito,
E corre o sangue em borbotões na terra...

Do tremendo espectaculo da morte
Mudo se aparta o povo espavorido;
Nos annaes que com sangue escreve a sorte
Nunca foi quadro similhante ouvido :
Nada póde existir que o rei conforte,
Inda hoje em mágoa, em sombras involvido;
E é testemunha o mausoleo suberbo
Do amor antigo e do tormento acerbo. »

Com tam barbara scena ambos os Lusos,
Sem saber ond'estão, se olham pasmados,

Os olhos volvem tremulos, confusos,
Pelos tristonhos tumulos sagrados :
Crem que magica vara os tenha illusos!
O sacerdote que interpreta os fados,
Vendo o assombro que n'elles se derrama,
Com tom de voz prophetica lhe exclama :

« Em voz de assombro a imagem se devisa,
Offendida observando a natureza;
D'est'arte o fanatismo a tyranniza,
E os brados seus indomito despreza :
Assim despota horrendo insulta e piza
Ternura, amor, podêr, sceptro e grandeza,
E d'Asia, onde ides, os imperios cheios
São d'estes quadros horridos e feios.

Este onde estais imperio poderoso
Abrange quasi a fertil Taprobana :
Grande em commércio, em guerras é famoso,
De antiga origem de tropheos se ufana :
Talvez que seja o berço glorioso
Onde teve princípio a especie humana;
Mas perdem-se os annaes, perde-se a historia
N'ésta, escondida em seculos, memoria.

Mas no meio uma voz d'antiga gente,
De gerações em gerações mandada,
Nos diz que uma nação, desde o Occidente,
Virá do mar cortando a vitrea estrada;

Um povo, ao qual captiva inclina a frente
Asia presa em grilhões, Asia domada:
Sois vós por certo o promettido povo,
Que deve dar á terra aspecto novo.

N'este templo é guardado o grande arcano.
Disse, e bronzeo ferrôlho a um cofre abria;
D'elle um lenço extrahiu, que ao Lusitano
Estranhissimo quadro offerecia.
« Quando (o velho lhe diz) for do Oceano
Cortada a parte austral profunda e fria,
Per mui fortes barões, de ferro armados,
Mudar-se-hão d'Asia de repente os fados.

Nova lei se ha de ouvir nos climas, onde
O Indo, o Ganges, retalhando a terra,
Dentro das ondas tumidas s'esconde,
Mais que tributo, ao mar trazendo a guerra:
Virá grande nação das partes d'onde
Á Europa pôsto o sol s'esconde e encerra;
Com quantos golpes e com fôrça quanta,
Quasi o Globo este povo opprime e espanta!

Vós que o ferro trajais, ao mar lançastes
O pesado grilhão nunca sentido;
Vós no escuro Occidente o sol deixastes,
É este o vosso aspecto, este o vestido:
Vós co'a espada, que em guerra fulminastes,
Tendes grandes nações d'assombro enchido;

A tal empreza vos tem certo o fado,
Desde a origem dos seculos, guardado...

Os Lusos dous attonitos voltavam,
Todos absortos na impensada scena;
A conhecida estrada atravessavam,
Que do templo divide a selva amena:
A fluctuante armada demandavam,
Ja quando a noite placida e serena
O veo de estrellas recamado abria,
E a lua o rosto no horisonte erguia.

C'o mesmo assombro o capitão famoso
A maravilha annunciada escuta,
No peito a volve insomne e cauteloso,
Em quanto o veo da noite o mundo enluta:
Mal do Ganges assoma o sol formoso;
Ao som do bronze chama a resoluta
Nautica chusma; co'a maré ja cheia
Sobe do rio a crystallina veia.

J. A. de Macedo, *Oriente.*

CAMÕES

EMPREHENDE E COMPLETA OS LUSIADAS.

« Nada na côrte obtive contrastado
Per tam forte inimigo e poderoso *.
Sem arrimo, sem pae — (Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos,
Que o sangue pola patria hão barateado
Para perder á mingoa o resto d'elle,
Meu pae de pura mágoa, e de despeito
Fenecêra em meus braços) so no mundo
Que me restava? Perecer como elle,
Ou per um nobre feito despicar-me,
Vingar a affronta d'uma patria ingrata.

« De taes ideias combatido o ânimo,
Um dia ás margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbas dores, passeiava,
E os olhos desvairados estendia
Per essa magestade de suas aguas
Coalhadas de baixeis, que as ricas pareas,
Que os tributos do Oriente véem trazer-lhe.

* O 1º. conde de Castanheira, D. Antonio de Atayde, grande valído d'el-rei D. João III.

Andando, meu espirito agitado
Se enlevava nas glórias, nos prodigios
Que a tam pequeno canto do universo
Ametade da terra avassallaram.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges envergados
De tropheos portuguezes; via o nauta*,
Que ousou galgar o tormentorio cabo,
E nos balcões da descuberta aurora
Hasteou as Quínas sanctas. Retiniam-me
Nos tremulos ouvidos os trabucos,
Que a golpes crebros as muralhas prostram
Do rico Ormuz, da próspera Malaca,
E da suberba Goa, emporio novo
Do novo imperio inmenso. Via acurvados
Reis de Siam, Camboje, de Narzinga
Aos pés do vencedor depor os sceptros,
E render, supplicantes, vassallagem.
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos ares
Per infernal ardil; e entre as ruinas
Dos inflammados bastiões, — dispersos
Os palpitantes membros d'esse filho**,
Por quem não correm lagrymas paternas;
Não, que martyr da patria é morto o filho.

* Vasco da Gama.

** D. Fernando de Castro, filho de D. João de Castro.

« D'esse pae venerando, — esse Fabricio
Da lusitana historia, renovando
Sob os arcos triumphaes da inclita Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes
Que so geraram Lusitania e Roma, —
De Vasco, de Pacheço, de Albuquerque
Inflammavám n'um extasi de rapto
Meu peito portuguez memorias grandes.
Quem taes milagres d'heroismo, e d'honra,
Quem tanta glória a tam pequeno berço
Foi tam longe ganhar? Quem a um punhado
D'homens, á mais pequena nação do orbe
Deu máres a transpor, veredas novas
A descubrir na face do universo;
Povos a subjugar, reis a humilhá-los,
Ignotos mundos a ajunctar ao velho,
E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?
Elles. — E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno prémio lhes ha dado? — A fome
N'um hospital galardoou Pacheco;
A Albuquerque a deshonra ao pé da campa;
Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
Sôbre o leito da morte mendigava*.

* Peço-vos (dizia esse governador aos assistentes) que em quanto durar ésta doença, me ordeneis da fazenda-real uma honesta despesa e pessoa per vós determinada, que com modesta taixa me alimente.
FREIRE, *Vida de D. J. de Castro.*

« Ingrata — ingrata patria. — Fatigado
Como de tanta glória, e tal vergonha,
Parei. Juncto me achava então do templo *,
Que a piedade e fortunas apregoam
De Manuel o feliz: padrão sagrado
De glória e religião; esmêro d'artes
Protegidas d'um rei, que soube o preço
— Alguma vez ao menos — ao talento,
A' lealdade, ao valor, ao patriotismo.
— Nem sempre; mas tam pouco de virtude
Basta n'um rei para esquecer-lhe os crimes!

« Aberta em pár do templo estava a porta;
Entrei. Nas vivas telas animadas
Dos pinceis de Campello ** se pasciam
Meus olhos admirados. Dei c'o tumulo,
De custoso lavor, que ahi resguarda
As cinzas do monarcha afortunado:
Afortunado em vida; — a morte, fecha-lhe
Sêllo do Eterno os labios descarnados:
São segredos de Deus os do sepulcro.
Mais cansado, que pio, ajoelhei-me
Sôbre os degraus do tumulo; insensivel,
No recostado braço a frente inclino,

* Igreja do convento de Belem.

** Manuel Campello estudou em Italia a pintura na eschola de Miguel Angelo, e de volta á patria foi nomeado pintor d'el-rei D. João III.

E descahi n'um languido deliquio,
Que nem morte, nem somno, mas olvido
Suavissimo é da vida. Somno embora
Lhe chamaria, se as visões tam claras
Mais rapto d'alma em extasi sublime,
Que imagem van de sonhos, as não visse.
Talvez sería natural effeito
De agitados sentidos; porventura
Mui credulo serei: mais alta causa
Do phenomeno estranho então a tive.

« Oh! sonho não foi esse. — Afigurou-se-me
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente,
Que mal embaça o lume das estrellas
No puro azul dos ceos: — foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana fórma irregular, — qual sohem
Ao pôr do sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte. —
Logo mais certas, mais distinctas fórmas,
Qual molle cera em mãos d'habil artifice,
Tomando foi. Ja claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas e longas:
Seus braços de extensão desmesurada,
Um sôbre o peito c'o indice apontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavâm. Viva chamma,
Como luz de carbunculo, brilhava

Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe soletrei — *Amor da patria.*

« Da maravilha como por incanto,
Sem receio, ou terror a contemplava,
Quasi de tal prodigio infeitiçado;
Quando estes sons, entre aspero e suave,
Mas solemnes ouvi: — « Joven ousado,
Grande empresa te coube *, — acerba glória,
De que não gozarás. Desgraças cruas
Fadam teus dias... Mas a glória ao cabo.
A patria, que foi minha, que amei sempre,
Que amo inda agora, gran' serviço aguarda
De ti. Um monumento mais duravel
Do que as moles do Egypto, erguer-lhe deves.
Pyramide será, per onde os seculos
Hão de passar de longe, e respeitosos.
Galardão, não o esperes. — Enganado
Por tredo aconselhar, ingrato hei sido,
E a quem! — Maiores de meu sangue ainda
Ingratos nascerão. Tu serve a patria:
É teu destino celebrar seu nome,
Os homens não são dignos nem d'as queixas
Escutar do infeliz. Segue ao Oriente,
Salva do esquecimento essas ruinas,
Que ja meus netos de amontoar começam
Nos campos, nos alcaçares de glória,

* Compor o poema dos Lusiadas.

Preço de tanto sangue, e mais virtudes.
Um dia... — Emvão perante o excelso throno
Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel
A sentença fatal tem de cumprir-se. —
Um dia inda virá, que envilecido,
Esquecido na terra, envergonhado
O nome portuguez... — Opprobrio, mágoa,
Dura pena de crimes! — tábua unica
Lhe darás tu para salvar-lhe a fama
Do naufragio. Tu so dirás aos seculos,
Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia.*
Como o encerado rôlo sôbre as aguas
Unico leva á praia o nome e a fama
Do perdido baixel. — Parte. Salvá-lo!
Salvá-lo, em quanto é tempo!—Extincto... Infamia!
Extincto Portugal... Oh dor!... »—Rompeu-lhe
O derradeiro accento d'éstas vozes
Em som de pena tal, e tam tremendo,
De tam profunda mágoa, que inda agora
Nos cortados ouvidos me rimbomba.
Estremeci, olhei; ja nada vejo:
Ou acordei, ou a visão se fôra.

« Dir-vos-ei que serena a mente e placida,
Que as ideias distinctas conservava,
Não como é d'uso ao despertar d'um sonho?
Fe me não prestareis: mas em minha alma
Tam claramente li como um reflexo
De inspiração maior que humana cousa,

Que sem hesitar mais, sem um momento
De incerto duvidar, assentei firme
No presuposto de seguir meu fado,
E ás descubertas plagas do Oriente
Ir demandar essa escondida sorte,
Esse feito, essa glória promettida
De engrandecer o ninho meu paterno.
Uma so cousa. — Confessá-lo é fôrça,
Mas que dizê-lo peje — acobardava
A tenção resoluta. Ir mar em fóra
A terras la tam longes, e deixá-la,
Deixá-la... e sem esp'ranças, nem aomenos
De inda a tornar a ver!... Sabeis quem digo;
Poupae-me a dor de proferir seu nome.
Dura, e ferida n'alma se travavam
Batalha amor, e patria. Amor vencia
Quasi... — Não triumphou... »

« Com pensamentos taes sahi do templo:
Escondia-se o sol d'além dos montes
Da outra margem do Tejo: alva e sem lume
Parecia no azul dos ceos serenos
Infante a lua, como um arco eburneo,
Que ao numen, que n'esse astro afiguraram,
Deram antigos vates. Mais sereno,
Mais bello pôr de sol jamais o hei visto
Nos desvairados climas decorridos
Em minha incerta vida. Ao longo vinha
Da solitaria praia respirando

A fresca viração, que mal das aguas
Leve encrespava a superficie apenas:
Uma voz me chamou, — voz que em meu peito
Ouve inda o coração — voz doce e meiga,
Que nunca mais... Oh! nunca mais na terra
Escutarei dos vivos... — volvo o rosto.
De baixa gelosia me acenava
Com um candido veo mais nivea e candida,
Formosa e breve mão. Fluctuando ao vento
O veo cahiu, e a dextra desparece.
Ergui-o palpitando: um nó o atava,
E verde fio de ligeira seda *
Fecha um bilhete; abri-o, li: — «Roubado
Foi este instante a barbaros tutores.
Insensatos! vigia mais do que elles
Amor, que póde tudo. A minha glória,
Pu-la em teu coração; minha ventura,
Minha vida, o meu ser de ti confio.
Parte — é fôrça partir... — Ausencia dura,
Separação cruel so póde unir-nos.
Sai a frota ámanhan: vai alistar-te:
Campo no Oriente a grandes feitos se abre.
Volta com nome tal, que tudo vença.
Eu vivirei de lagrymas... — Embora.
Matar-me-hão saudades... — Não, não hão-de.
Ver-me-ás ainda; um anjo hontem m'o disse

* Era esse o modo de fechar as cartas n'aquelle tempo.

N'um sonho tam feliz! — Era eu vestida
De riquissimas galas; e alva c'roa
De rosas me toucava: tu a um lado,
Triste — não sei porquê: outros de lucto;
Não me admirou, que nosso amor não querem.
E o anjo assim me disse. E mais, que um dia
Tamanho se fará teu nome e glória,
Que encha o universo.—Vai: adeus!... Terrivel,
Amargo adeus é este... Não importa.
Parte... e jamais te esqueças... »
Uma lagryma
Dilíra o mais das lettras; — quente ainda
A senti no papel... — Mudo e sem vida
Horas longas fiquei parado, estatico,
No coração a carta, os olhos fitos
Na avara gelosia. Alta ia a noute;
Agua acima passava uma falua:
Bradei, accodem, a Lisboa volto,
E ao outro dia, na maré da tarde,
Da poppa d'um galeão via fugindo
O Tejo, as suas ribas deliciosas,
Depois a terra; — alfim o ceo e as aguas
Sos com minhas tristezas me ficáram.

« Annos sette vaguei de terra em terra,
Ora vendo essas ilhas *, onde aquece
Eterno fogo desusada fôrça,

* Molucas.

Ora os deliciosos habitantes
Da malaia peninsula. — Um repoiso,
Placido quanto o gozam desgraçados,
Encontrei na escalvada penedia,
Onde na roca esteril se alevanta
Macáo, fertil agora das riquezas,
Que o manancial do tráfico lhe verte.
Alli, so com meus tristes pensamentos,
Livre aomenos dos homens, so comigo,
Co'as lembranças da patria, co'as saudades,
Que la me tinham coração e vida,
Se não feliz vivi, sequer tranquillo.

« Nas penhas d'essa ilha abriu natura
Cava na rocha, solitaria grutta *,
Onde as nayades frias vão coitar-se
Do ardor da sésta : á entrada lhe vicejam
Recendentes arbustos, heras crespas;
E no vivo rochedo lhe entalharam
Mysteriosas mãos ignotas lettras.
Talvez em longes eras meditasse
Solitario discip'lo de Confucio
N'essa caverna as eternaes verdades
Do grande *Tien*, do deus da natureza,
Que ao Socrates da China se amostrára
Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,
Que ao amante de Phedon **.—Vem quebrar-se

* Chamada ainda hoje a grutta de Camões.
** Socrates.

Perto o mar, que se espraia longo e longo,
Té se perder no extremo do horisonte.
Alli, de soledade amarga e doce,
Esquecidas passei horas ditosas;
Ditosas, — se jamais fio d'areia
Na voadora ampulheta me ha corrido
Horas, que taes se chamem. — N'esse poiso
De suave tristeza me accodiam
Á memoria as ideias do passado,
Magoadas co'as lembranças do presente,
De envolta com receios do futuro;
E acaso de esperança verdejava
Leve folha dos ventos assoprada.
Patria, oh patria! — dizia — é pois um sonho
Essa visão, que por celeste a tive?
Teu nome eternizar, dar brado á fama,
Que de ti digno, digno de Natercia *
As gerações pasmadas me apregoem...
Assim vos dissipais, visões de glória,
Como fumo que se ergue da choupana
Para subir aos ceos, — que Euros dispersam,
Quasi punindo-o de tenções tam altas!
Que póde em pro da patria um desgraçado,
Perseguido, no exílio inmerecido?...

« Uma voz ca do íntimo do peito
Cuidei ouvir que assim me respondia:

* D. Catherina de Atayde, de quem sempre fallou Camões, nos seus versos, com este anagramma.

—Póde mais do que a espada, a voz e a penna;
Feitos de glória immortaliza o canto,
Salvam do olvido as musas. Vive a fama,
Que em versos divulgáram numerosos
Vates de Grecia e Roma. É menos digno
De eterno carme o peito lusitano *,
A quem Neptuno e Marte obedecêram,
Que essas do sabio Grego, e do Troiano
Navegações mentidas, fabulosas?
Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas
Não excedem os sonhos mal fingidos
De Orlandos falsos, e de vãos Rugeiros?
Do incerto Eneas para si não toma
Fama e renome aquelle Gama illustre,
Que ousado em p'rigos, e esforçado em guerras,
Mais do que permittia humana fôrça,
Cometteu e prefez acção tammanha?

« Na mente, como c'um impetu invencivel,
Me dava abalo o altivo pensamento.
Grande é o arrôjo, desmedida a altura,
Onde me afouta de subir a ideia.
Embora, embora; seguirei meu fado.
As nymphas invoquei do Tejo ameno,
Que em mim creassem novo ingenho ardente,
Que a tam subida empresa se elevasse.
Emprendi, persev'rei no ousado intento;

* Lus., cant. I. est. 3, até 12

Trabalho d'annos foi: alfim completo,
Com elle á doce patria me voltava
No benigno favor esperançado
De meus concidadãos, no de um monarcha
Prezador das virtudes, do heroismo,
Que em meus versos cantei.—Mais doce ainda,
De mais subido premio outra esperança
Me alentava... Ai de mim! um longo sonho
Minha existencia ha sido. — E pois que nada,
Nada ja'gora me ficou na terra...
Sem *ella*... oh! nada—que me resta?...A morte.»

Anonymo, *Camões poema.*

MORTE DE CAMÕES.

. . . . Emtanto as velas
Ja pelo Tejo undivago branqueiam;
As phalanges de intrepidos guerreiros
Cobrem suas longas praias. Lamentando
Estão d'emtôrno as mães, ternas esposas,
Os filhinhos nos braços amostrando
Aos paes, que o gesto angustiado voltam
Para os não ver, que se lhes parte a alma.
Mas quem são esses dous, que ahi sôbre a praia
Tam estreitos se abraçam? Correm lagrymas
Per olhos, que a vertê-las não costumam;
Em peitos se reprime o adeus sentido;
Peitos, que o não contêm.
— «Adeus!... A vida
É mais difficil, filho, do que a morte.
Supportae-a; mostrae-lhes que sois homem,
Que sois christão: perdoae...»
—«Perdoar eu!... Nunca.
Malvados, que me roubam tal amigo!
Unico amparo so que me-restava;
Que d'envolta co'a patria, co'as esp'ranças
D'um povo inteiro, a vil sepulcro o levam!

Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro
Accento de meus labios moribundos
Será de maldição sôbre essas frentes
Carregadas de crimes.»

— «Perdoae-lhe,
Perdoae-lhe: a affronta propria é juiz suspeito.»
— «A minha affronta, oh! essa, eu lh'a perdoo·
Mas a da patria...»

—«Adeus, adeus!»

Chegava
El-rei então; signal de partir soa:
Ja se movem as naus; e as altas pontes
Se eriçam de belligeras phalanges.
Redobra o pranto. — Anchora sobe; antenas
Se espandem... La te vas, e para sempre!
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e glória.

. . . .

«Que me resta j'agora?» os olhos longos
Para a frota, que perde no horizonte,
Comsigo o vate diz: «O que me resta
Sôbre a terra dos vivos? Um amigo,
Um amigo, n'este arido deserto
Da vida, me fallece. Um bordão unico,
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O número está cheio
De meus dias contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
Do fado negro e mau. Posso eu acaso

Nos corações contar dos homens todos
Uma so pulsação, que por mim seja?
Posso dizer... » — Gemido, que ouve perto,
O interrompeu. Era o seu Jáo, que afflicto
O escutava. Do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvi-lo assim queixar.» Ah! se eu não fòra
(Com os olhos e as lagrymas dizia;
Com os olhos, que labios o não ousam)
« Ah! se eu não fòra um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe! »
Tu, generoso amo, lhe intendeste
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrymas.
— « Tens razão; injustiça é grande a minha:
Inda tenho um amigo. »
Pausa longa
Seguiu éstas palavras, que no peito
Ao generoso Antonio desafogam
O coração, que lhe apertava a mágoa;
Nos olhos, rasos do chorar ainda,
A alegria lhe ri per entre o pranto.
E o amo, a quem signaes de tanto affecto
Movem no íntimo d'alma; sente um golpe
De balsamo cahir-lhe sôbre as chagas
Do coração lanhado: a dextra languida
Poisa no hombro fiel, o peito encosta
Sôbre o peito leal do amigo... — Amigo
Direi; amigo sim: peja-te o nome,
Orgulho do homem vão, por dado a escravos?

E que és tu mais? — Era de ver, e digno
Espectaculo, aonde se cravassem
Os olhos todos d'essa raça abjecta,
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, onde toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a fôrça d'ânimo,
C'um andrajoso humilde e pobre escravo
Em attitude tal. Rira-se o mundo;
O homem de bem, de coração, chorára.

— « Oh meu amigo, oh meu Antonio » — disse,
No remendado seio a face altiva
Escondendo o guerreiro — « Oh! ésta noute
Aonde, em que poisada a passaremos?

— Meu bom senhor, um gasalhado tenho
Achado ja; que bem vi eu não ieis
Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,
De vós não é; mas sabeis...»
—« Sei, amigo,
Que so tu, n'este misero universo,
— E o sepulcro tambem — alfim me restas. »

Junctos á margem vão do Tejo andando
A lento passo. A noute era formosa,
Clara e brilhante a lua. Oh! que memorias
N'alma do vate, esse astro, a hora, o sítio
Não suscitam amargas? Perto passa
Daquella gelosia, aquella mesma,

D'onde os doces pinhôres, d'onde a carta
Recebêra fatal. Quam demudada,
Quam differente está, do que a ja víra,
Essa praia tam placida e saudosa.
Um plátano frondoso, que hi crescia,
Em cujo liso tronco tantas vezes
Se encostou, aguardando a hora tardia,
(Praso dado d'amor, que é tardo sempre)
Cuja sombra em luar, pouco propício
A amantes, o occultou de agudas vistas
De curiosos-profanos, e inimigos;
Ai! sêcca jaz em terra, e despojada
De viço e folhas a árvore querida.
Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,
Menos a saudade que o consume.

Sua pobre habitação os dous entráram;
E tristes horas, dias, mezes passam
Arrastados e longos, — qual o tempo
Para infelizes anda, — sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos. — Mas a mão tremente
Encarquilhada e sêcca ja sôbre elles
Ia estendendo a pallida indigencia;
E a fome... a fome alfim. — Clamor pequeno,
Que de minhas endeixas tenue soa,
Se juncte aos brados das canções eternas,
Com que o teu nome, generoso Antonio,
Ja pelo mundo engrandecido echoa.

Vêde-o, vai pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadora,
De porta em porta tímido esmolando
Os chorados seitis, com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes*,
Dae esmola a Camões. Eternas fiquem
Éstas do estranho bardo * memorandas,
Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo, e escarmento, conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

Não póde mais o coração co'a vida;
E lenta a morte c'o infezado sangue
Caminho vem do peito. O espaço mede,
Que lhe resta na arena da existencia;
Perto a barreira viu... Ahi jaz o tumulo.
Chegado é pois o dia do descanso.
Bem vinda sejas hora de repoiso.
Com a trémula mão tenteia as cordas
Daquella lyra, onde troou a glória,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,
E a patria...—Oh! e que patria os ceos lhe deram!
Off'rendas recebeu de hymnos celestes;
Pela última vez as cordas fere,

* M. Raynouard, na sua ode a Camões. Esta ode traduzida por tres Portuguezes em París, e modernamente annotada, foi impressa na regia officina typographica de Lisboa.

E este adeus derradeiro á patria disse,
Cortando-lhe o alento enfraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada:
Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte aomenos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos
Não voáram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me ingeitaste.
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre aomenos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.

» Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo á sepultura? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado.
E tranquillo direi: *vivi*; — tranquillo
Direi: *morro*. Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado! Não: contínuo,
Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado ímpio dos maus. Eu socegado
Na terra de meus paes heide encostar-me.. ..

» Ja me sinto ao lumiar da eternidade:
Veo, que ennubla, na vida, os olhos do homem,

Se adelgaça : rasgado, os seios me abre
Do escondido porvir... — Oh! qual te has feito,
Misero Portugal. — oh! qual te vejo,
Infeliz patria! Serves tu, princeza,
Tu, senhora dos máres!... Que tyrannos *
As aguas passam do Guadiana? A morte,
A escravidão lhes tras ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.
Que naus são essas, que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros
Varrem o Oceano **, que pasmado busca,
Em vão! nas poppas descubrir as Quinas.
Em vão; da hastea da lança escalavrada
Roto o estandarte cai dos Portuguezes.

» Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da glória lusitana... Uma faísca,
Esquecida a tyrannos, la scintilla
Mas quam debil que vens, sôpro de vida.
Um so momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, enferma
So te ergues d'esse leito de miseria
Para cahir, desfallecer de novo.

» Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que máres? Ja teu nome ignora

* Os Hespanhoes.
** As naus hollandezas.

Neptuno, que tremeu de outrora ouvi-lo.
Suberbo Tejo, nem padrão aomenos
Ficará de tua glória? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim : recebe-o, guarda-o,
Generoso Amasonas, o legado
De honra, de fama, e brio : não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.
Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto
O paterno casal cahir de todo,
Ingratos filhos, a memoria antiga
Não guardareis do patrio honrado nome?

» Oh patria, oh minha patria!... »
A voz, que afrouxa,
Interromperam sons desconhecidos
De voz de estranho, que na estancia humilde
Entra do vate. — « Perdoae, se ousado
Entrei, senhor; mas...»
— « Quem sois vós? Ha inda
Homem no mundo, que a poisada obscura
D'um moribundo saiba? »
— « Cavalleiro,
Desde o alvor da manhan que vos procuro :
De Africa hoje cheguei... »
— « Ah! perdoae-me.
Sois vós, conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis? »
— « Tristes novas, cavalleiro.

Ai! tristes. D'ésta carta que vos trago
Sabereis tudo. » —
Ao vate a carta entrega :
Do missionario * era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saúdoso e triste,
Mas resignado e placido lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De alívio e de esperança. — « Extincto é tudo
N'ésta mansão de lagrymas e dores;
(As lettras dizem) tudo; mas a patria
Da eternidade, so a perde o impio.
Deus, e a virtude restam : consolae-vos... »

» Oh! consolar-me... (exclama, e das mãos trémulas
A epistola fatal lhe cai) Perdido
É tudo pois!... » No peito a voz lhe fica;
E de tammanho golpe amortecido
Inclina a frente, e como se passára,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Anciado o nobre conde se aproxíma
Do leito... Ai! tarde vens, auxílio do homem.
Os olhos turvos para o ceo levanta;
E ja no arranco extremo : — « *Patria, ao menos*
Junctos morremos... E expirou co'a patria. »

* Fray Joseph Indio. Veja-se a nota do poema, pag. 204.

Anonymo, *Camões poema.*

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

INDEX.

INDEX

DO TOMO I°.

EPICOS.

CAMÕES.

CORTEREAL.

LUIS PEREIRA.

QUEVEDO.

LOBO.

CASTRO.